= Ferreira Pestana, Daniel =

PRINCIPIOS

DE

GRAMMATICA GERAL

APPLICADOS

Á

LINGUA PORTUGUEZA.

Publicados e offerecidos

Á

MOCIDADE DE GOA

POR

D. F. P.

Nova-Goa

NA IMPRENSA NACIONAL.

1849.

ADVERTENCIA.

Nisi utile est quod facimus,
Stulta est gloria.
Phedro.

O Senhor Marceliano Ribeiro de Mendonça, Professor das cadeiras de Ideologia e Rethorica, no Lyceu do Funchal (Madeira), havendo-se dado ao trabalho de systhematisar uma nova Grammatica Portugueza, que substituisse cabalmente não só a de Lobato e outros autores, hoje antiquados, mas que devidamente harmonizasse a Razão e Philosophia Natural; poisque o aprender não é só decorar o que se ouve ou lê, mas sim comprehender os pensamentos d'outrem, guiados pela razão e principios logicos; depois de aturadas fadigas, e arduo e insano trabalho de espirito; depois de numerosas e consecutivas combinações, confrontando as divergentes opiniões dos grammaticos, assim nacionaes como estrangeiros; despresando sempre os

paralogismos de uns, as illusões de outros, e colhendo sómente os principios sãos e verdadeiramente philosophicos; espreitando com incessante desvelo a indole e caracter da lingua materna: levou ao cabo esta tão util, quanto laboriosa tarefa. Em breve colheu elle os louros d'esta difficil e litteraria victoria; porque teve em continente quem lhe retribuisse o justo premio da sua delicada cultura; quem abraçasse de convicção as suas idéas sôbre a Grammatica; foi, em uma palavra, um regenerador da Grammatica da lingua!

Logo todas as escholas, assim publicas como particulares, arrojaram para longe de si essas enfadonhas Grammaticas de Lobato e outros! — Apagaram e rejeitaram, com um repudio consciencioso *os mal deduzidos, e confusos principios d'esses grammaticos, outr'ora dominantes!* — E, como que a uma só voz, todo o corpo escholastico applaudiu, e recebeu no gremio de sua razão esse quadro matizado de novas idéas! — Qual brilhante farol, que no meio de fechada

cerração de tenebrosa noite, lhes descobria não só os baixos que deviam evitar, senão a derrota que convinha seguir, para chegar a salvo ao porto desejado.

Eu fui um d'esses, que tambem concorri a essas scenas escholasticas; foi d'esse philosopho grammatico que recebi algumas noções d'esta arte, e a elle devo os escassos principios que possuo.— Mas quem não fôr eu; quem mais bem aquinhoado de talentos fôr; quem dér a minima attenção á instrucção-grammatical; quem finalmente não quizer admittir um principio qualquer — não obstante geralmente admittido — sem a respectiva razão logica: *lêa esta Grammatica philosophica e geral, em seus principios, a todas as linguas analyticas;* que eu tenho para mim, que o desenvolvimento de suas idéas, a justa combinação d'ellas, e as razões por conclusão, hão de ser mais satisfactorias, mais luminosas; hão de combinar-se mais facilmente com o discernimento e methodica disposição instructiva, que sem-

pre illumina o espirito dos Estudantes de Goa.

Havendo pois pintado ao Publico o quadro fiel do justo encomio, tal qual o recebêra o autor da Grammatica, que ora apresento, dar-me-hei por contente e de todo satisfeito, se chegar a ouvir iguaes sinceros votos em seu louvor; e que vós, Jovens Estudantes, benignos agasalhaes este meu somenos, mas esperançoso fructo. Eu aguardo que em breve a experiencia, *verdadeiro crysol de todas as theorias*, vos mostrará que, guiados per este novo methodo, na acquisição de taes idéas, alcançareis o justo fim de vosso pensamento; e da nova estrada que ides trilhando, sabereis dar decisivas rasões dos variados pontos perque ides passando.

Agora resta pedir-vos me releveis: 1.º — e principalmente, o figurar talvez como *grammatico*; mas n'isto não ganho mais que pôr em obra um innocente pensamento; 2.º — o apresentar-me *edictor*, arriscando, por ventura, o bom acolhimento da edicção!

Porém, per qualquer face que olheis *este objecto litterario*, nutro commigo a esperança de o vêr *fructificar* em vossas mãos; e de mais, o passa-tempo litterario-instructivo preenche assaz o preceito do judicioso Legislador Romano do Parnaso, quando diz:

Omne tulit punctum, qui miscuit utile dulci,
Lectorem delectando, pariter que monendo.

Finalmente a redacção e typo d'esta obra carecem da vossa indulgencia: 1.° — na exposição do pensamento quasi sempre ha demoras e interrupções; e como diz o autor acima citado:

Opere in longo fas est obrepere somnum.

2.° — a Imprensa mesma está safada de bons, e proprios caractéres typographicos.

INDICE DAS MATERIAS.

PARTE 3.ª

PRINCIPIOS
DE
GRAMMATICA GERAL
APPLICADOS Á
Lingua Portugueza

Introducção.

GRAMMATICA é a arte que nos ensina a analysar nossos pensamentos e enuncial-os.

As partes da grammatica são duas; uma *logica*, outra *mecanica*: a primeira ensina-nos a analyse, a segunda, a enunciação do pensamento.

A parte logica—ou nos dá conhecimento dos signaes que entram n'essa analyse, e se diz *etymologia*—ou das differentes relações que os ligam, e denominâmol-a *syntaxe*.

A parte mecanica ensina-nos a enunciar o pensamento—ou per meio da palavra fallada, e constitue a *ortoepia* —ou per meio da palavra escripta, e é a *orthografia*.

PARTE PRIMEIRA.

LIVRO I.

Da Etymologia.

CAPITULO I.

Da Etymologia em geral.

ETYMOLOGIA é a parte secundaria da grammatica,

que nos dá conhecimento das differentes especies de palavras, sua natureza e variações, segundo o aspecto perque se contemplam os objectos que designam.

A duas classes geraes se reduzem todas as palavras de uma lingua, todas as da lingua portugueza— palavras nominativas ou *nomes*, e palavras connexivas ou *preposições*. D'estas duas classes é que nos vae dar conhecimento a etymologia.

CAPITULO II.

Dos nomes em geral.

Nome em geral é qualquer palavra com que designâmos — ou idéas que existem per si, — ou idéas que existem n'aquellas, fazendo parte d'ellas: vg. "*Este homem justo.*"

Se o nome designa idéa que existe per si, é *substantivo*: vg. "*Este homem*;" se idéa que existe n'outra cuja parte faz, *adjectivo*: vg. "*Justo.*"

CAPITULO III.

Dos Substantivos.

Nome substantivo designa idéa que existe per si: se esta é idéa de um só individuo, o substantivo é *proprio*: vg. "*Camões*;" se é idéa que, em virtude de certos signaes que se lhe reunem, é applicavel a todos, a alguns, a um só ou nenhum individuo, o substantivo é *commum*: vg. "*O homem.*"

Com os substantivos proprios nada teem a grammatica. Elles designam noções individuaes, determinadas, por consequencia: não varíam per numeros — excepto quando per *synédoche* se applicam a individuos do mesmo caracter: vg. "*Os Ciceros*" por

"Os grandes Oradores:" então são verdadeiros communs. Os communs são a expressão de idéas geraes; e podem ser mais ou menos *comprehensivos*, mais ou menos *extensos*, conforme a essas idéas.

A *extensão* d'elle cifra-se no numero de individuos a que sua significação é applicavel.

A *comprehensão* de um nome consiste no numero das idéas parciaes, das qualidades em que os differentes individuos conveem.

Quanto maior é a extensão de um nome, tanto menor é sua comprehensão, ou *vice-versa*.

N'esta progressão—*ente*, *animal*, *homem*, *poeta*, &c.—cada qual é menos extenso, porém mais comprehensivo que seu antecedente.

Talvez considerâmos a comprehensão dos communs fóra de seu estado ordinario, *augmentando* ou *diminuindo* o gráu das idéas parciaes per elles designado: quando assim os communs são *augmentativos*, ou *diminutivos*.

Formam-se os augmentativos, quando augmentam mais, dando ao commum primitivo a terminação em *ão*: vg. de "Rapaz — *rapagão*;" quando augmentam menos, se o primitivo é masculino, a terminação em *az* ou *aço*: vg. de "Velhaco—*velhacaz*;" de "Suberbo—*suberbaço*;" se é femenino, a terminação em *ona*, como de "Mulher — *mulherona*."

Os diminutivos, diminuindo menos, dão aos primitivos, sendo masculinos, a terminação em *éte*, *óte*, ou *óto*: vg. de "Pobre—*pobréte*;" de "Capa—*capóte*;" de "Perdiz—*perdigóto*:" sendo femininos, em êta, óta, agem, ou ilha: vg. de "Cana—*canêta*;" de "Villa—*villota*, ou *villagem*;" de "Cama—*camilha*."

Se os diminutivos diminuirem mais, dar-se-ha aos

primitivos, acabando em vogal pura ou consoante, a terminação em *inho* ou *inha*: vg. de "Filho — *filhinho*;" de "Rapaz — *rapazinho*;" — acabando porém em vogal nazal ou dithongo, a terminação em *zinho* ou *zinha*: vg. de "Homem — *homemzinho*;" de "Mãe — *mãezinha*."

Servimo-nos dos augmentativos para vituperar a enormidade de corpo ou vicio: vg "*Mulherão*, *suberbaço*:" talvez de "*Mestraço*, *homemzarrão*, *ministraço*," nos servimos para louvar o gráu eminente das qualidades per elles significadas.

Os diminutivos empregâmol-os, ou para ridiculisar, ou para acarinhar ou excitar ternura e compaixão; como fez Camões n'este verso: "A estas *criancinhas* teem respeito."

CAPITULO IV.

Dos Ajectivos.

Os ajectivos todos designam idéas que existem n'outras, cuja parte fazem: por consequencia—todo o nome que junto a um substantivo faz parte d'elle, é adjectivo.

De dous modos póde um adjectivo fazer parte de um substantivo — ou modificando-o em sua extenção: vg. "*Este* homem;" — ou modificando-o em sua comprehensão: vg. "*Bom* homem." Os adjectivos que o fazem do primeiro modo, se dizem *articulares*; os que do segundo, *attributivos*.

Tratarei primeiro d'estes, depois, d'aquelles.

Artigo I.°

Dos ajectivos attributivos.

O attributivo junto a nome commum significa a idéa de uma qualidade que augmenta—digamo-lo assim—

a comprehensão da idéa per este significada: vg. "Homem *douto.*"

De todos os attributivos, uns são *meros*, outros, *radicaes*.

§. 1.°

Dos attributivos meros.

Os meros designam idéas de qualidades em que o espirito póde destinguir gráus para mais ou para menos: e segundo estes gráus é que elles se subdividem em *positivos*, *augmentativos*, e *superlativos*.

Positivo denota a idéa de uma qualidade, meramente susceptivel de augmento ou diminuição: vg. "*Douto.*"

Augmentativo denota a idéa d'essa mesma qualidade, já fóra de seu estado natural e ordinario, comparada com a de seu positivo: vg. "*Mais* douto."

Superlativo designa a mesma idéa do positivo, mas elevada ao seu maior gráu de augmento ou diminuição: vg. "*Doutissimo.*"

Dos positivos uns são *absolutos*, outros *relativos*.

O positivo é absoluto quando exprime idéa que não é comparada com outra: vg. "Camões é *grande* poeta."

E' comparativo, se designa idéa comparada com outra; e forma-se adicionando-se ao adjectivo o adverbio *tão*: vg. "Camões foi *tão infeliz* homem como grande poeta."

Augmentativos de forma simples, não os ha na lingua portugueza, excepto aquelles que da latina tomámos, como "*melhor*, *peor*, *menor*, *anterior*, *posterior*, *ulterior*, *exterior*, *superior*, *inferior*, &c.

Supprimos esta falta appondo aos positivos o adverbio *mais*, ou *menos* segundo o augmento é para mais, ou para menos: vg. "Napoleão foi *mais guerreiro* que Alxandre, porém *menos virtuoso.*"

Dos superlativos uns são *absolutos*, outros *comparativos.*

Os absolutos exprimem idéa de qualidade que não é comparada com outra: vg. "*Eloquentissimo.*"

Os comparativos denotam idéa de qualidade elevada ao seu maior gráu de augmento comparativamente — ou com todas as da mesma especie nos mais subjeitos onde ella concorre: vg. "Cicero foi *o mais eloquente* dos oradores romanos;" ou com o maior gráu de intensidade a que póde subir no mesmo subjeito: vg. "Estas arvores estão *o mais bellas* que é possivel.

Os superlativos comparativos do primeiro modo formam-se appondo-se ao positivo *o mais*, *a mais*, *os mais* ou *as mais*, segundo o genero e numero dos substantivos correlatos: vg. "A guerra *a mais feliz*, é *o mais terrivel* flagello dos povos"

Os do segundo modo, appondo-se ao positivo a formula *o mais* invariavel, qualquer que seja o numero e genero do substantivo correlato: vg. "A atmosphera está hoje *o mais carregada* que é possivel."

Os superlativos absolutos formam-se, ou appondo ao positivo o adverbio *mui* ou *muito*: vg. "*Mui ou muito feliz*;" — ou inflectindo-se a terminativa do positivo em *issimo*. Para esta formação seguir-se-hão as regrasse guintes.

1.ª — Os positivos acabados em *o* ou *e* inflectem-no em *issimo* para o superlativo: vg. "Douto — *doutissimo*; pobre *pobrissimo*"

Exeptuam-se — "Sagrado" — que faz "*sacratissimo*; amigo — *amicissimo*; frio — *frigidissimo*; aspero — *asperrimo* ou *asperrissimo*; misero — *miserrimo*; magnifico — *magnificentissimo*; celebre — *celeberrimo*; nobre — *nobilissimo*; salúbre — *saluberrimo*; agro — *acerrimo*," e outros.

2.ª — Os positivos terminados em *ão* mudam a nasal *ã* em *a* puro, e o *i* em *issimo*: vg. "São — *sanissimo*." Mas "Christão faz — *christianissimo*."

3.ª — Os terminados em *l* ou *r* tomam *issimo*: vg. "Natural—*naturalissimo*; particular — *particularissimo*." Mas "Facil faz —*facilimo*; miseravel—*miserabelissimo*." (a)

4.ª — Os positivos acabados em *om* ou *um* mudam o *m* em *nissimo*: vg. "Bom — *bonissimo*; commum — *communnissimo*."

5.ª — Os positivos terminados em *z* mudam-no em *cissimo*: vg. "Audaz—*audacissimo*;" figurativa que ficou da antiga terminação em *ce* dos positivos que hoje terminam em *z*.

Ha porém superlativos que não seguem em sua formação alguma das regras acima; taes são "*optimo*, *pessimo*, *maximo*, *minimo*," e outros que do latim recebêmos. Os grammaticos os denominam *anomalos*.

§. 2.º

Dos attributivos radicaes.

Chamo attributivos radicaes aquelles que designando modos de ser do subjeito de que se fala, juntos ou combinados com linguagem do verbo, modificam a idéa de existencia per elle enunciada, e o fazem tomar varias formas. Teem entre todos o primeiro logar o attributivo *Ente*; porque d'elle se diriva o unico verbo que teem todas as linguas, o unico da lingua Portugueza — *ser*. D'elle tratarei em capitulo separado.

Todos os mais são — *activos*, *passivos*, ou *neutros*.

(a) Na época de Camões era regular este superlativo, porque os adjectivos que hoje terminam em *vel* o terminavam então em *bil*.

Os activos denotam uma *potencia activa* do subjeito a que se referem, cujo desenvolvimento tem objecto determinando; e combinados com a idéa do verbo, constitue a *forma activa:* vg. "*Amante*" que combinado com *sou* equivale a *amo*.

Os passivos designam uma *potencia passiva* do subjeito a que se referem, cujo estado é modificado per uma causa estranha; e combinados com a idéa do verbo constituem *formas passivas* nas linguas onde as ha: vg. " *Amado* "

Os neutros denotam uma *simples potencia* do subjeito aque se referem, abstração feita dos effeitos que produz; e combinados com a idéa do verbo constituem *formas neutras*: vg. "*Vivente*" que combinado com *sou* vale o mesmo que *vivo*.

Na lingua portugueza os radicaes activos e neutros terminam em *ante*, *ente*, *inte* : vg. " *Amante*; *vivente*; *pedinte*."

Os passivos em *ado* ou *ido*: vg. " *Amado*; *applaudido*."

Mas os radicaes com esta terminação nem sempre são passivos; porque é uma elegancia da lingua portugueza o emprego de taes palavras em significação activa: vg. " Passou os primeiros annos *cultivado* nas lettras" por "passou os primeiros annos *cultivando* as lettras."

Artigo 2.º

Dos Adjectivos Articulares.

Adjectivos articulares são os que fazem parte de um substantivo modificando-o em sua extensão.

D'estes — um simplesmente individualisa a esses nomes, — outros determinam-nos per meio de nume-

ros ou quantidades mais ou menos exactas, — outros finalmente qualificam os individuos: O primeiro é o *artigo simples*, os segundos articulares de *quantidade*, os ultimos de *qualidade*.

§. 8.°

Do Artigo simples.

Artigo simples é o adjectivo que, sem nada mais significar, denota que os nomes communs estão tomados em sentido individual. Esta palavra é, na lingua portugueza, *o* — *a* com seu plural *os* — *as*: *o* une-se aos nomes masculinos, *a* aos femeninos.

No emprego d'este articular observar-se-hão as seguintes regras.

1.ª A todo o substantivo que significar todos os individuos de uma classe, uma parte determinada, ou um só d'esses individuos, appor-se-ha o artigo, se o substantivo não estiver já individualisado per outro articular: vg. "*A roza* é a mais bella *das flores.*" "*O poema* de Camões é um monumento de nossa gloria."

Mas se esse substantivo é empregado como nome de pessoa, cumpre calar o artigo: vg. "*Ervas do prado*, vossa vida e morte é innocente."

2.ª Toda a idéa que expressa simplesmente per um substantivo e algum articular é uma noção vaga, havendo de ser empregada em sentido determinado, levarão antes de si o artigo: vg. "Já viste *os dois homens* de quem te fallei?"

3.ª Não obstante o articular *todo* — *toda* dar aos substantivos uma individualidade determinada, todavia appor se-ha aos substantivos per elle determinados: vg. "*Todo o homem* é mortal."

4.ª Empregar-se-ha o artigo antes de todo o attributivo substantivado vg. "*O licito*; *o justo*; *o honesto*;" antes do infinitivo do verbo tomado substantivamente, quer impessoal, como "A natureza fez *o comer* para *o viver*," quer pessoal, como "*O gabareste* de sabio mostras seres ignorante;" antes de idéa de individuo expressa per uma preposição, ou só ou seguida de um nome: vg. "Deffender *o contra* de uma questão;" "Não ha contentar a quem quer saber *o porque do porque*;" antes de adverbios tomados como substantivos: vg. "Não sabemos *o quando*, *o como*, *o quanto*."

5.ª Antes dos nomes proprios de ilhas, cidades, villas ou portos, que na origem foram nomes communs: vg. "*A Madeira*; *o Funchal*; *a Bahia*."

6.ª Levam tambem artigo os nomes proprios de mares, rios ou montes: vg. "*O Atlantico*; *o Tejo*; *o Etna*;" os nomes das partes do mundo: vg. "*A Europa*; *a Azia*, *&c.*;" alguns nomes de imperios ou reinos: vg. "*A França*; *o Egypto*; *a China*; *o Japão*, *&c.*"

Mas em taes locuções ha elipse do commum que designa a classe a que pertencem taes individuos: vg. "*O mar* Atlantico; a *região* Europa; o *reino* Egypto, &c."

7.ª Quando a um substantivo se apposer algum attributivo, levará este antes de si o artigo: vg. "*O eloquento* Cicero; *o sabio* Neuton."

8.ª Se um nome proprio for convertido em commum, appor-se-lhe-ha o artigo: vg. "*Os Albuquerques*; *os Castros*."

9.ª Quando dois ou mais adjectivos qualificam o mesmo substantivo, fazendo significar individuos diversos, é mister appor o artigo deante cada um:

vg. "*Os Soldados* velhos e *os moços* combatem á porfia. "*A historia antiga* e *a moderna*."

10.ª Toda a vez que um substantivo designar um individuo ou porção de individuos indeterminadamente, não levará artigo: vg. "*Pobreza* não é *vileza*." O mesmo se ficará entendendo arrespeito do commum ajectivado vg. "*Homem de honra*."

11.ª Quando o contexto do discurso per si mesmo determina a extensão do substantivo, é uso calar o artigo: vg. "*Venho de casa*."

§. 2.º

Dos Articulares de quantidade.

Articulares de quantidade, junctos a nomes communs, determinam a quantos dos individuos comprehendidos na classe per estes designada, é sua significação applicavel: vg. "*Um* homem; *todos* os homens."

D'estes, uns são *universaes*; outros *partitivos*.

O articular é universal se applica positiva ou negativamente a significação do commum a todos os individuos comprehendidos na classe per elle nomeada.

Se esta applicação é feita a cada um dos individuos de per si, o universal é *destributivo*: vg. "*Cada* um soffre seus males;" se a todos os individuos em massa, *collectivo*: vg. "*Todos* os homens são mortaes."

Os articulares partitivos applicam a significação do commum, não a todos, mas a parte dos individuos n'essa classe comprehendidos.

Se essa parte é determinada, o partitivo é *definito*: vg. *Dois*, *cem*;" se porém é indeterminada e vaga, o partitivo é *indefinito*: vg. "*Muitos*."

Na lingua portugueza os universaes partitivos são — *Todo* — *toda* posto antes ou depois do substantivo

para o fazer significar totas as partes de um individuo: vg. "*O homem todo* não morre." "Passei *toda a tarde* a ler."

Todos — todas que indica a significação do substantivo extendida a todos os individuos de uma classe: vg. "*Todos os povos* creem que ha Deus."

Tudo indeclinavel, que se emprega — ou fallando-se de cousas que se não nomeam: vg. "*Tudo* no mundo caminha para a morte;" — ou para applicar um attributo a varias cousas que ficam nomeadas: vg. "Ervas, flores, arvores, *tudo* estava sêcco."

Total — totaes que applica a significação de um substantivo a todas as partes de um todo: vg. "*A ruina total* de um edificio."

Os universaes distributivos são — *Cada* invariavel de genero e numero, que distribue positivamente a idéa de um attributo per todos os individuos de uma classe: vg. "*Cada homem* tem seu pensar;" ou per uma porção de individuos determinada: vg. "*Cada um, cada dois, cada vinte.*"

Qualquer — quaesquer indeclinavel de genero, que tanto de pessoas como de cousas se diz; *quemquer* invariavel de genero e numero, que só de pessoas se diz: ambos estes articulares são positivos.

Todo — toda só no singular é anteposto ao substantivo: vg. "*Todo* o homem é mortal."

Algum — alguma — alguns — algumas — posto apoz o substantivo: distribue negativamente a idéa de um attributo per todos os individuos de uma classe: vg. "*Arvore alguma* se encontra nos desertos d'Africa."

Mas nem sempre este articular assim collocado é negativo: Camões diz positivamente — "*Palavra* arabia *alguma* se lhe entendia."

Nada invariavel, que distribue negativamente.

Nenhum — *nenhuma* — *nenhuns* — *nenhumas*, que é da mesma natureza.

Ninguem invariavel de genero e numero, que distribue negativamente, fallando-se só de pessoas.

Os partitivos definitos são — "*Um*, *dois*, &c.; *primeiro*, *segundo*, &c.; *duplicado*, *triplicado*, &c."

Os indefinitos são — *Algol-al*, invariaveis: empregam-se fallando-se de cousas desconhecidas, equivalentes — o primeiro a *alguma cousa*, o segundo a *outra cousa*.

Alguem — *outrem*, invariaveis: designam pessoas desconhecidas; equivalendo — o primeiro a *alguma pessoa*, — o segundo a *outra pessoa*.

Algum — *alguma* — *alguns* — *algumas*: anteposto ao substantivo correlato: empregam-se para individualisar, tanto nomes de pessoas como de cousas, mas desconhecidas.

Certo — *certa* — *certos* — *certas*: anteposto ao substantivo correlato: denota pessoa ou cousa que poderiamos nomear, ou com effeito nomeâmos, mas que deixâmos indeterminada: vg. "*Certo homem* disse." "Havia ali um *certo Martins*."

Mais invariâvel de genero e numero: extende a idéa de um attributo a um numero maior de individuos comparativamente com outro: vg. "Ha *mais* crimes que virtudes;" — ou ao resto de uma quantidade: vg. "Tres soldados dormiam, *os mais* velavam."

Muito — *muita* — *muitos* — *muitas*: exprime pluralidade ou grande porção de individuos: vg. "*Muito povo* se ajunctou." "*Muitas flores* não dão semente."

Tal — *taes* invariavel de genero: applica a idéa de um attributo a individuos conhecidos, mas indeterminados: vg. "*Tal* semea que não colhe." — *Tal* precedido de *um*, applica a idéa de um attributo a in-

dividuos determinados mas não nomeados; e precedido do artigo, applica essa idéa a individuos já nomeados: vg. "*Um tal* subjeito disse..." "*O tal* subjeito fez o que se esperava."

Note-se que *tal* nem sempre é articular: talvez é attributivo, quando apposto a *qual*: vg. "Não se faz caso da justiça; *tal* é a corrupção." "Era *tal qual* eu cuidava."

§. 3.°

Dos Articulares de quantidade.

Os articulares de quantidade, junctos a nomes communs, determinam-nos a significar individuos, mas qualificando-os: vg. "*Meu* pae; *vossa* caza."

Esta qualificação tem logar — ou per meio do caracter de personagem que esses nomes guardam no discurso, — ou per meio de attributos, que se lhes reunem em ordem a restringir ou ampliar-lhes a significação: do primeiro modo os articulares tomam o nome de *pronomes*; do segundo, o de *conjunctivos.*

Pronomes qualificam os nomes a que se junctam, pelo caracter de personagem com que os fazem figurar no discurso; isto é, se dizem respeito á pessoa que falla, se com quem se falla, se de quem se falla.

D'estes, uns caracterisam as pessoas que figuram no discurso; outros, as cousas proximas ou pertencentes a essas pessoas: os primeiros dizem-se *primitivos*, porque d'elles nascem outros; os segundos, *derivados*, porque nascem d'aquelles.

Os primitivos na lingua portugueza são — *eu* — *tu* — *elle* — e *se*: *eu* qualifica a pessoa que falla; *tu* com quem se falla; *elle* e *se* de quem de falla; *se* é reciproco ou reflexivo.

Os derivados que trazem implicita a idéa de pertença a alguma d'estas pessoas, dizem-se *possessivos*; os que qualificam os individuos na razão de distancia a que se acham da primeira, segunda ou terceira pessoa, os grammaticos os denominam *demonstrativos*.

Os posessivos na lingua portugueza são — *meu* — *nosso* — *teu* — *vosso* — *seu*.

Com elles nunca se deve usar de artigo, excepto — se elles sós não bastam a individualisar o objecto de que se falla: vg. "Dá-me *o meu* livro;" — ou se constituem classes oppostas: vg. "Esta espada é *a minha*; *a vossa*, aquella;" ou se se falla de cousa habitual: vg. "Estou hoje com *a minha* dôr."

É uma elegancia da lingua calar o possessivo, quando o contexto da frase claro indique a relação de pertença que teem com alguma das tres pessoas, os objectos de que se falla: vg. "Feriram-no na *cabeça*" em lugar de "na *sua* cabeça."

Note-se que—*meu*, *teu*, *seu*— não equivalem a — *de mim*, *de ti*, *de si*; as primeiras locuções nunca se empregam senão para indicar uma idéa qualificativa: vg. "*Meu* amor" que importa "amor que sinto por alguem;" as segundas nunca indicam senão uma circunstancia: vg. "Amor *de mim*" que quer dizer "Amor causado por mim."

Estes pronomes individualisam de diverso modo o commum a que se junctam, segundo vão antes ou depois d'elle; — se vão antes, fazem os communs significar individuos determinados: vg. "Não tenho recebido as *tuas cartas*;"—se vão depois, fazem-nos significar individuos indeterminados: vg. "Não tenho recebido *cartas tuas*."

N'outras locuções, os possessivos teem significação

activa, se collocados antes dos communs: vg. "*Minhas* saudades" designa saudades em que eu sou a potencia activa, outrem o objecto d'ella; mas collocados depois, são de significação passiva: vg. "Saudades *minhas*" que exprime saudades em que eu sou a potencia passiva, outrem a potencia activa.

Os pronomes demonstrativos são, na lingua portugueza — *este* — *esse* — *aquelle*; — *est'outro* — *aquell'outro*; — *isto* — *isso* — *aquillo*.

Este — *esta* — *estes* — *estas* caracterisam individuos proximos da primeira pessoa; *esse* — *essa* — *esses* — *essas*, individuos proximos da segunda pessoa; *aquelle* — *aquella* — *aquelles* — *aquellas*, individuos proximos da terceira pessoa.

Mas se os individuos proximos da primeira, segunda ou terceira pessoa são varios, e tendo fallado de um d'elles quero caracterisar os outros, empregarei *est'outro* — *ess'outro* — *aquell'outro* correspondente ao genero e numero do substantivo correlato: vg. "*Este livro* é os Lusiadas, *est'outro*, a Eneida."

Isto — *isso* — *aquillo* invariaveis de genero e numero: caracterisam individuos que se não nomeam, proximos da primeira, segunda ou terceira pessoa.

Os articulares conjunctivos, subentendido com todas as circunstancias o nome a que se referem, e qualificando-o per meio de accessorios ou modificativos, atam a proposição em que concorrem com aquella em que esse nome vem: vg.

"*As mães que o som terrivel escutaram*,
"Aos peitos os filhinhos apertaram."

Os conjunctivos na lingua portugueza são — *que* — *qual* — *quem* — *cujo* — *onde* — *como* — *quando* — *o*.

Que póde empregar-se para qualificar nome de pessoa ou cousa, ou claro ou subentendido.

Este conjunctivo é preferivel a *qual*, toda a vez que o sentido não ficar ambiguo: môrmente se a idéa subentendida é expressa per um grupo de palavras, ou está occulto, empregar-se-ha sempre o conjunctivo *que*: vg. "*Corrigir as proprias obras*, *que* é cousa difficultosa, é o caracter do bom escriptor." "É impossivel faltar ao verdadeiro esmoler com *que* soccorrer os pobres."

Qual — *quaes* qualificam idéa de pessoa ou cousa, mas expressa: deve sempre trazer antes de si o artigo: vg. "*Muitos homens* ha para *os quaes* o proprio interêsse é tudo, a patria nada!"

Mas em proposição com que perguntâmos, este conjunctivo não levará artigo: vg. "*Qual* é a cousa mais preciosa do que a honra?"

Qual nem sempre é conjunctivo: quando concorre em proposição que enuncia o segundo termo de uma comparação, é um verdadeiro attributivo equivalente a *similhante*: vg. "Investiu, *qual* um leão assanhado."

Outras vezes *qual* parece um pronome demonstrativo, equivalente a *este*, a *aquelle*: vg.

"*Qual* do cavallo vôa que não desce;
"*Qual* do cavallo dando em terra geme."

Quem qualifica só idéa de pessoa ou cousa personalisada. Quando figura de subjeito da proposição, essa idéa está subentendida: vg. "*Quem* mais tem, mais deseja," isto é, "*O homem* que mais tem, &c."

Figurando porém n'outra relação, póde referir-se a idéa expressa: vg. "*Homem a quem* ornam bellos talentos."

Cujo — *cuja* — *cujos* — *cujas* subentende igualmente nome de pessoa ou cousa, mas só em relação restrictiva, equivalente a *do qual* - *da qual*, &c: vg. "O

marido *cuja mulher*, *cujos filhos* são virtuosos, deve reputar-se feliz."

Onde invariavel, refere-se a idéa expressa ou subentendida, tanto de pessoa como de cousa: vg. "Chamo vulgo *onde* ha baixos sentimentos." "*A terra onde* nascêmos é a que mais amâmos."

Como invariavel, subentende só idéa de cousa, ordinariamente occulta: vg. "Diga-me *como* se chama?"

Quando invariavel, qualifica idéa de tempo: vg. "Para *quando* reservaes isso?"

O invariavel, subentende idéa expressa — ou em proposição antecedente, ou na mesma proposição onde elle concorre: vg. "Ha *verdades* que a nós *o* não parecem."

Note-se que o nome que este articular subentende é sempre um adjectivo.

CAPITULO V.

Dos accidentes dos nomes.

Accidente de um nome é o que o faz mudar de forma, sem mudar-lhe a natureza. Os accidentes per que um nome geralmente póde passar são quatro — *genero*, *numero*, *caso e declinação*.

Na lingua portugueza só os pronomes primitivos passam per todos estes accidentes; os mais nomes teem só dois — *genero* e *numero*.

Artgo 1.°

Dos numeros.

Numero é a alteração que experimenta um nome designando um só individuo ou mais: vg. "*Homem — homens.*"

Diz-se que um nome está no singular, quando sua terminação é a convencionada para a idéa de um só ou nenhum individuo: vg. "*O Homem*" ou "*um homem.*"

Diz-se que um nome está no plural, quando sua terminação é a convencionada para a idéa de mais de um individuo: vg. "*Os homens.*"

Esta variação per numeros tambem tem lugar nos adjectivos — não que estes designem individuos — mas denotando qualidades d'elles, cumpre pôl-os em correspondencia com os substantivos que os nomeam, porque fazem parte d'elles.

O mesmo se ficará entendendo arespeito do verbo, qne não é mais que um verdadeiro attributivo.

Formam-se os pluraes na lingua portugueza d'este modo —

1.° Os nomes terminados em vogal pura, nazal ou diphthongo, tomam no plural um *s*: vg. "*Casa, casas; lã, lãs; cidadão, cidadãos.*"

Exceptuam-se os que terminam na nazal *em*, *im*, *om*, *um*, que mudam para o plural o *m* em *ns*: vg. "*Bem, bens; bom, bons; fim, fins; atum, atuns.*"

Os que accabam no diphthongo nazal *ão*, nem todos seguem a regra geral. 1.° — Os que derivam dos nomes latinos terminados em *onus* seguem a regra geral: vg. "*Ancião, anciãos.*" 2.° — Os que veem de nomes latinos com o nominativo em *o*, accusativo em *onem*, e ablativo em *one*, formam o plural mudando a terminativa *ão* em *ões*: vg. "*Sermão, sermões; accão, acções; licção, licções; coracão, coracões.*" 3.° — Os nomes derivados dos latinos com nominativo em *nis*. accusativo em *nem*, ablativo em *ne*, formam o plural mudando a terminativa *ão* em

ães: vg. "*Alemão*, *alemães*; *cão*, *cães*; *pão*, *pães*; *escrivão*, *escrivães*."

Os nomes cuja syllaba penultima é *ó* fechado, teem-no aberto no plural, como "*óvo*, *óvos*; *ósso*, *óssos*; *póço*, *póços*."

2.° Os nomes terminadas em *al* — *ol* — *ul*, mudam no plural o *l* em *es*: vg. "*Sal*, *saes*; *sol*, *soes*; *sul*, *sues*."

Porém *mal*, *consul* e outros não perdem o *l*: vg. "*Mal*, *males*; *consul*, *consules*; *curul*, *curules*."

3.° Os terminados em *el* ou *il* mudam para o plural a terminativa em *eis*: vg. "*Papel*, *papeis*; *facil*, *faceis*." Mas os em *il* agudo, mudam o *l* em *s*: vg. "*Funíl*, *funís*; *ardíl*, *ardís*."

4.° Os que terminam em *r* — s — *x* ou *z* formam o plural com o accrescimo de *es*: vg. "*Praser*, *praseres*; *deus*, *deuses*; *appendix*, *appendices*; *paz*, *pazes*." Mas *pires*, *alferes*, *ourives* são invariaveis. *Simples*, designando drogas que entram em composição chimica faz no plural *simplices*.

5.° As palavras compostas de dois nomes formam o plural variando ambos os componentes — segundo a regra a que elles pertencem: vg. "Gentil - homem, gentís - homens;" ou só o ultimo componente: vg. "*Gran - cruz*, *gran - cruses*." A Euphonia é juiz n'este caso.

Os nomes proprios, os de noções abstractas, os de metaes não teem plural; assim como os de especies ou de generos distinctos: vg. "*Cicero*. *fé*, *prata*; *o boi*, *o cavallo*:" — excepto quando os convertêmos em communs: vg. "*Os Ciceros*; *duas fés*; *as pratas da Coróa*, *&c.*"

As regras para a formação do plural dos nomes adjectivos são as mesmas que para os substantivos.

Artigo 2.°

Dos Generos.

Genero é a varia inflexão per que passam os nomes, segundo que os objectos que designam, teem ou suppomos terem diversidade de *sexo* entre si.

Na lingua portugueza são dois os generos — *masculino* e *feminino*.

Diz-se que um nome é masculino, quando sua terminação é a convencionada para os nomes dos seres que são ou suppomos serem de sexo masculino: vg. "*Filho.*"

Que é feminino, quando sua terminação é a convencionada para os nomes dos seres que são ou suppomos serem de sexo feminino: vg "*Filha.*"

Se exceptuâmos os nomes de individuos da especie humana: vg. "*Affonso*, *Mafalda*;" e os de especies que se distinguem pelo sexo dos individuos que comprehendem: vg. "*Cão*, *cadella*:" — todos os mais são *convencionaes* quanto ao genero; — o uso e o diccionario, melhor que todas as regras, dar-nos-hão conhecimento d'este accidente dos nomes.

Os adjectivos não teem genero, porque não são nomes de individuos ou de classes de individuos; mas ha n'elles varias formas correspondentes ao genero de nome a que se refiram.

Na lingua portugueza, uns teem uma só forma para ambos os generos: taes são —

1.ª Os terminados em *e*: vg. "*Grave.*" Mas "*este*, *esse*, *elle*, *aquelle*" teem forma feminina — "*esta*, *essa*, *ella*, *aquella.*"

Infante que era antigamente invariavel, tem hoje forma feminina: vg. "*Infanta*" a filha do rei, e outros. *Cada* serve tambem para ambos os generos.

2.° Os terminados em *al*, *el*, *il*, *ar*, *az*, *iz*, *oz*: vg. "*Final*, *amavel*, *facil*, *solar*, *audaz*, *feliz*, *veloz.*"

Tambem *affim*, *ruim*, *gran* — contracção de *grande* — servem para ambos os generos.

Outros teem duas formas: — a primeira para substantivos masculinos, a segunda, para femininos: taes são —

1.ª Os terminados em *o*, que mudam em *a* para o feminino: vg. "*Justo* — *justa.*" *Parvo*, faz *parvoa* designando pessoa; *parva*, designando cousa.

Note-se que aquelles adjectivos cujo *o* penultimo é fechado, teem-no aberto na terminação feminina: vg. "Proveitôso — *proveitósa.*"

2.ª Os terminados em *ão* que perdem o *o* para a terminação feminina: vg. "*São* — *sã* ou *san.*"

3.ª Os termidados em *om* ou *um* como "*Bom*, *um*, *algum*, *nenhum*, *commum*," que formam o feminino, "*boa*, *uma*, *alguma*, *nenhuma*, *commuã*: porém esta terminação, por equivoco, não é usada geralmente; emprega-se *commum* tanto para um, como para outro genero.

4.ª Os terminados em *es*, *ez*, *ol*, *or*, que tomam *a* para o feminino: vg. "*Portuguez* — *portugueza*, *espanhol* — *espanhola*, *consolador* — *consoladora.*" (*)

Contez, *montez*, *duplez*, *simples*, *prestes* — servem para ambos os generos: assim como "*Inferior*, *superior*," e outros tirados do latim.

5.ª Os terminados em *u* pura, toma *a* para o feminino: vg. "*Cru* — *crua*, nu — nua."

Sandeu, *judeu*, teem as terminações — *sandia*, *judía.*

Meu, *teu*, *seu* teem — *minha*, *tua*, *sua*.

(*) Até a época de João de Barros, estes nomes eram invariaveis de genero.

Artigo 3.°

Dos Casos.

Casos são varias inflexões na terminativa de um nome, a fim de per ellas significar as varias relações em que se representa o objecto per elle designado.

Todas as relações em que uma idéa se póde offerecer ao espirito de quem falla, reduzem-se geralmente a dois generos — 1.° relação *directa* ou *subjectiva*, — 2.° relação *obliqua* ou *determinativa*. Esta é genero cujas especies são — 1.ª relação *restrictiva*, — 2.ª relação *terminativa*, — 3.ª relação *objectiva*, — 4.ª relação *circunstancial*.

Na lingua Portugueza, fica ditto, só os pronomes primitivos teem casos: por conseguinte qualquer variação dos pronomes designará alguma d'aquellas relações.

Os mais nomes significam-nas — não per inflexões na sua terminativa, mas per palavras que lhes são prepostas como se verá adeante na *syntaxe*.

Taboa.

dos

Casos dos Pronomes Primitivos.

Numero singular.

	1.ª Pessoa	2.ª Pessoa	3.ª Pessoa
Variação directa	Eu	Tu	Elle - ella
V. obliquas	Me-mim-migo	Te - ti - tigo	Lhe - o - a

Numero plural.

	1.ª Pessoa	2.ª Pessoa	3.ª Pessoa
Variação directa	Nós	Vós	Elles-ellas
V. obliquas	Nós nosco	Vós vosco	Lhes-os-as

Pronome reciproco ou reflexo de 3.ª Pessoa.

Numero singular.

Variações obliquas .... *Se - si - sigo.*

Numero plural.

Variações obliquas .... *Se - si - sigo.*

As variações directas significam relação subjectiva, ou o subjeito que falla, com quem se falla, ou de quem se falla.

As variações obliquas designam relação determinativa, a saber —

Me, *te*, *se*, *nos*, *vos* — relação restrictiva, terminativa ou objectiva.

Lhe, *lhes*—relação restrictiva ou terminativa. *Mim ti*, *si* — qualquer das especies de relação determinativa; estas variações andam sempre acompanhadas de uma preposição, a qual é que designa a especie de relação que significam: vg. "*De mim*, *por mim*, *a mim*."

Migo, *tigo*, *sigo*, *nosco*, *vosco* — significam só relação circunstancial, mas acompanhadas da preposição *com* incorporada com ellas: vg. "*Commigo*, *comtigo*, *comsigo*, &c."

O, *a*, *os*, *as* — exprime relação objectiva: vg. "Lêde *os* livros, e estudae-*os*."

Nos, *vos*, *elle*, *ella*, *elles*, *ellas* — são empregados como casos obliquos, quando pela applicação de uma preposição, designam alguma das especies de relação determinativa: vg. "Sou amigo *d'elle.*"

CAPITULO VI.

Do Verbo.

Verbo é a *palavra* per excellencia: assim denominâmos o attributivo per meio do qual enunciâmos a existencia real ou abstracta do subjeito da proposição.

Tratarei primeiro da anályse do verbo, logo de suas *formas*, depois de seus *auxiliares*.

ARTIGO 1.°

Anályse do Verbo.

Ente é na lingua portugueza o radical do verbo. Segundo que com elle se combinam as idéas accessorias de — subjeito ou *pessoa* que existe, e *tempo* em que existe; — este attributivo decorre per varias inflexões, cujo todo constitue a *conjugação* do verbo.

Pessoas no verbo são varias inflexões na terminativa d'elle, a fim de per ellas significar o differente caracter do subjeito, segundo é este a pessoa que falla, com quem se falla, ou de quem se falla.

As pessoas são tres, cada qual com duas inflexões, uma *singular*, outra *plural*: vg. "*Sou — somos*" primeira pessoa, ou pessoa que falla; — "*es — sois*" segunda pessoa, ou pessoa com quem se falla; — "*é — são*" terceira pessoa, ou pessoa de quem se falla: cada qual das variações definitas representa alguma d'estas pessoas.

Tempo é a epocha a que se refere a existencia do subjeito da proposição.

Se esta epocha é simultanea com o acto da palavra, o tempo é *presente*: vg. "*Sou.*"

Se é anterior a elle, o tempo é *preterito*: vg. "*Fui.*"

Se é posterior, é *futuro* vg. "*Serei.*"

O presente não póde ser mais nem menos presente; tão rapido como o acto da palavra, não ha mais que um presente

O preterito, que é tempo anterior á epocha em que se falla, póde ser simultaneo, anterior, ou posterior a outra epocha de que se falla: e as variações que indicarem estas novas epochas, serão—

1.° *Preterito relativo a presente*: vg. "*Era.*"
2.° *Preterito relativo a preterito*: vg. "*Fóra.*"
3.° *Preterito relativo a futuro*: vg. "*Sería.*"

O futuro, que é tempo posterior á epocha em que se falla, póde ser posterior a um presente, a um preterito, ou a um futuro a que vá subordinado; e as variações que designarem estas novas epochas, serão—

1.° *Futuro subordinado a presente*: vg. "*Seja.*"
2.° *Futuro subordinado a preterito*: vg. "*Fósse.*"
3.° *Futuro subordinado a futuro*: vg. "*Fór.*"

Ha no verbo outras variações que os grammaticos dizem *infinitivas*, porque são, ora indeterminadas quanto a tempo e pessoas, ora determinadas só quanto a tempo, ou finalmente determinadas só quanto a pessoas.

Os portuguezes teem cinco d'estas variações: — *infinitivo impessoal*, *gerundio*, *supino*, *infinitivo futuro*, *infinitivo pessoal.*

Infinitivo-impessoal denota a mesma idéa de seu radical, mas considerada em abstracto de subjeito e tempo a que pertença: vg. "*Ser.*" Esta variação é um verdadeiro substantivo commum.

Gerundio significa, em abstracto de subjeito, a mesma idéa de existencia, mas effectivamente modificada pela accessoria de tempo presente, mas um presente indefinido: vg. "*Sendo.*"

Esta variação, tanto no verbo como nas formas activas, nem sempre é gerundio: só o é, quando significa, no verbo em estado analytico, a idéa abstracta de existencia; e nas formas verbaes, a idéa abstracta de uma acção ou mero estado: vg. "Estou persuadido que, *sendo* applicado, podereis vencer muito em pouco tempo." "*Lendo e meditando* se alcança o saber."

Portanto o gerundio póde sempre ser regido de uma preposição, ou clara, ou subentendida.

Quando porém esta variação do verbo designa a idéa de existencia — não abstracta, mas concretamente — significando uma idéa de qualidade, que muitas vezes é habitual; então não é gerundio, é um verdadeiro radical: vg "Muitos, *crendo* que o homem póde viver sem religião, despresam o conhecimento e ritos d'ella."

Supino designa a mesma idéa de existencia, considerada em abstracto de subjeito a que pertença, mas effectivamente modificada pela accessoaia de tempo preterito: vg. "*Sido.*" Esta variação é sempre de natureza substantiva.

Infinitivo-futuro (ou como dizem outros grammaticos, *participio do futuro*) exprime correctamente a mesma idéa de existencia, effectivamente modificada pela accessoria de tempo futuro: vg. "*Futu-*

ro — futura." Esta variação é de natureza adjectiva.

Infinitivo-pessoal denota abstractamente a mesma idéa de existencia, mas effectivamente modificada pela accessoria de subjeito a que pertença: vg. "*Ser eu, seres tu*, &c." Esta variação é de natureza substantiva: ella equivale ao infinitivo impessoal modificado dos pronomes possessivos: vg. "*O meu ser, o teu ser, &c.*"

Esta variação é particular á lingua portugueza.

No verbo ha pois quatro especies de variações — *infinitivas*, *absolutas*, *relativas*, e *subordinadas.*

Nas infinitivas, o verbo enuncia um sentido vago e dependente; que é sempre termo de alguma relação: vg. "*Ser honrado.*"

As absolutas são as unicas em que o verbo póde enunciar um sentido determinado e independente, quando não sejam modificadas de *conjuncções* ou *conjunctivos.* Nossos juizos directos não teem outra enunciação: vg. "*Sou honrado.*"

Nas relativas, como o accessorio de tempo é relativo a outra epocha, cumpre que esta se enuncie ou subentenda, para que o sentido fique determinado: vg. "*Era honrado.*"

Nas subordinadas, como o accessorio de tempo é determinado per outra epocha a que ellas são posteriores, o enunciado per ellas é sempre dependente de linguagem absoluta ou relativa completada para a determinação do sentido: vg. "Quero *que sejas honrado.*"

Em summa, *existencia* é a idéa do verbo: *existencia indefinita*, a das variações infinitivas; *existencia positiva*, a das variações absolutas; *existencia relativa*, a das variações relativas; *existencia eventual*, a das subordinadas. — Veja-se a taboa seguinte.

TABOA

DA

Conjugação do Verbo.

Radical .... *Ente.*

Variações Infinitivas.

Infinitivo impessoal .. *Ser* { Supino — *Sido.*

Gerundio .... *Sendo* { Infinitivo - futuro — *Futuro - a.*

Infinitivo Pessoal.

Ser	*eu*
Seres	*tu*
Ser	*elle*
Sermos	*nós*
Serdes	*vós*
Serem	*elles*

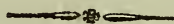
Variações Absolutas.

		Presente.	Preterito.	Futuro.
N. S.	Eu	*Sou*	*Fui*	*Serei*
	Tu	*Es*	*Foste*	*Serás*
	Elle	*E'*	*Foi*	*Será*
N. P.	Nós	*Somos*	*Fomos*	*Seremos*
	Vós	*Sois*	*Fostes*	*Sereis*
	Elles	*São*	*Foram*	*Serão*

Variações Relativas.

	Presente relativo a preterito.	Preterito relativo a preterito.	Futuro relativo a preterito.
N. S.	*Era*	*Fóra*	*Sería*
	Eras	*Fóras*	*Serías*
	Era	*Fóra*	*Sería*
N. P.	*Eramos*	*Fóramos*	*Seríamos*
	Ereis	*Fóreis*	*Seríeis*
	Eram	*Fóram*	*Seríam*

Variações Subordinadas.

	Futuro subordinado a presente.	Futuro subordinado a preterito.	Futuro subordinado a futuro.
N. S.	*Seja*	*Fósse*	*Fôr*
	Sejas - sê	*Fôsses*	*Fóres*
	Seja	*Fósse*	*Fôr*
N. P.	*Sejámos*	*Fôssemos*	*Fórmos*
	Sejaes - séde	*Fósseis*	*Fôrdes*
	Sejam	*Fôssem*	*Fórem*

Artigo 2.°

Das Formas verbaes.

Chamo *forma verbal* a combinação de attributivo radical em uma mesma dicção com as variações do verbo.

Tres podem ser as especies de formas verbaes — *activas* — *passivas* — ou *neutras*. Mas em portuguez ha só duas d'estas formas, excepto as *passivas*; porque só os radicaes activos e neutros se combinam com o verbo em uma mesma dicção.

§. 1.°

Das formas activas.

Nas formas activas não ha mais que as variações do verbo, combinadas em uma mesma dicção com o radical activo. Em *amar*, per exemplo, ha o radical *amante* combinado com *ser*; em *amo* com *sou*; em *amei* com *fui*, e assim per deante.

Vê-se pois que o verbo na forma activa enuncia a mesma idéa de existencia, mas effectivamente modificada pela de um modo de ser activo, que tem fóra de subjeito a que pertença, *objecto* de sua acção: vg. "*Amo os homens.*"

Todavia ha casos em que uma acção póde ter por objecto o mesmo subjeito d'ella: quando assim, a acção é *reflexa*, se recahe sobre quem a obra: vg. "Antonio *matou-se*:" — é *reciproca*, quando, sendo o subjeito substantivo do plural, ou varios substantivos, a acção se mutúa entre elles: vg. "*As artes* entre si *se communicam.*" "*Pedro e Antonio mataram-se* em um duélo."

Para fazer reflexa ou reciproca a acção designada pelo radical activo combinado em forma activa, unîmos á forma verbal o caso enclytico do pronome correspondente á pessoa do subjeito.

Muitas vezes á imitação dos latinos, empregâmos formas activas em sentido passivo: vg. "Era *de ver* o alvarôço com que corria o povo" em logar de "era digno de *ser visto*, &c."

Muitos outras, usâmos de formas activas, como se fôram neutras, callando o nome que lhes indicára o objecto da acção: vg. "Não *teme*, não *espera* a consciencia pura." "O Infante D. Fernando *captivou* em Africa."

O congregado das variações do verbo assim combinadas em uma mesma dicção com radical activo, constitue o que se diz conjugação da forma activa.

Em portuguez temos tres d'estas conjugações, cujos infinitivos terminam — o da 1.ª em *ar*, vg "*Amar*;" o da 2.ª em *er*, vg. "*Defender*;" o da 3.ª em *ir*, vg. "*Applaudir.*"

§. 2.°

Das formas neutras.

Forma neutra é a combinação de radical neutro em uma mesma dicção com as variações do verbo. De *vivente*, per exemplo, combinado com *ser* formâmos *viver*; com *sendo*, *vivendo*; com *sido*, *vivido*; com *sou*, *vivo*, &c.

N'esta forma enuncia o verbo a mesma idéa de existencia effectivamente modificada pela accessoria de uma mera potencia que não se desenvolve ordinariamente fóra do subjeito a que pertence: vg "*Vivo.*"

Digo ordinariamente, porque talvez a forma neutra se activisa, reunindo-se-lhe por objecto de acção substantivo cognato ou diverso: vg. "*Vivo vida* infeliz." "A mina *voou o muro.*"

Quando esta forma não varía de significação, não póde como as activas apassivar-se, e a razão é bem clara — não passa fóra do subjeito a existencia neutra.

Se toma porém sinificação activa, podêmos per analogia, apasssival-a, nas terceiras pessoas ao menos: vg. "*Corre-se, vive-se, combateu-se.*" Esta é elegancia da lingua, para enunciar, em sentido lato e absoluto, o significado pela forma neutra: vg. "D'ahi passou a Lupiana, onde *se vae* tomar vista do mar Mediterraneo.

Quando denotar espontaneadade do subjeito n'este

modo de existencia designado pela forma neutra, appomos a esta a variação enclytica do pronome correspondente á pessoa d'aquelle: vg. "Emfim lá *se ficaram*, cá *me estou.*"

A conjugação da forma neutra reduz-se á alguma das activas de que fallámos, aliás é irregular.

§. 3.°

De como substituímos as formas passivas.

Forma passiva, nas linguas que a teem, é a combinação de attributivo radical passivo em uma mesma dicção com as variações do verbo, como per exemplo, na lingua latina a forma *amari*, que equivale a *ser amado.*

A falta que nossa lingua tem d'estas formas supprîmol-a de dois modos:

1.° Appomos ás variações do verbo radicaes passivos, com a terminação correspondente ao genero e numero do subjeito cuja existencia concebêmos passiva: vg. "*Eu sou amado*; *tu és amado*; *ella é amada.*"

2.° Juntâmos o caso *se* ás terminações de terceiras pessoas de formas activas correspondentes ao numero do subjeito: vg. "*Deu-se* a batalha; só *se perderam* as bagagens."

Mas se o subjeito fôr tal, que possa exercer sobre si mesmo a acção significada pela forma activa, fôra equivoco appassivar o verbo d'este modo: em tal caso preferir-se-ha o primeiro. Assim não diremos "Já *se estendem* muitos per terra com golpes" em lugar de "Já *são estendidos*, *&c.*; porque a existencia assim expressa fôra activa reflexa, — e não passiva.

Artigo 3.°

Dos auxiliares do verbo.

A existencia de um subjeito póde considerar-se em relação a varios pontos — aquelle d'onde parte, intermedios per que decorre, e ultimo em que termina.

A existencia activa, passiva, ou neutra indicada pelas formas verbaes, offerece os mesmos pontos de vista: no primeiro considerâmos *o começo*; no segundo, *a continuação*; no terceiro, *o complemento* d'ella: vg. "*Vou ler*; *estou lendo*; *tenho lido.*"

A necessidade da elocução, levando-nos insensivelmente a similhantes abstracções, tem introdusido, em todas as linguas, certas formas verbaes privativamente destinadas a significar estas modificações ou matises da enunciação: essas, as que denominâmos *aüxiliares.*

Para designar o começo da existencia, usa a nossa lingua das formas neutras *ir* e a antiga *var*, seguida do infinitivo impessoal ou do gerundio da forma cuja idéa queremos exprimir em seu começo: vg. "*Vou ler*; *vou lendo.*"

Appomos o infinitivo impessoal á auxiliar, se a existencia começa posteriormente á epocha per esta denotada: vg. "*Vou tradusir* Virgilio."

Mas se o começo da existencia que queremos exprimir é simultaneo com a epocha denotada pela auxiliar, cumpre appor-lhe o gerundio: vg. "Já *vou tradusindo* Virgilio."

Para significar a continuação empregâmos as formas *ir* e a antiga *var*, *estar* ou *andar* seguidas do gerundio (empregado como radical) da forma verbal cuja existencia queremos enunciar em sua continuação: vg. "*Estou lendo,*"

Usâmos de *ir* ou *var* se queremos denotar continuação de existencia cujas partes se vão succedendo umas ás outras, quer com interrupção, quer sem ella: "*Ide tradusindo*, que eu vos *vou ouvindo.*"

Usâmos de *estar*, quando queremos exprimir existencia continuada sem interrupção: vg. "*Estou estudando* a licção.

Se porém queremos significar existencia continuada—mas que soffre interrupção, empregâmos a auxiliar *andar:* vg. "*Ando estudando* Latim."

Finalmente para significar o complemento da existencia, servîmos-nos da forma *ter* ou *haver* seguida do supino da forma cuja existencia queremos exprimir completa: vg. "*Tenho* ou *hei lido.*"

A existencia enunciada per esta forma complexa não é puramente presente, passada ou futura, como a enunciada pelas formas simples; mas existencia que entra na provincia do preterito em uma epocha presente, passada ou futura. Assim, *leio*, *li*, *lerei* designam a acção de *lêr* simultanea, anterior ou posterior ao acto da palavra; mas *tenho lido* significa a acção de lêr completa no momento em que fallo; *tive lido* exprime essa mesma acção completa em tempo passado; *terei lido* exprime-a completa em epocha futura.

A existencia que é perfeita quanto ao espirito que a concebe, póde não sêl-o todavia quanto aos objectos que nos cercam. '*Tenho de ler*' denota uma existencia activa, perfeita e presente quanto á *intenção*, mas imperfeita e futura quanto á *execução.* Para significar mais estes matises da enunciação, empregâmos as formas *ter* ou *haver* seguidas da forma que designa a existencia *intentada*, empregada em relação restrictiva, complemento do substantivo oc-

culto *tenção*, *necessidade* ou *dever*; vg. "*Tenho de escrever* a um amigo."

A forma *ter* empregâmol-a particularmente para denotar existencia cuja execução é *dever* ou *necessidade*, e na variação correspondente á epocha da *intenção*: vg. "*Tenho* de amar; *tive* de amar; *terei* de amar." "*Tenho* de ser amado; *tive* de ser amado; *terei* de ser amado."

A forma *haver* empregâmol-a para exprimir existencia intentada — mas cuja execução não envolve idéa de necessidade ou dever: vg. "*Hei* de amar; *houve* de amar; *haverei* de amar." "*Hei* de ser amado; *houve* de ser amado, *haverei* de ser amado."

Mas se n'esta existencia perfeita quanto á intenção, e imperfeita quanto á execução, queremos denotar tão sómente a resolução do subjeito; empregâmos a forma *estar*, seguida da forma que designa a existencia *intentada*, empregada em relação terminativa: vg. "*Estou* para *amar*; *estive* para *amar*; *estarei* para *amar*" "*Estou* para *ser amado*; *estive* para *ser amado*, *estarei* para *ser amado*."

Artgo 4.°

Da formação dos tempos nas Formas verbaes.

O infinitivo de uma forma verbal, temol-o dicto, hade ter uma de tres terminações — ou em *ar*, ou em *er* ou em *ir*: vg. "*Amar*, *defender*, *applaudir.*" Estas terminações são o que varía para a formação de todas as mais variações.

Portanto todas as syllabas ou lettras que á terminação infinitiva sobrarem, são a raiz da forma verbal: em *amar*, per exemplo, a raiz é *am'*; em *defender*, *defend'*; em *applaudir*, *applaud'*.

Á raiz se ajunctam as terminações que a analogia da lingua tem admittido para cada tempo: —

1.° Para formar o gerundio se ajunctará á raiz — na 1.ª conjugação a terminação *ando*; — na 2.ª *endo*; — na 3.ª *indo*: vg. "*Amando*, *defendendo*, *applaudindo*."

2.° Para formar o supino se addicionará á raiz — na 1.ª conjugação a terminação *ado*; — na 2.ª e 3.ª a terminação *ido*: vg. "*Amado*; *defendido*; *applaudido*."

3.° Forma-se o infinitivo pessoal addicionando á raiz — na 1.ª conjugação as terminações *ar*, *ares*, *ar*, *armos*, *ardes*, *arem*; — na 2.ª as terminações *er*, *eres*, *er*, *ermos*, *erdes*, *erem*; — na 3.ª *ir*, *ires*, *ir*, *irmos*, *irdes*, *irem*.

4.° Forma-se o presente absoluto accrescentando á raiz — na 1.ª conjugação *o*, *as*, *a*, *amos*, *ais* ou *aes am*; — na 2.ª *o*, *es*, *e*, *emos*, *eis*, *em*; — na 3.ª *o*, *es*, *e*, *imos*, *is*, *em*. (a)

5.° O preterito absoluto é formado accrescentando-se á raiz — na 1.ª conjugação, as terminações *ei*, *aste*, *ou*, *amos*, *astes*, *aram*; — na 2.ª *i*, *este*, *eu*, *emos*, *estes*, *eram*; — na 3.ª *i*, *iste*, *iu*, *imos*, *istes*, *iram*. (b)

6.° O futuro absoluto é formado do infinitivo impessoal com accrescimo das variações do presente

---

(a) Na infancia da lingua as terminações *ais*, *eis*, *ão*, não eram usadas; usava-se em logar d'ellas de *ades*, *edes*, *om*,: as primeiras duas são latinas; a ultima franceza.

(b) As terminações *arão*, *erão*, *irão*, entraram a ser usadas no seculo 16.º; até então usou-se de *arom*, *erom*, *irom*, terminações francezas que se introdusiram na lingua, pela muita copia de francezes que em diversas epochas vieram. Esta mesma terminação em *ão*, havia sido primitivamente *um*, ou *un*, terminação derivada da latina *unt*.

absoluto da fórma verbal haver — *hei*, *has*, *ha*, *hamos*, *haes*, *hão*, supprindo o *h*.

7.° O presente relativo a preterito forma-se accrescentando á raiz — na 1.ª conjugação *ava*, *avas*, *ava*, *avamos*, *aveis*, *avam*; — na 2.ª e 3.ª *ia*, *ias*, *ia*, *iamos*, *ieis*, *iam*.

8.° O preterito relativo a preterito se forma addicionando á raiz — na 1.ª conjugação *ara*, *aras*, *ara*, *aramos*, *areis*, *aram*; — na 2.ª *era*, *eras*, *era*, *eramos*, *ereis*, *eram*; — na 3.ª *ira*, *iras*, *ira*, *iramos*, *ireis*, *iram*. Este preterito deriva do absoluto.

9.° O futuro relativo a preterito é formado do infinitivo impessoal com addicção das variações da forma *haver* — *hia*, *hias*, *hia*, *hiamos*, *hieis*, *hiam*, contracção de *haveria*; &c.

10.° O futuro subordinado a presente forma-se addicionando á raiz — na 1.ª conjugação *e*, *es*, *a*, *e*, *emos*, *eis*, *ae*, *em*; — na 2.ª *a*, *as*, *e*, *a*, *amos*, *aes*, *ei*, *am* — na 3.ª *a*, *as*, *e*, *a*, *amos*, *aes*, *i*, *am*. (c)

11.° O futuro subordinado a preterito se forma addicionando á raiz — na 1.ª conjugação *asse*, *asses*, *asse*, *assemos*, *asseis*, *assem*; — na 2.ª *esse*, *esses*, *esse*, *essemos*, *esseis*, *essem*; — na 3.ª *isse*, *isses*, *isse*, *issimos*, *isseis*, *issem*.

12.° O futuro subordinado a futuro é formado accrescentado-se á raiz — na 1.ª conjugação *ar*, *ares*, *ar*, *armos*, *ardes*, *arem*; — na 2.ª *er*, *eres*, *er*, *ermos*, *erdes*, *erem*; — na 3.ª *ir*, *ires*, *ir*, *irmos*, *irdes*, *irem*.

Para a applicação d'estas regras haja vista á taboa seguinte.

(c) Na infancia da lingua usava-se, em logar das terminações *eis*, *ai*, *ais*, *ei*, *i*, est'outras *ides*, *ade*, *ades*, *ede*, *ide*, derivadas do latim e proprias de dialecto galego.

Taboa
da
Conjugação das Formas verbaes regulares.

Radicaes.

1.ª Conjugação.		2.ª Conjugação.		3.ª Conjugação.	
Amante	*Amado-a*	*Defendente*	*Defendido-a*	*Applaudinte*	*Applaudido-a*

Variações Infinitivas.

Infinitivo-impessoal.

Am*ar*	Defend*er*	Applaud*ir*

Gerundio.

Am*ando*	Defend*endo*	Applaud*indo*

Supino.

Am*ado*	Defend*ido* (d) ..	Applaud*ido*

Infinitivo-pessoal.

Am*ar*	eu	Defend*er*	eu	Applaud*ir*	eu
Am*ares*	tu	Defend*eres*	tu	Applaud*ires*	tu
Am*ar*	elle	Defend*er*	elle	Applaud*ir*	elle
Am*armos*	nós	Defend*ermos*	nós	Applaud*irmos*	nós
Am*ardes*	vós	Defend*erdes*	vós	Applaud*irdes*	vós
Am*arem*	elles	Defend*erem*	elles	Applaud*irem*	elles

(d) O supino e o radical d'esta conjugação terminavam, até os fins do 15.º Seculo, em *udo*; assim em logar de *defendido*, dizia-se *defendudo*.

Variações absolutas.

Presente.

N. S.	Eu	Amo	Defendo	Applaudo
	Tu	Amas	Defendes	Applaudes
	Elle	Ama	Defende	Applaude
N. P.	Nós	Amâmos	Defendêmos	Applaudimos
	Vós	Amaes	Defendeis	Applaudís
	Elles	Amam	Defendem	Applaudem

Preterito.

N. S.	Eu	Amei	Defendi	Applaudi
	Tu	Amaste	Defendeste	Applaudiste
	Elle	Amou	Defendeu	Applaudiu
N. P.	Nós	Amámos	Defendémos	Applaudímos
	Vós	Amastes	Defendestes	Applaudistes
	Elles	Amaram	Defenderam	Applaudiram

Futuro.

N. S.	Eu	Amarei	Defenderei	Applaudirei
	Tu	Amarás	Defenderás	Applaudirás
	Elle	Amará	Defenderá	Applaudirá
N. P.	Nós	Amaremos	Defenderemos	Applaudiremos
	Vós	Amareis	Defendereis	Applaudireis
	Elles	Amarão	Defenderão	Applaudirão

Variações relativas.

Presente relativo a preterito.

N. S.	Eu	Amava	Defendia	Applaudia
	Tu	Amavas	Defendias	Applaudias
	Elle	Amava	Defendia	Applaudia
N. P.	Nós	Amavamos	Defendiamos	Applaudiamos
	Vós	Amaveis	Defendieis	Applaudieis
	Elles	Amavam	Defendiam	Applaudiam

Preterito relativo a preterito.

N. S. Eu	Am*ára*	Defend*êra*	Applaud*íra*
Tu	Am*áras*	Defend*êras*	Applaud*íras*
Elle	Am*ára*	Defend*êra*	Applaud*íra*
N. P. Nós	Am*áramos*	Defend*êramos*	Applaud*íramos*
Vós	Am*áreis*	Defend*êreis*	Applaud*íreis*
Elles	Am*aram*	Defend*êram*	Applaud*íram*

Futuro relativo a preterito.

N. S. Eu	Am*aria*	Defend*eria*	Applaud*iria*
Tu	Am*arieis*	Defend*erias*	Applaud*irias*
Elle	Am*aria*	Defend*eria*	Applaud*iria*
N. P. Nós	Am*ariamos*	Defend*eriamos*	Applaud*iriamos*
Vós	Am*arieis*	Defend*erieis*	Applaud*irieis*
Elles	Am*ariam*	Defend*eriam*	Applaud*iriam*

Variações subordinadas.

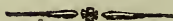
Futuro subordinado a presente.

N. S. Eu	Am*e*	Defend*a*	Applaud*a*
Tu	Am*es*, ou am*a*	Defend*as*, defen*de*	Applaud*as*, ap*plaude*
Elle	Am*e*	Defend*a*	Applaud*a*
N. P. Nós	Am*emos*	Defend*âmos*	Applaud*âmos*
Vós	Am*eis*, ou am*ae*	Defend*aes*, defen*dei*	Applaud*aes*, ap*plaudi*
Elles	Am*em*	Defend*am*	Applaud*am*

Futuro subordinado a preterito.

N. S. Eu	Am*asse*	Defend*esse*	Applaud*isse*
Tu	Am*asses*	Defend*esses*	Applaud*isses*
Elle	Am*asse*	Defend*esse*	Applaud*isse*
N. P. Nós	Am*assemos*	Defend*essemos*	Applaud*issemos*
Vós	Am*asseis*	Defend*esseis*	Applaud*isseis*
Elles	Am*assem*	Defend*essem*	Applaud*issem*

Futuro subordinado a futuro.

N. S.	Eu	Am*ar*	Defend*er*	Applaud*ir*
	Tu	Am*ares*	Defend*eres*	Applaud*ires*
	Elle	Am*ar*	Defend*er*	Applaud*ir*
N. P.	Nós	Am*armos*	Defend*ermos*	Applaud*irmos*
	Vós	Am*ardes*	Defend*erdes*	Applaud*irdes*
	Elles	Am*arem*	Defend*erem*	Applaud*irem*

Toda a forma verbal regular, pertencente a alguma das tres conjugações, se conjugará segundo as regras acima, e a forma que, para exemplo, vae conjugada na tabua supra.

As formas cuja conjugação se afasta, em algum ponto, das regras que ficam estabelecidas, são *regulares*. Taes são: —

1.° Todas as que na primeira pessoa do presente teem mudança ou na *terminação*, ou na ultima vogal ou consoante da raiz, ou *accrescimo de lettras a esta*. Essas são irregulares não só na primeira pessoa do presente absoluto, mas tambem em todas as pessoas do futuro subordinado a presente.

2.° Todas as formas cujo preterito absoluto é formado de diverso modo do das regulares. Essas são irregulares tanto n'aquelle tempo, como nos futuros subordinados a preterito e a futuro.

São irregulares por mudança de terminação as formas — *dar*, *estar*, *haver*, *saber*, e a antiga *var*, que fazem na primeira pessoa do presente absoluto — *dou*, *estou*, *hei*, *sei*, *vou*.

Por mudança na ultima consoante da raiz são irregulares — *fazer*, *medir*, *ouvir*, *pedir*, que fazem — *faço*, *meço*, *ouço*, *peço*; — *dizer*, *perder*, *trazer*, que

fazem — *digo*, *perco*, *trago*; — *ver*, *pór* (contracção de *póer*) *ter*, *valer*, *vir*, que fazem — *vejo*, *ponho*, *tenho*, *valho*, *venho*.

Por mudança na ultima vogal da raiz são irregulares: —

1.° As formas que teem *e* antes das ultimas consoantes da raiz — *g*, *r*, *nt*, *t*, *rt*, *sp*, *st*, que o mudam em *i*: taes são — *seguir*, *ferir*, *sentir*, *competir*, *advertir*, *despir*, *vestir*, cujas primeiras pessoas do presente absoluto são — *sigo*, *firo*, *sinto*, *compito*, *advirto*, *dispo*, *visto*.

2.° As formas que antes das ultimas consoantes radicaes *br*, *rm*, teem *o*, que o mudam em *u*: vg. "*Cobrir—cubro*; *dormir—durmo*."

3.° As formas que teem *u* antes das ultimas da raiz — *b*, *d*, *g*, *l*, *m*, *p*, *ss*, *sp*, e as que teem *u* por ultima lettra da raiz, que o mudam em *o* na segunda e terceira pessoa do singular, e na terceira do plural, no presente absoluto: vg. "*Acudir* — *acodes*, *acode*, *acodem*:" a mesma mudança sofrem nas segundas variações das segundas pessoas do futuro subordinado a presente: vg. "*Acode tu*." O mesmo succede em — *subir*, *fugir*, *bulir*, *consumir*, *tussir*, *cuspir*, *construir*, *destruir*, &c.

Advirta-se que em taes formas verbaes o futuro subordinado a presente é regular, menos as variações acima apontadas.

Para a formação da primeira pessoa do futuro absoluto accrescenta-se um *i* ao *a* ou *e* ultimo da raiz das formas *caber* e *requerer*, fazendo — *caibo*, *requeiro*: — accrescimo que conservam em todas as pessoas do futuro subordinado a presente, onde tambem *saber* faz — *saibo*, *saibas*, *saiba*, &c., como *caiba*, *caibas*, &c.

As formas verbaes cuja irregularidade provêm do preterito absoluto, são tambem irregulares no preterito relativo a preterito, e futuros subordinados a preterito e a futuro: porém, dado o preterito absoluto, formam-se regularmente aquelles tempos, considerando-se como raiz todas as syllabas do preterito, excepto a ultima lettra, sendo vogal. Essas formas são as que se seguem.

1.ª Conjugação.

Variações infinitivas ... Dar, dando, dado, dar *eu*, &c.
——— *absolutas* .... Dou, dei, darei.
——— *relativas* .... Dava, dera, daria.
——— *subordinadas*. Dê, desse, der.

2.ª Conjugação.

1.ª

Variações infinitivas ... Caber, cabendo, cabido, caber *eu*, &c.
——— *absolutas* .... Caibo, coube, caberei.
——— *relativas* .... Cabia, coubéra, caberia.
——— *subrodinadas*. Caiba, coubesse, couber.

2.º

Variações infinitivas ... Dizer, dizendo, dicto, dizer *eu*, &c.
——— *absolutas* .... Digo, disse, direi.
——— *relativas* .... Dizia, dissera, diria.
——— *subordinadas*. Diga, dissesse, disser.

3.º

Variações infinitivas ... Fazer, fazendo, feito, fazer *eu*, &c.
——— *absolutas* .... Faço, fiz, farei.

Variações relativas . . . . Fazia, fizera, faria.
———— *subordinadas*. Faça, fizesse, fizer.

4.°

Variações infinitivas . . . Poder, podendo, podido, poder *eu*, *&c.*
———— *absolutas* . . . . Posso, pude, poderei.
———— *relativas* . . . . Podia, pudera, poderia.
———— *subordinadas*. Possa, pudesse, puder.

5.°

Variações infinitivas . . . Pòr, pondo, posto, pôr *eu*, &c.
———— *absolutas* . . . . Ponho, puz, porei.
———— *relativas* . . . . Punha, puzera, poria.
———— *subordinadas*. Ponha, puzesse, puzer.

6.°

Variações infinitivas . . . Querer, querendo, querido, querer *eu*, &c.
———— *absolutas* . . . . Quero, quiz, quererei.
———— *relativas* . . . . Queria, quizera, quereria.
———— *subordinadas*. Queira, quizesse, quizer.

7.°

Variações infinitivas . . . Saber, sabendo, sabido, saber *eu*, &c.
———— *absolutas*. . . . Sei, soube ou sube saberei.
———— *relativas*. . . . Sabia, soubera, saberia.
———— *subordinadas*. Saiba, soubesse, souber.

8.°

Variações infinitivas . . . Trazer, trazendo, trazido, trazer *eu*, &c.

Variações absolutas. . . . Trago, trouxe, trarei.
——— *relativas* . . . . Trazia, trouxera, traria.
——— *subordinadas*. Traga, trouxesse, trouxer.

3.ª Conjugação.

Variações infinitivas. . . . Vir, vindo, vindo, vir eu, &c.
——— *absolutas* . . . . Venho, vim, virei.
——— *relativas* . . . . Vinha, viera, viria.
——— *subordinadas*. Venha, viesse, vier.

Além das formas verbaes irregulares, tambem no preterito e tempos que d'elle derivam, as quaes deixâmos apontadas; são-no igualmente as formas — *ir*, e a antiga *var*, *estar*, *ter*, e *haver*, cuja conjugação, por ellas serem empregadas como auxiliares, segue per extenso.

CONJUGAÇÃO

DAS

Formas Verbaes Auxiliares.

Ir e var	Estar	Ter	Haver ......

Variações infinitivas.

Infinitivo - impessoal.

Ir	Estar	Ter	Haver ......

Gerundio.

Indo	Estando	Tendo	Havendo .....

Supino.

Ido	Estado	Tido	Havido ......

Infinitivo - pessoal.

N. S.	Ir *eu*	Estar —	Ter —	Haver —
	Ires *tu*	Estares —	Teres —	Haveres —
	Ir *elle*	Estar —	Ter —	Haver —

N. P. Irmos *nós*	Estarmos —	Termos —	Havermos —
Irdes *vós*	Estardes —	Terdes —	Haverdes —
Irem *elles*	Estarem —	Terem —	Haverem —

Variações absolutas.

Presente.

N. S. Eu	Vou	Estou	Tenho	Hei
Tu	Vas	Estás	Tens	Has
Elle	Vae	Está	Tem	Ha
N. P. Nós	Vamos *ou imos*	Estamos	Temos	Havemos
Vós	Ides	Estaes	Tendes	Hveis
Elles	Vão	Estão	Teem	Hão

Preterito.

N. S. Eu	Fui	Estive	Tive	Houve
Tu	Foste	Estiveste	Tiveste	Houveste
Elle	Foi	Esteve	Teve	Houve
N. P. Nós	Fomos	Estivemos	Tivemos	Houvemos
Vós	Fostes	Estivestes	Tivestes	Houvestes
Elles	Foram	Estiveram	Tiveram	Houveram

Futuro.

N. S. Eu	Irei	Estarei	Terei	Haverei
Tu	Irás	Estarás	Terás	Haverás
Elle	Irá	Estará	Terá	Haverá
N. P. Nós	Iremos	Estaremos	Teremos	Haveremos
Vós	Ireis	Estareis	Tereis	Havereis
Elles	Irão	Estarão	Terão	Haverão

Variações relativas.

Presente relativo a preterito.

N. S. Eu	Ia	Estava	Tinha	Havia
Tu	Ias	Estavas	Tinhas	Havias
Elle	Ia	Estava	Tinha	Havia

N. P.	Nós	Iamos	Estavamos	Tinhamos	Haviamos
	Vós	Ieis	Estaveis	Tinheis	Havieis
	Elles	Iam	Estavam	Tinham	Haviam

Preterito relativo a preterito.

N. S.	Eu	Fôra	Estivera	Tivera	Houvera
	Tu	Fôras	Estiveras	Tiveras	Houveras
	Elle	Fôra	Estivera	Tivera	Houvera
N. P.	Nós	Fôramos	Estiveramos	Tiveramos	Houveramos
	Vós	Fôreis	Estivereis	Tivereis	Houvereis
	Elles	Fôram	Estiveram	Tiveram	Houveram

Futuro relativo a preterito.

N. S.	Eu	Iria	Estaria	Teria	Haveria
	Tu	Irias	Estarias	Terias	Haverias
	Elle	Iria	Estaria	Teria	Haveria
N. P.	Nós	Iriamos	Estariamos	Teriamos	Haveriamos
	Vós	Irieis	Estarieis	Terieis	Haverieis
	Elles	Iriam	Estariam	Teriam	Haveriam

Variações subordinadas.

Futuro subordinado a presente.

N. S.	Eu	Va	Esteja	Tenha	Haja
	Tu	Vas, vae	Estejas, está	Tenhas, tem	Hajas, ha
	Elle	Va	Esteja	Tenha	Haja
N. P.	Nós	Vamos	Estejâmos	Tenhâmos	Hajâmos
	Vós	Vades, ide	Estejaes, estae	Tenhaes, tende	Hajaes, havei
	Elles	Vão	Estejam	Tenham	Hajam

Futuro subordinado a preterito.

N. S.	Eu	Fosse	Estivesse	Tivesse	Houvesse
	Tu	Fosses	Estivesses	Tivesses	Houvesses
	Elle	Fosse	Estivesse	Tivesse	Houvesse
N. P.	Nós	Fossemos	Estivessemos	Tivessemos	Houvessemos
	Vós	Fosseis	Estivesseis	Tivesseis	Houvesseis
	Elles	Fossem	Estivessem	Tivessem	Houvessem

Futuro subordinado a futuro.

N. S. Eu	Fôr	Estiver	Ter	Houver
Tu	Fôres	Estiveres	Teres	Houveres
Elle	Fôr	Estiver	Ter	Houver
N. P. Nós	Fôrmos	Estivermos	Termos	Houvermos
Vós	Fôrdes	Estiverdes	Terdes	Houverdes
Elles	Fôrem	Estiverem	Terem	Houverem

ARTGO 5.°

Do emprego dos tempos.

O infinitivo - impessoal emprogâmol-o: —

1.° Quando a idéa de existencia, considerada em abstracto de subjeito e tempo, tem de figurar em relação directa: vg. "*Amar* a Deus e ao proximo é o primeiro dever de todo o homem."

2.° Quando a idéa de existencia, d'esse modo considerada, tem de figurar de relação determinativa: vg. "Mandei *fazer* uma casa."

3.° Emprega-se finalmente o infinitivo impessoal, quando a idéa de existencia, empregada em relação determinativa de forma verbal, é correlata ao mesmo subjeito d'esta: vg. "Procuremos *obedecer* aos dictames da consciencia."

Exceptua-se porém: —

A idéa de existencia que, ainda que correlata ao mesmo subjeito da variação definita a quem determina, é todavia mister exprimil-a, para maior clareza, com o accessorio de pessoa: vg. "Que podêres tens tu no meu coração para m'o *captivares* assim?"

Succede isto mui principalmente, quando o infinitivo é collocado antes da variação definita per elle determinada: vg. "Mandou apprestar um caravelão com duzentos e cincoenta soldados, que, por *acha-*

rem os mares grossos, chegaram a Baçaim com trabalho."

O *gerundio* é empregado para significar existencia indeterminada quanto á idéa de pessoa, mas determinada pelo accessorio de tempo presente, mas um presente indefinido: esta variação designa uma circunstancia de *modo*, *tempo*, *causa*, *&c.* vg. "Em *sendo* meio dia, serei comvosco."

Á mingua de radicaes activos ou neutros, empregâmos esta variação para designar a qualidade que seria denotada per elles: vg. "O menino *attentando* no pobre, todo se debatia para elle."

O *supino* nunca se emprega, senão com a auxiliar *ter* ou *haver*, para levar á idéa de existencia o accessorio de complemento; actualmente é invariavel. vg. "Tenho *sido* — temos *sido*."

O *infinitivo-pessoal* empregâmol-o: —

1.° Quando a idéa de existencia, considerada em abstracto de tempo, mas modificada pela accessoria de pessoa, tem de figurar de subjeito: vg. "O *perderes* a fazenda não é nada; o *perderes* a honra é que é tudo."

Mas se a idéa de existencia, assim considerada, é subjeito de variação definita determinada per complemento terminativo ou objectivo, correlato ao subjeito do infinitivo, cumpre exprimil-a pelo infinitivo impessoal: vg. "Estas são minhas ordens; *a vós toca*, senhora, *obedecer* a ellas."

2.° Empregâmos o infinitivo-pessoal, quando a idéa de existencia, indeterminada quanto a tempo, tendo de figurar em relação determinativa de variação definita, é correlata a subjeito diverso do subjeito de esta: vg. "Aggregou alguns visinhos para *celebrarem* a festa."

Exceptua-se: —

1.° O infinitivo que determina variação definita a que se refere alguma variação de pronome correlato ao subjeito d'esse infinitivo; então se usará o infinitivo-impessoal: vg. "Não *vos* obrigo a *fazer* isso." Mas se o sentido ficar ambiguo, empregar-se-ha o infinitivo-pessoal: vg. "Não *lhes* perdoava o *terem-me* afastado d'elle."

Da mesma sorte, se o infinitivo fòr de forma neutra, apposta variação enclitica de pronome; ou de forma activa reflexa ou recíproca, ainda que o seu subjeito seja correlato a pronome que determina a variação definita a que elle se refere; será expresso pelo infinitivo-pessoal: vg. "Eu *os* via *irem-se.*" "Eu *te* avistava *approximares-te.*"

2.° Com as formas verbaes *fazer* e *mandar* usar-se-hão sempre no infinitivo-impessoal os infinitivos que para ellas estiverem em relação determinativa: vg. "*Mandae*, ou *fazei vir* esses homens."

Excepto porém se os infinitivos fôrem de formas activas reflexas ou reciprocas: vg. "*Mandae* os soldados *apprestarem-se.*"

O *presente absoluto*, afóra a existencia simultanea com o acto da palavra, designa mais na lingua portugueza: —

1.° Existencia não interrompida em tempo algum — no presente, no preterito, e no futuro: vg. "Digno, sim, *é* o modo com que o Gama desvaneceu á sua companha o receio do perigo no temor do mar."

Porisso é o presente absoluto a variação propria, quando se exprimem verdades que em todo o tempo o são: vg. "As riquezas não *enriquessem*, senão o contentamento; tudo o mais *é* gran-miseria e pobreza."

2.° Exprime tambem este tempo cousa que succede ordinariamente, ou existencia habitual: vg. "Nunca *saio* fóra, senão per grande necessidade."

3.° Designa tambem existencia que, sendo futura quanto á execução, é já presente ao espirito que a concebe: vg. "Á manhã, sem falta, *faço* o que me pedis."

O *preterito absoluto* nunca o empregâmos, senão para designar existencia anterior ao acto da palavra, sem relação nem dependencia de cousa alguma: vg. "A paixão nunca *remediou* nada."

O *futuro absoluto*, além da existencia posterior ao acto da palavra, designa, talvez, em proposição interrogativa, existencia actual, mas duvidosa: vg. "*Amará* elle esta mulher?" Assim disemos quando suspeitâmos que isso succede.

Muitas vezes, querendo exprimir com modestia o que pensâmos acerca de alguma cousa, servîmo-nos do futuro absoluto: vg. "Pensam que elle obrou bem; quanto a mim *direi*, que não me agrada o seu proceder."

Com esta variação exprimîmos tambem uma ordem, ou prohibição: vg. "*Amarás* o Senhor teu Deus de todo o teu coração."

O *futuro absoluto*, quando expresso pela auxiliar *ter* e um supino, talvez significa existencia passada de que estamos duvidosos: vg. "*Terei feito* isso, mas não me lembra."

Em logar do futuro absoluto empregâmos abusivamente o futuro relativo a preterito: vg. "Disseram-me que me *restituirieis* a vossa amisade; venho pedir-vol-a."

O *presente relativo a preterito*, além da existencia simultanea com uma epocha passada, significa outras epochas:—

1.° Designa este tempo existencia que, dada certa condição, era simultanea com o acto da palavra: vg. "Esta arvore está bonita; mas, se fòra regada, mais bella *estava*."

2.° Se queremos exprimir com modestia nossa opinião sobre algum objecto, mostrando-nos como duvidosos do que disemos; a proposição principal leva o verbo no presente relativo a preterito: vg. "Cá para mim *tinha* que isto devêra ser assim." "O homem *queria* eu na praça, e a mulher, em casa."

3.° Este mesmo tempo muitas vezes empregâmos para exprimir desejo ou vontade, cuja satisfação ou não temos por certa, ou julgâmos impossivel: vg. "O principal que eu *queria*, que não fosse isso palavras."

4.° Quando queremos significar existencia futura que, dada certa condição, tinha de cumprir-se; usâmos do presente relativo a preterito: vg. "Se eu para o anno tivesse acabado meus estudos, *propunha-me* então ao comercio."

5.° Finalmente servîmo-nos d'este tempo quando exprimîmos existencia habitual em tempo passado, mas indeterminada: vg.

> "Depois que socegado e livre o teve
> Do visinho poder que o *molestava.*"

O *preterito relativo* a *preterito*, além de sua significação propria, é, per modestia, muitas vezes empregado polo presente absoluto, quando queremos exprimir vontade ou desejo: vg. "*Quisera* que me fizesse este obsequio."

Este mesmo tempo, per elegancia, se substitue muitas vezes ao futuro relativo a preterito, e ao futuro subordinado a preterito: vg. "Perdôe Deus a

M. Julio, que se elle *vivêra*, ou tu outro *fóras*, ou não *vivêras*."

Mas nem sempre é possivel essa substituição; só póde ser feita, quando exprimîmos existencia condicional ou duvidosa; aliás fôra erro. Assim não podêmos dizer "Estimei que *vieras*" em logar de "Estimei que *viesses*; cuidei que *virias*."

O *futuro relativo* a *preterito*, afóra seu significado proprio, designa: —

1.° Existencia possivel e hypothetica simultanea com o acto da palavra: vg. "O homem *gosaria* muitos prazeres se soubesse aproveitar o tempo."

2.° Existencia possivel e hypothetica anterior ao acto da palavra: vg. "Eu *teria ido* ao campo, se o tempo m'o permittisse."

3.° Existencia possivel e hypothetica posterior ao acto da palavra: vg. "*Faria* á manhã o que me pedis, senão tivéra um estôrvo."

4.° Existencia duvidosa simultanea anterior ou posterior ao acto da palavra: vg. "*Seriam* dez horas, quando cheguei."

Este tempo é a variação usada para exprimir com modestia um desejo, ou vontade: vg. "Muito satisfeito *ficaria* com a vossa approvação."

Tambem querendo significar com modestia a nossa opinião sobre algum objecto, é o futuro relativo a preterito a variação que empregâmos: vg. "Louvam muito o proceder d'este homem; eu *julgal-o-hia* apenas irreprehensivel."

O *futuro subordinado* a *presente*, designando existencia contingente posterior ao acto da palavra, é muitas vezes empregado para denotar uma epocha simultanea com um presente: vg. "Um homem deve ser modesto, por muito instruido que *seja*."

O *futuro subordinado* a *preterito*, que significa existencia contigente posterior a uma epocha passada, empregâmol-o tambem: —

1.° Para exprimir existencia contingente simultanea com um tempo preterito: vg. "Se *viesses* quando eu vim, teriamos uma viagem agradavel."

2.° Para significar existencia contingente anterior a alguma outra epocha: vg. "Estimo que *chegasses* bom." "Se El-Rei D. Sebastião soubesse reprimir o seu ardor, e cedêsse aos conselhos dos prudentes; não teria perecido o imperio portuguez em Alcacer-Quibír." "Muito ha de desejar o perverso que se não *tivesse* abandonado a seus desvaríos."

O *futuro subordinado* a *preterito*, assim como o subordinado a presente, são empregados para exprimir um desejo: vg. "*Queiram* ou *quizessem* os Ceus secundar meus esforços."

O *futuro subordinado* a *futuro* nunca é empregado, senão para designar existencia contingente posterior ao acto da palavra, mas com dependencia d'outra epocha posterior: vg. "Irei, se vós *fórdes.*"

Artigo 6.°

Da correspondencia dos tempos entre si.

Quando duas proposições são correlatas, porque uma depende d'outra, ou porque esta faz parte d'aquella; ha entre os verbos d'ella certa correspondencia a observar, quanto aos tempos.

1.° Querendo exprimir existencia continuada sem interrupção em todas as epochas, a qualquer que seja o tempo da proposição principal, corresponde-lhe na proposição não-principal o presente absoluto: vg. "*Digo, dice, direi, &c.*, que Deus *é justo.*"

2.° Exprimindo porém existencia continuada ou habitual em epocha passada, a qualquer tempo da proposição principal corresponde na não-principal o presente relativo a preterito: vg. " *Digo*, *dice*, *direi*, *&c.* que D. Pedro 1.° *era* justiceiro, mas cruel."

3.° Tendo de exprimir na proposição não-principal existencia que se refere a uma certa epocha, sendo a proposição principal affirmativa; seguiremos as regras seguintes: —

1.ª Se o verbo principal estiver no presente ou no futuro obsoluto, o não-principal póde corresponder-lhe em qualquer variação, excepto os futuros subordinados a preterito e a futuro: vg. " *Digo* ou *direi* que *amas*, — que *amaste*, — que *amarás*, — que *amavas*, &c.

2.ª Se a proposição principal tiver o verbo no preterito absoluto, ou no futuro relativo a preterito, qualquer tempo lhe póde corresponder, excepto os futuros subordinados a presente e a futuro: vg. " *Dice* ou *diria* que *amas*, — que *amaste*, — que *amarás*, — que *amavas*, &c."

3.ª Estando o verbo principal no presente ou no preterito relativo a preterito, o não-principal, se designar existencia simultanea ou anterior arespeito da primeira; irá ao presente ou ao preterito relativo a preterito: vg. " *Dizia* ou *dicéra* que *amavas* ou que *amáras*."

Sendo porém posterior á existencia designada pelo primeiro verbo, irá ao futuro relativo a preterito, ou ao subordinado a preterito: vg. " *Dizia* ou *dicéra* que *amarias* ou que *amasses*."

4.ª Se o verbo da proposição principal vier combinado em forma verbal que signifique *surpresa*, *admiração*, *vontade*, *desejo*, *consentimento*, *prohibição*,

duvida, *temor*, *desconfiança*, *ordem*; corresponder-lhe-ha na proposição não-principal o tempo designado nas regras seguintes: —

1.ª Se o verbo principal estiver no presente ou no futuro absoluto, o não-principal, designando existencia simultanea com a significada pelo primeiro verbo, ou posterior a ella, irá ao futuro subordinado a presente: vg. "*Espero*, *quero*, *permitto*, *confio*, *desejo*, *mando*, ou *esperarei*, *quererei*, *permitterei*, *&c.*, que *venhas*."

2.ª Se porém a existencia designada pelo verbo não-principal fôr anterior á significada pelo verbo principal, tomará elle o futuro subordinado a preterito: vg. "*Estimo* ou *estimarei* que *viesses*."

3.ª Estando o verbo principal em algum dos preteritos, o não-principal irá ao futuro subordinado a preterito: vg. "*Esperei*, *esperava*, *esperára*, *esperaria* que *viesses*."

4.ª Estas mesmas regras se seguirão, quando a proposição principal fòr negativa: vg. "*Não penso* que *venhas* tão cêdo." "*Não pensei* que *viesses* tão cêdo."

5.ª Quando uma proposição não-principal vier ligada á principal per algum dos conjunctivos *que*, *qual*, *cujo*, *onde*, *como*, observar-se-ha se ella designa alguma cousa de positivo e certo, ou de duvidoso e incerto.

Se designa alguma cousa de positivo e certo, seguir-se-hão as regras dadas nos numeros 1.°, 2.°, 3.°: vg. "*Busco* uma pessoa que me *fará* um favor."

Designando porém alguma cousa de incerto e duvidoso, seguir-se-hão as regras dadas em o numero 4.°: vg. "*Busco* uma pessoa que me *faça* um favor."

6.ª As formulas conjunctivas — *por mais que*, *postoque*, *supposto que*, *dado que*, *ainda que*, *contanto que*,

ligando quasi sempre ás proposições principaes outras que exprímem alguma cousa de eventual, fazem com que na correspondencia do tempo da proposição não-principal com a principal seja mister observar as regras dadas em o numero 4.°

7.ª Quando em proposição principal empregâmos o preterito relativo a preterito em logar do futuro relativo a preterito, na proposição não-principal usaremos d'esse mesmo tempo em logar do futuro subordinado a preterito: vg. "Se Aristoteles *fôra* nosso natural, não *fôra* buscar linguagem emprestada."

8.ª Sendo o verbo principal alguma das formas *cumprir*, *importar*, *relevar*, *ser necessario*, *ser perciso*, *ser conveniente*, o verbo não-principal, trazendo *que* antes de si, tomará os tempos marcados em o numero 4.°

CAPITULO VII.

Das palavras connexivas.

A segunda classe de palavras a que naturalmente se reduz o vocabulario de uma lingua, é a das palavras connexivas ou *preposições*.

Estas significam relações — ou de palavras como signaes de idéas — ou de proposições como signaes de juizos: se do primeiro modo, chamam-se *preposições propriamente dittas*; se do segundo, *conjuncções*.

Artigo I.°

Das preposições propriamente dittas.

Preposição é qualquer palavra ou fracção d'ella, per meio da qual significâmos certas das relações per que os vocabulos se ligam em proposição como signaes de nossas idéas: vg. "Vou *para Roma*."

Digo "*certas*" porque muitas relações ha que não são significadas per preposições, mas pela simples apposição nos nomes, variações pessoaes e numeraes no verbo.

Das duas classes a que redusimos todas as relações que entre duas palavras póde haver, as unicas que preposições podem designar são — na lingua portugueza, as relações *obliquas* ou de *determinação*.

As primeiras relações que as preposições indicaram, foram as relações phisicas do logar que um objecto póde occupar no espaço. Ora um objecto, podêmol-o considerar ou em movimento, ou em repouso. Se em movimento, as relações em que logo se nos póde offerecer são — 1.º logar d'onde parte, — 2.º logar per onde caminha, — 3.º logar para onde tende. Se em repouso, a relação mais geral é a do logar onde se acha. A algumas d'estas relações facil se reduz, per analogia, outra qualquer relação em que uma palavra se nos possa offerecer. Portanto, a quatro especies reduzimos todas as preposições: — 1.ª preposições de *logar d'onde*; — 2.ª preposições de logar *per onde*; — 3.ª preposições de *logar para onde*; — 4.ª preposições de *logar onde*.

§. 1.º

Das preposições de logar d'onde.

As preposições que indicam logar d'onde parte um objecto são — *de* — *desde* — *por*. *De* indica em geral o termo d'onde parte um objecto: vg. "Venho *de casa.*"

Per agalogia a esta relação de logar, *de* significa: 1.º O tempo desde o qual, verdadeiro ou virtual: vg. "*De* ha *oito dias* a esta parte."

2.° A causa d'algum effeito: vg. "Louco *de prazer.*"

3.° O modo per que se opéra alguma cousa: vg. "Andar *de rójo.*"

4.° A materia de que consta ou é feita alguma cousa: vg. "Livro *de Medecina*; anel *de ouro.*"

5.° O instrumento com que alguma cousa é feita: vg. "Obras *de agulha.*"

6.° O todo d'onde é extrahida alguma parte: vg. "Algum d'elles; Camões é o maior *dos poetas portuguezes.*"

Quando esta preposição vem deante do artigo, do conjunctivo *onde* ou de pronome que comece por vogal, supprime-se-lhe o *e*, pondo em seu logar o Apostrophe, ou sem elle segundo o uso: vg. "*D'o, d'a, d'onde, d'elle, d'este*, &c.

Desde, á idéa principal de logar d'onde, accrescenta a accessoria de continuação não interrupta no mesmo espaço: vg. "*Desde* Lisboa até Coimbra."

Per analogia a esta relação de logar, *desde* indica tambem a relação de tempo d'onde começa uma acção com o mesmo accessorio de continuação não interrupta: vg. "*Desde então* para cá tem chovido." Muitas vezes se emprega esta preposição com Apócope do *de* vg. "*Des*.. hi atéqui."

Por, indica o termo d'onde começa um movimento, mas um termo que é a causa d'esse movimento, phisica ou moral, tanto *occasional*: vg. "Dae *por* amor de Deus," como final: vg. "Trabalhae *por sérdes uteis.*"

Per analogia indica relação de *troca*, *substituição* ou *preço*, ou emfim *proveito*: vg. "Advogar *por alguem*; comprei *por uma moéda.*"

Quando *por* é seguido do artigo, muda o *r* na euphonica *l* escrevendo-se unidas as duas palavras: vg. "*Pólo, póla.*"

§. 2.°

Das preposições de logar per onde.

O intermedio de logar per onde decorre uma acção é indicado pela preposição *per*: vg. " *Per mares* nunca d'antes navegados." Per analogia á relação de intermedio de logar, indica esta preposição: — 1.° o tempo durante o qual: vg. " *Per todo este mez* farei isso — 2.° o meio per que se faz ou consegue alguma cousa: vg. " Elevar-se *per intrigas.*" — 3.° o instrumento per que alguma cousa é feita: vg. " Transpassado *per uma lança.*" (e)

§. 3.°

Das preposições de logar para onde.

A relação de logar para onde tende um objecto é indicada pela preposição *a* ou *para*. (f)

A designa um termo proximo: vg. " *Vou a casa* buscar um livro." Assim como designa logar, tambem designa tempo: vg. " *A'manhã* sou comvosco."

Indica esta preposição geralmente o termo de uma acção; quer o primeiro e immediato chamado *objecto de acção*: vg. " Amae a *Deus*; quer o segundo e proximo apoz attributivos de significação relativa: vg.

(e) Té a epocha de Vieira disia-se *pera*, e não *para*.

(f) Hé mister advertir que esta preposição anda abusivamente confundida em nossa lingua com a preposição *por*; a qual é tão differente de *per* quanto a relação de *meios* o é das relações de *causa*, *substituição*, *troca* ou *preço*, — unicas que nossos classicos designam pela preposição *por*.

Em todas os mais casos usam de *per*, ou assim mesmo, ou trocando o *r* em *e* quando tem de seguir-se o artigo; vg. " *Per a força*, ou *pela força.*"

"Dae esmola *aos pobres.*" Emfim, exprime termo ou direcção: vg. "Olhar *a toda a parte*;" ou de relação e respeito: vg. "Arte *á sua guerra* achâmos;" ou de proximidade: vg. "Ir *ao longo do rio*;" ou de tendencia e proporção: vg. "Comprar *a real*;" ou de comparação: vg. "*A qual mais*;" ou de conformidade: vg. "Andar *á moda*; *a cavallo*; *a pé*, *&c.*"

Querendo exprimir um termo além do qual se não passa, addimos á preposição *a*, antes ou depois d'ella, a inclytica *té*: vg. "Subi *até* o cume ou subi *té ao* cume."

Precedendo esta preposição ao artigo masculino, encorpora-se com elle: vg. "*Ao*, *aos*;" precedendo porém ao artigo feminino, fica contrahida n'elle: vg. "*A'* *ás*." O mesmo succede, quando vem antes do demonstrativo *aquelle*: vg. "Dizei *áquelle* homem."

Para — significa um termo remoto para onde tende um movimento; quer seja termo de logar: vg. "Vou *para* casa;" quer de tempo per analogia a logar: vg. "Vinde *para* a semana."

§. 4.°

Das preposições de logar onde.

Varias preposições temos para indicar a relação de logar *onde*, segundo o considerâmos em si mesmo, ou em relação a outros objectos.

Para exprimir a relação de logar onde, considerado em si mesmo, temos a preposição *em*, que talvez se omitte quando vem antes do artigo, ou de pronome que comece per vogal, ficando em logar d'ella a euphonica *n*: vg. "*Em* casa, ou *n'a* casa, ou *n'aquella* casa."

Esta preposição, per analogia a logar, significa: —

1.° Tempo em que: vg. "*Em todo este dia.*"
2.° Relação de modo: vg. "Está *em seu juizo.*"
3.° Preço, verdadeiro ou virtual: vg. "Avaliado *em dez moedas.*"
4.° Excesso: vg. "Avantajado *em talento.*"

Considerando porém o logar que occupa um objecto em relação a outros, ou temos de significar a *situação* que elle occupa arespeito d'outros; ou o *modo* como está, *só* ou *accompanhado.*

Para significar a situação de um objecto arespeito d'outros, temos as seguintes preposições: —

Sóbre — se a situação é superior: vg. "*Sóbre* a meza." *Sób* — se a situação é inferior: vg. "*Sób* a meza." *Entre* — se a situação é interior: vg. "*Entre* as mãos."

Ante ou *perante* — se a situação é anterior: vg. "*Ante* mim." *Poz* ou *apóz* ou *traz* — se a situação é posterior: vg. "*Apoz* ou *traz* mim."

Contra — se a situação é fronteira: vg. "*Contra* a parede."

Qualquer d'estas preposições podem indicar outra relação analoga á de logar: vg. "*Sób* pretexto; apóz tempestade vem bonança; e se toma *entre* alegre madrugada."

Para significar o modo como se acha um objecto no logar onde, temos as seguintes preposições: —

Sem — se o objecto está só: vg. "Está *sem* armas."

Com — se o objecto está accompanhado: vg. "Está *com* armas."

Per analogia ao modo, *com* designa o instrumento com que se faz alguma cousa: vg. "Cortado *com* ferro."

Outras muitas palavras dão os grammaticos por preposições, mas que o não são: toda a palavra que

não fizer variar os pronomes primitivos em *mim*, *ti*, *si*, não é preposição.

Outras preposições ha cujo officio não é indicar relações, mas combinarem-se com nomes ou formas verbaes, para talvez lhes modificarem a significação: chamar-lhes-hemos *componentes*. São as que se seguem. —

A, que denota addição, prolongação, intensidade: vg. "*A*junctar, *a*ddiar, *a*fazer. *Ab* ou *abs*, preposições latinas, indicam privação, suppressão, separação: vg. "*Ab*rogar, *ab*errar, *abs*ter-se." *Ad*, preposição latina, significa adjuncção, acção dirigida a um termo: vg. "*Ad*dir, *ad*mittir."

Esta preposição muda o *d* em *c*, *g*, *f*, *l*, *t*, quando a inicial da palavra composta é alguma d'estas lettras: vg. *Ac*crescentar, *ag*gregar, *af*favel, *al*lusão, *at*tingir."

Ante, exprime, ou posição fronteira: vg. "*Ante*parar"; ou precedencia e prioridade: vg. "*Ante*passado."

Anti, preposição grega, denota opposição, contrariedade: vg. "*Anti*christo." *Com*, *con*, ou *co*, exprimem união, companhia: vg. "*Com*posto; *con*forme; *co*-operar."

De, indica separação, e, per analogia, prolongação de extenção, de movimento ou de tempo: vg. "*De*bandar, *de*ter, *de*bater."

Des, denota acção feita em contrario; serve para dar ás palavras sentido opposto ao que tinham fóra da composição: vg. "*Des*animar, *des*fazer, *des*aggravar."

Cumpre não confundir esta preposição com a antecedente *de* em *des*pedaçar, *des*pertar, *des*truir, *&c*, que são palavras compostas de "*de* e *espedaçar*, *espertar* e *estruir*, *&c*."

Dis e *di*, preposições latinas, derivadas do grego, indicão *separação*, *variedade*, *diversidade* de partes: vg. "*Dis*persar, *dis*tribuir, *di*vidir, *di*lacerar."

E, preposição latina, exprime *separação*, *falta*, *privação*: vg. "*E*mendar, *e*nervar."

Em, *en* e *in*, da preposição latina *in*, denotam acção de *encontrar-se*, *entranhar-se*, *contrahir-se* ou *penetrar* em algum espaço: vg. "*Em*aranhar-se, *em*pedernir, *en*redar, *en*talhar, *in*fluir."

Entre, e a latina *inter*, exprimem *posição em meio de dois objectos*, separando um do outro: vg. "*Entre*mear, *inter*ferencia, *inter*por."

Es, da preposição latina *ex*, exprime: — umas vezes *auzencia*, *falta*, *privação*: vg. "*Es*cachar, *es*corchar; outras vezes *extenção*: vg. *es*tragar; — outras vezes finalmente, tem a mesma significação da preposição *des*: vg. *es*truir."

Ex, preposição latina, denota *extracção*, *origem*, *derivação*: vg. "*Ex*portar, *ex*imir." Talvez significa *intensidade*: vg. "*Ex*celso, *ex*hortar."

Extra, preposição latina, significa *além*: vg. "*Extra*ordinario, *extra*vagante."

Im e *in*, da latina *in*, exprime *negação* ou *privação*: vg. "*Im*potente, *in*epto, *in*habil." Se a lettra inicial do composto é *l* ou *r*, n'ella se muda a consoante da preposição: vg. "*Il*legal, *ir*racional."

Ob, preposição latina, significa *defronte*: vg. "*Ob*staculo." Muda-se em *oc*, *of*, *op*, quando é unida á palavra que começa por *c*, *f*, *p*: vg. "*Oc*correr, *of*ferecer, *op*por."

Per, preposição latina, ou denota *passagem per um espaço*, ou exprime *intensidade* ou *complemento* de *logar* ou *tempo*: vg. "*Per*passar, *per*duravel, *per*fazer."

Poz, de *post* latino, significa *atráz* ou *subsequencia*: vg. "*Pos*por, *pos*terior."

Pre ou *pret* latino, ou significa *precedencia* de *logar*, *tempo*: vg. "*Pre*posto, *pre*visto, *pre*sidente; ou denota *poder*, *eminencia*: vg. *Pre*dominar, *pre*eminente."

Pro, preposição latina, significa *adeante*, *em favor*, ou em *logar d'alguem*: vg. "*Pro*por, *pro*curar, *pro*consul."

Re, preposição latina, denota *repetição*: vg. "*Re*fazer, *re*metter." Quando deriva da latina *retro*, significa *para traz*: vg. "*Re*gressar, *re*verter." Emfim, *re* significa umas vezes *contrariedade*: vg. "*Re*pugnar; outras significa *entensidade*: vg. "*re*tardar, *re*montar; outras significa *para longe*: vg. "*re*pellir, *re*geitar."

Sub, preposição latina, *sób*, *sóto*, *so*, significão *debaixo*: vg. "*Sub*meter, *sob*ornar, *soto*posto, *so*calco."

Sób e *sub*, muda-se em *c f g p*, quando per algumas d'estas lettras começa a palavra que a preposição compõe: vg. "*Suc*correr, *suf*ficiencia, *sug*gerir, *sup*por." Em *sorrir*, e *sossobrar*, dobra-se o *r* e o *s* para conservar-lhes o som que tem *rir* e *sobrar*.

Sóto, converte-se em *sota*, em algumas palavras: vg. "*Sota*piloto."

Sóbre, e a latina *super*, significam *emcima*: vg. "*Sóbre*por, *super*fluo."

Sym, preposição grega, denota *simultaniedade*: vg. "*Sym*pathia."

Syn, preposição grega, denota *juncção*, *aggregação*: vg. "*Syn*onimo."

Artigo 2.°

Das Conjuncções.

Conjuncção é a palavra per meio da qual significâ-

mos as relações das proposições no discurso, como signaes de nossos juizos: vg. "Morro innocente, *mas* perdôo."

Ora uma proposição está em relação com outra— ou porque se identificam em algum ponto,—ou por que se excluem,—ou porque esta amplia aquella,— ou porque essa restringe est'outra: d'aqui partem quatro relações que fundamentam a classificação das conjuncções em *compulativas*, *exclusivas*, *ampliativas*, e *restrictivas*.

§. 1.°

Das Compulativas.

As compulativas atam uma com outra proposição ou pola identidade de subjeito, ou pola de attributo. Taes são—*e*, *nem*: para variar—*tambem*, *bem as*, *sim*, *outrosim*, *não só ... mas tambem*, ou *senão tanto ... como*, *&c.*

§. 2.°

Das Exclusivas.

As exclusivas fazem com que duas proposições se excluam—ou no todo, e são *disjunctivas*,—ou em parte, e *adversativas*.

As primeiras ligam proposições susceptiveis da mesma affirmação, mas incompativeis com ella simultaneamente, de modo que só uma é verdadeira comparada com outra.

Tal é—*ou*; e para variar—*quer*, *ora*, *já*, *quando*, sempre repetidas.

As adversativas, proposições incompativeis a certos respeitos, tão sómente pola razão de compatibilidade que aliás teem em tudo o mais.

Taes são — *mas* prepositiva, *porém* prepositiva e pospositiva; por equivalentes — *senão*, *contudo*, *todavia*, *se bem que*, *ainda que*, *isso não obstante*, *em que*, *&c*. Por n'estas locuções — *por pouco que*, *por mais que*, *por muito que*, é tambem conjuncção adversativa.

§. 3.°

Das Ampliativas.

As ampliativas ligam duas proposições pola razão de uma analysar ou desenvolver o sentido da outra.

Taes são todas as *causaes—como que*, *ca* antiquada, *pois* prepositiva, *porque*, *por quanto*, *vistoque*, *&c*.

E as *declarativas—como*, *assim*, *assimcomo*, *bemcomo*, *&c*.

E as *concessivas —com quanto*, *posto que*, *supposto que*, *dado que*, *&c*.

E as *conclusivas — logo*, *pois* pospositiva, *por tanto*, *polo que*, *assim que*, *por conseguinte*, *&c*.

§. 4.°

Das Restrictivas.

Estas ligam duas proposições pola razão de uma limitar ou circunscrever o sentido da outra.

Taes são as *condicionaes — se* positiva, *se não*, negativa, *como*, *contanto que*, *uma vez que*, *salvo se*, *excepto se*. Mas a conjuncção *se* nem sempre é condicional, talvez é dubitativa: vg. "Não sei *se* já veio:" em tal caso, usâmos accompanhal-a dos adverbios *acaso*, *por ventura*.

E as *subjunctivas*, que atam proposições integrantes ás totaes: tal é '*que*.'

Cumpre observar que, não obstante a classificação

que acabâmos de fazer das conjuncções, todas ellas teem implicita em si a conjuncção *que*. *E*, per exemplo, quer dizer—*ao que se acaba de dizer ajunctae 'que.'*

Mas, significa—*do que se acaba de dizer exceptuae 'que.'*

Logo, importa—*do que se acaba de dizer resulta 'que.'*

D'onde se deve concluir que as conjuncções substituem toda uma frase; que esta é de sentido relativo; e que ella deve sempre a sua virtude conjunctiva á conjuncção *que*, que, em ultima analyse, achâmos implicita em toda a conjuncção.

Observae mais que taes das conjuncções ora se omittem, ora se repetem. Repetem-se quando queremos encarecer o numero dos objectos de que fallâmos: vg.

> "*E* a relva *e* as matas *e* a fragrancia,
> Das boninas da encosta estão cantando
> Mil saudades de Deus."

Omittem-se, quando queremos amplificar, não o numero, mas a qualidade dos objectos: vg.

> "*Justiça*, *gloria*, *amor*, *saudade*, tudo
> Ao pé da sepultura é som perdido,
> De harpa eólia esquecida em brenha ou selva."

A figura que toma a frase no primeiro caso, dão os rethoricos o nome de *polycyndeton*, e o de *accyndeton*, no segundo.

Mas não se conclua d'ahi que haja proposições correlatas, cujas relações não tenham talvez signaes que as designem: não é assim.

Sempre que ha relação entre duas proposições, deve ligal-as uma conjuncção; se esta não apparece

no discurso, é porque facil a subentende o espirito de quem ouve ou lê.

CAPITULO VIII.

D'outros pretendidos elementos da proposição.

Afóra as duas classes de palavras a que temos redusido todo o vocabulario de uma lingua, — *nomes* e *preposições*; grammaticos ha que distinguem mais duas, — *adverbios* e *interjeições*.

Determinemos as idéas de cada uma d'estas entidades; de prompto nos convenceremos da ociosidade de tal distincção.

Artigo 1.°

Do Adverbio.

Adverbio é uma *palavra* ou *locução elyptica* que equivale a uma preposição com um nome, designando ordinariamente uma relação de circunstancia. N'esta fraze "*Docemente* suspira e *doce* canta," — o adverbio *docemente* equivale a — *com doçura*; o adverbio *doce* a — *de um modo doce*.

Portanto, ou se considere o adverbio como nome ou como preposição, elle não é um elemento simples — é uma locução composta, e ahi estão as classes a que pertence cada qual de seus componentes.

De dois modos se póde considerar os adverbios; — ou quanto a sua *forma*, ou quanto a sua *significação*.

Considerados quanto á significação, uns significam circunstancia de logar: vg. "*Aqui, dentro, fóra*;" outros de tempo; vg. "*hoje, hontem, logo*," outros de qualidade; vg. "*bem, honestamente*;" outros de quantidade; vg. "*muito, menos, assaz*;" outros de ordem; vg. "*antes, depois, primeiro*;" outros, differentes es-

tados da alma per ordem a suas idéas, isto é — certeza positiva: vg. "*sim, certamente*;" — certeza negativa: vg. "*não*;" — *duvida:* vg. "*por ventura, quiçá* (antigo)."

O que mais importa observar, é que o adverbio nunca modifica senão idéa de attributto, quer venha esta enunciada per attributivo mero ou radical, quer per nome commum não modificado de articular, quer finalmente per outro adverbio.

O adverbio, quando derivado de attributivo, póde distinguir, como este, differentes gráus; póde ser *positivo*, *augmentativo*, e *superlativo*.

Os adverbios, considerados quanto a sua forma, ou são palavras simples: vg. "*Aqui*, *ali*, *sempre*, *nunca*;" ou palavras compostas de um adjectivo e o nome commum *mente*, ablativo do nome latino *mens*, que significa *entendimento*, aliás *intenção*, *modo*, &c: vg. "*claramente*, *corajosamente*, *difficilmente*;" ou palavras invariaveis constantemente precedidas de uma preposição: vg. "*ás claras*, *ás escuras*, *de baixo*, *de cima*. *de dentro*;" ou finalmente nomes adjectivos empregados na terminativa masculina: vg. "*doce* tanges, Pierio, *doce cantas*."

Os adverbios terminados em *mente* formam-se da terminativa feminina dos adjectivos, sendo variaveis per genero, e do nome commum *mente*: vg. '*de clara*' feminino de '*claro*' — "*claramente*."

Sendo porém o adjectivo invariavel quanto ao genero, une-se o nome *mente* á unica terminativa que elle tem: vg. "de *difficil* — *difficilmente*; de *molle* — *mollemente*."

Quanto aos adjectivos empregados adverbialmente na terminação masculina, cumpre observar que ahi ha não só elypse de preposição, senão do substan-

tivo *modo*: assim quando digo " *Doce* tanges, Pierio, *doce* cantas", importa esta frase o mesmo que— " tocas *de um modo doce*, cantas *de um modo doce.*"

Os adverbios d'esta especie são sempre mais elegantes que os terminados em *mente*. Portanto, uma vez que seja possivel, empregal-os-hemos com preferencia a estes: assim em logar de " vejo *claramente*, percebo *distinctamente*," é mais elegante " vejo *claro*, percebo *distincto*."

Artigo 2.°

Da Interjeição.

Interjeição é a palavra mais ou menos inarticulada, per meio da qual exprimimos sentimentos e paixões da alma, — palavra que equivale a proposições inteiras. *Ah!* proferido por pessoas que teem fome, á vista de um bello fructo, importa todo este discurso: vg. " *Tenho fome: eisahi um fructo! quem me déra colhél-o!*"

Vê-se pois que as palavras d'esta ordem não são do fôro da Grammatica; porque não analysam o pensamento. Sendo, como são, signaes da *linguagem de acção*, não fazem parte do systhema actual das linguas, não são elemento da proposição. Á paixão cumpre ensinar-nos o quando e onde cumpre emittil-as. A grammatica não tem que legislar ácerca d'ellas.

Advertirei tãosomente, que dellas — umas são geraes para todos os affectos, como *ah*! *oh*! — outras particulares a cada um. Taes são.

De pena — *ai! guai! ui* ou *hui!*
De desejo — *oxalá!*
De repugnancia — *irra!*

De derisão — *ha! ha!*
De silencio — *ta! sio!*
De exhortação — *eia! sus!*
Para fazer parar as bestas — *xó!*
Para as fazer andar — *arre!*

E varias outras que é ocioso classificar.

Releva saber, que, apoz alguma das interjeições, vindo complemento que indique a cauza da paixão designada pela interjeição: vg. "Ai *de mim*! oxalá *eu fosse feliz*;" esse complemento não o é da interjeição, mas de forma verbal per elypse subentendida, como se dicéramos "Ai! *tenho dó* de mim!" Oxalá! ou "*desejo que* eu fosse feliz!"

FIM DO LIVRO PRIMEIRO.

PRINCIPIOS
DE
GRAMMATICA GERAL
APPLICADOS Á
Lingua Portugueza.

PARTE SEGUNDA.

LIVRO II.

Da Syntaxe.

CAPITULO I.

Da Syntaxe em geral.

SYNTAXE é a parte secundaria da grammatica que pelos accidentes das palavras, seu logar em contexto, e pauzas que as separam, determina as relações que umas teem para com outras, em ordem a exprimir um sentido.

A syntaxe comprehende tres partes bem distinctas. Relações significadas pelas formas accidentaes das palavras, — 1.ª parte, ou *syntaxe propriamente ditta.*

Relações significadas pela collocação das palavras em contexto, — 2.ª parte, ou *construcção.*

Relações significadas pelas pauzas que separam os differentes grupos de idéas, — 3.ª parte, ou *mecanismo do discurso.*

Antes de tractar de cada uma d'estas, cumpre determinar primeiro o que sejam *relações syntaxicas.*

CAPITULO II.

Das relações syntaxicas.

Diz-se que dois objectos são *correlatos*, quando fim a que tendem, effeitos que produsem, são communs a ambos. *O fojo*, per exemplo, *tem relação com o páu, porque o fojo* queima *o páu.*

Similhantemente; duas palavras estão em *relação syntaxica*, quando de sua apposição resulta um sentido que não é o de nenhuma d'ellas de per si. Uma relação suppõe necessariamente duas idéas: a palavra ou palavras que enunciam a primeira, são *primeiro termo* ou *antecedende* da relação; as que designam a segunda, *segundo termo* ou *complemento* d'ella.

Quando o termo de uma relação é uma palavra só, dis-se que elle é *simples*; quando tem mais de uma, que é *complexo*.

Logo que o termo de uma relação é complexo, ha entre as palavras que n'elle concorrem, outras relações que as ligam; aquella é *principal*, estas *subordinadas*.

A duas classes se redusem todas as relações per que as palavras se podem ligar em contexto; relação de *identidade*, e relação de *determinação*.

Duas palavras estão ligadas pela relação de identidade, quando uma significa uma idéa, que a outra analysa ou desenvolve.

Duas palavras estão ligadas pela relação de determinação, quando cada qual significa uma idéa, mas a segunda determinativa da primeira.

Os signaes da relação de identidade são — *genero*, *numero* e *apposição* nos nomes; *variações pessoaes* e *numeraes no verbo*. Estes podêmol-os denominar *posposições*.

Os signaes da relação de determinação são — as *preposições* collocadas entre o *complemento* e o *antecedente.*

Esta frase — " *Homem de raras virtudes*, " exemplifica a doutrina d'este capitulo.

CAPITULO III.

Da syntaxe propriamente ditta.

Esta é parte da syntaxe que pelas formas accidentaes das palavras, e as preposições propriamente dittas determina as relações que todas teem entre si em ordem a formar um sentido.

Todas as relações — têmol-o ditto — são de identidade, ou de determinação: a parte da syntaxe que nos dá conhecimento dos signaes da primeira, se diz *syntaxe de concordancia*; a que nol-o dá dos da segunda, *syntaxe de regencia.*

Artigo 2.°

Da syntaxe de concordancia.

A relação de identidade fundamenta a concordancia do *adjectivo* com o *substantivo*, por consequencia a do *verbo* com seu *subjeito*, e a do *commum* com o *proprio* ou como tal considerado.

§. 1.°

Da concordancia do adjectivo.

O adjectivo concorda com o substantivo, quando aquelle está em relação de identidade com este: esta relação é significada pela identidade de *genero* e *numero* em ambos: vg. " *Homem caridoso; justiça desinteressada; acção honesta.* "

Quando o adjectivo se refere, não a uma palavra, mas a uma idéa subentendida ou expressa n'um grupo d'ellas, nem varía do numero singular, nem da terminação masculina: vg. " *Bom* é ter o homem na tormenta uma taboa a que se apegar."

O conjunctivo relativo subentende, no caso em que está, o nome a que se refere, e com elle concorda: o caso referido é o *antecedente*; o concordado, o *consequente*: vg. " *O poeta que* compôz os Lusiadas."

Dos articulares conjunctivos só *cujo - cuja* não concorda com o nome subentendido, mas com o consequente: vg. " Varão *cujas virtudes* merecem imitadas."

O articular conjunctivo *o - a - os - as*, subentendendo como nome de individuo o nome a que se refere, toma a forma correspondente ao genero e numero d'elle: vg.

" Sabe tambem dar *vida* com clemencia,
A quem para perdêl-*a* não fez erro."

Subentendendo porém como nome de qualidade a palavra a que é correlato, não varía da terminação masculina, nem do numero singular: vg. " Os *validos* dos Reis não *o* são para casos e cousas particulares."

§. 2.°

Da concordancia do verbo.

O verbo, como verdadeiro attributivo, concorda — mas só com o nome que figura de subjeito na proposição. Releva saber — que é *subjeito?* — que *proposição?*

Proposição é a enunciação de um juijo; juizo a percepção da relação de comprehensão que ha entre duas idéas: no juijo ha pois duas idéas; idéa com-

prehendente, ou subjeito do juizo; idéa comprehendida, ou attributo d'elle. A palavra ou palavras que enunciam a primeira, são o *subjeito* da proposição; as que designam a segunda, o *attributo* d'ella: vg. "*A honra é o premio da virtude.*"

Na lingua portugueza, como só os pronomes primittivos teem casos, só n'elles ha accidente para o subjeito — a variação directa — *eu*, *tu*, *elle*, *nós*, *vós*, *elles*: nos mais nomes, o signal de subjeito é o logar que elles occupam na proposição — ordinariamente antes do verbo: vg. "*A aguia matou* a serpente."

No uso d'esta regra cumpre ter em vista o que deixámos ditto ácerca do emprego das variações infinitivas, *Cap. VI. art. 5.°*

O conjunctivo *que*, subentendendo a palavra a que se refere com o accessorio de caracter de pessoa com que ella figura no discurso, exige que o verbo cujo subjeito elle fôr, tome a variação correspondente a essa pessoa: vg. "Sou *eu que fallo*; és *tu que fallas*; é *elle que falla.*"

Todavia Barros diz—"*Eu* sou a *que ando* nas mexericadas;" e "*Eu* sou a *que* lhe maior bem *quer*."— Este segundo modo de expressão parece mais conforme á regra da concordancia; porque o conjunctivo *que*, n'estes exemplos, não subentende o pronome *eu*, mas o substantivo *mulher* que deve figurar com o caracter de terceira pessoa: vg. "Eu sou a *mulher que*, &c."

Porém disse bem Bernardino Ribeiro "Quem és a *que* me *fallas?*" porque a palavra *dama*, a que o conjunctivo se refere, figura de pessoa com quem se falla.

Quando a frase separa de um todo alguma parte, vindo depois conjunctivo, cumpre examinar a que se

refere elle, se ao todo, se á parte: referindo-se ao todo, tomará o verbo o numero plural: vg. "O Vouga é um *dos rios de Portugal que entram* no mar;" referindo-se á parte, irá no numero em que estiver o nome que a significa: vg. "Eu sou *um* d'aquelles infelizes *que* mais *soffri* n'essa desgraça."

O signal da relação perque se ligam o verbo e seu subjeito, é a identidade de *numero* e *caracter de pessoa* entre um e outro: vg. "*Eu* ensino; *nós* vêmos; *tu* lês; *elles* ouvem."

Subjeito póde ser todo e qualquer substantivo, toda e qualquer palavra ou grupo d'ellas, — mas que exprima uma idéa, um sentido determinado. Ao subjeito vão immediata ou mediatamente subordinadas todas as mais palavras da frase.

Não ha proposição sem verbo, nem verbo sem subjeito.

Ha porém algumas formas verbaes, cujo subjeito, ou é constantemente substantivo cognato n'ellas implicito, ou é tal que não é mister exprimil-o, e por isso d'ellas se usa sem subjeito claro nas terceiras pessoas.

Taes são — *corre-se*, *vive-se*, *chove*, *neva*, *troveja*, *&c.*, cujo subjeito é *a carreira*, *a vida*, *o ceo*, *&c.*

A esta classe pertence a forma verbal *haver*, quando não traz claro ao mesmo tempo subjeito e objecto; porque, em tal caso, o que vem occulto é o subjeito — *mundo*, *terra*, *tempo*, ou outro que melhor quadre ao sentido: n'estas circunstancias, a forma verbal *haver* nunca deve variar das terceiras pessoas do singular: vg. "*Ha* homens; *houve* occasiões." isto é, "*A terra* ha homens; *o tempo* houve occasiões."

Esta mesma regra tem logar para com toda a forma verbal que leve apoz si a forma verbal *haver* no

infinitivo sem subjeito claro: vg. "*Póde haver* homens tão grandes, como os que já foram." isto é, "*O mundo póde haver* homens tão grandes, &c."

Grammaticos ha que dizem que a forma verbal *haver*, n'este caso, é synonimo de *existir*; o que é um erro: haver é forma activa synonimo só de *ter*, *possuir*; nunca de *existir*, forma neutra. Portanto deve ter sempre *subjeito* e *objecto*; mas o subjeito, quando é alguma das palavras acima mencionadas, vem subentendido per elypse usual da lingua.

O verbo póde vir modificado per outros nomes que designem o modo da existencia per elle enunciada. Esses, sendo adjectivos, tomam a forma correspondente aos accidentes do subjeito: vg. "*A terra é redonda.*"

§. 3.°

Da concordancia do commum.

O commum concorda com o proprio ou commum appropriado, designando a classe a que pertencem o individuo ou individuos, por elle significados.

Faz-se esta concordancia de dois modos: ou appondo o commum ao proprio immediatamente no mesmo caso: vg. '*O Censor* Catão" ou appondo um ao outro, mas — ou mediante o verbo ou forma verbal: vg. "A honra *é o premio* da virtude."

ARTIGO 2.°

Da Syntaxe de regencia.

A relação de determinação, como a de identidade, suppõe de necessidade dois termos; o primeiro, que é o antecedente, é que determina a natureza do segundo.

De todos os antecedentes de relação de determinação — uns fazem esperar um complemento, que lhes determine e complete a significação — outros não o exigem absolutamente, mas, quando o tenham, mudam de significado, ficando per elle ou mais restrictos, ou mais ampliados.

Os primeiros são attributivos — ou puramente relativos, e o complemento que exigem, é *termo* d'essa referencia. vg. "Util *aos homens*;" — ou puramente activos, e o complemento que os segue, significa o *objecto de acção* d'elles: vg. "Amar *os homens*."

Os segundos — ou são nomes de classes, que o complemento restringe em sua extenção: vg. "Amor *da patria*;" — ou são qualquer nome que accessorios circunstanciaes desenvolvem e especificam: vg. "Morto *com ferro*."

Vê-se pois que a quatro se podem redusir todas as circunstancias em que uma idéa nos póde apparecer como dependente ou determinativa de outra idéa; porque o signal de uma idéa determina o de outra per um de quatro modos — ou indicando o termo de um modo de ser, de uma potencia qualquer — ou designando o objecto de uma acção — ou restrigindo-o em sua amplidão, — ou finalmente denotando qualquer outra relação que não sejam estas; d'aqui quatro especies de relações ou complementos que são — *terminativo*, *objectivo*, *restrictivo*, e *circumstancial.*

Do Complemento terminativo.

Uma palavra está em relação terminativa com outra, quando esta envolve idéa de referencia cujo termo é significado por aquella. O signal d'esta relação é, em portuguez, a preposição *a* ou *para* para o complemento: vg. "O louvor é devido *á* virtude."

A todo o radical, quer venha explicito, quer combinado com o verbo em forma verbal, póde appôr-se um dativo para indicar o *termo* de sua referencia.

Ha adjectivos attributivos e radicaes cuja significação, quer seja, ou não, activa, fazem esperar alguma cousa apoz si, que não sendo o objecto da acção, é como o termo para que tende o desenvolvimento do subjeito. Quando digo "El-Rei deu a D. João de Castro a praça de Diu para a defender," aqui ha apoz de *deu* tres complementos; abstracção feita de *praça de Diu*, que é objecto, os outros dois são terminativos, um significa um termo proximo, outro, um termo remoto — *a D. João de Castro* é o termo proximo, *para defender*, é o remoto; porque D. João de Castro só podia *defender a praça de Diu*, depois do Rei lh'a *ter dado*.

Quando o termo proximo fôr pronome, usâmos da inflexão *enclytica*, se a pômos antes d'elle: vg. "*me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *lhe*, e *lhes*." Advirta-se porém que se o termo o fôr de forma verbal subordinada, não o podêmos pospôr ao 1.°, é mister pôl-o antes: vg. Não posso dizer — "Não quero que embaracaste commigo," cumpre que diga — "Não quero que *te* embaraces commigo." Pertencendo porém este complemento a forma verbal que vae no rosto da frase, é mister pôl o depois: vg. "Faça-*me* favor d'isto ou d'aquillo"; e não — "*Me* faça favor, &c."

Além dos casos *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *lhe* e *lhes* de que usâmos sem preposição clara, temos os — *mim*, *ti*, *si*, e seus pluraes de que nos servimos com a preposição *a* ou *para*, e talvez pleonasticamente com os primeiros: vg. "*A mim só me* importa o testemunho de minha consciencia."

Adverbios derivados de attributivos que peçam este

complemento, nem porisso o engeitam: vg. "Viver *conformemente aos nossos desejos.*"

Em summa, este caso os grammaticos o dizem destinado a significar a relação de *perda* ou *proveito*, verdadeiro ou virtual, que recebe o objecto indicado pelo nome que o leva.

Do Complemento objectivo.

Disemos que está na relação objectiva a palavra que na proposição designar 1.° o *objecto* em que se emprega a acção significada per um radical activo; 2.° os intermedios per que decorre; 3.° *ponto fixo* a que tende.

Todas estas relações são denotadas em portuguez, per preposições accommodadas que se lhes addicionam; advertindo que o signal da primeira relação é a preposição *a* ou a simples apposição; aquelle, para nomes de pessoas, este, para o de couzas.

Quando o objecto tem de ser o pronome *eu*, *tu*, *se*, *elle*, *nós*, *vós*, *elles* — de taes pronomes se usa no caso ou inflexão *me*, *te*, *se*, *o*, *a*, *nos*, *vos*, *os*, *as*, ou sós, ou accompanhadas dos complementos pleonasticos a *mim*, *a ti*, *a si*, *a elle*, &c., como na regra do complemento terminativo: vg. "*Matam-me* saudades da patria," ou "*Amim matam-me* saudades da patria."

Se o objecto é pronome, e o verbo da proposição está no futuro absoluto ou no futuro relativo a preterito, dissolve-se a palavra pela junctura, e no meio dos dois ellementos vae o objecto ou termo: vg. "*Fal-o-hei* prompto." "*Dar-te-hia* muito prazer." Não tem logar quando concorre na proposição o complemento pleonastico *a mim*, *a ti*, *a si*, &c. Assim não diremos: vg. "Vossa mercê *a mim* dar-me-ha conta d'isso;

é melhor: vg. "*A mim* me dará vossa mercê conta d'isso."

Quando o objecto fôr a palavra mais emphatica da frase, é elegante referil-a no rosto d'ella; e depois trazel-a á memoria pelo pronome relativo de 3.ª pessoa: vg. "Em Diu não estavam ociosas as armas; porque *Rumecão valeroso* e *constante*, não *o* assombravam os damnos recebidos, nem os soccorros esperados dos nossos."

Um radical activo não póde ter mais que um d'estes complementos; concorrendo com elle outros sem relação de identidade entre si, só o de objecto é regido do radical; os mais o são de preposição adoptada clara, ou subentendida.

Do Complemento restrictivo.

Um nome está em relação restrictiva com outro, quando appostos significam especie do genero, ou individuo da especie pelo primeiro significada. Esta relação é significada em portuguez pela preposição *de* entre ambos: vg. "O poema *de* Camões."

Toda a vez que uma palavra vaga e indeterminada precisar ser modificada pela idéa da 1.ª, 2.ª, ou 3.ª pessoa, não usâmos por isso do pronome precedido da preposição, mas do possessivo derivado do pronome em relação de identidade como signal da 1.ª idéa: assim não diremos—"*casa de mim*," nem—"*casa de ti*," mas "*minha casa*, *tua casa*."

Mais: sempre que calando possessivo fica na proposição lacuna consideravel para o sentido, devemos fazêl-o. Não diremos: vg. "Elle se estava todo debatendo com *seus olhos*, com *seus braços*, com *suas pernas*, *&c.*," mas sim—"Elle se estava todo debatendo com *olhos*, *braços* e *pernas*."

Ainda quando seja preciso declarar o possessivo, se o pudermos converter em *lhe* ou *lhes*, *me* ou *nos*, *te* ou *vos*, cumpre fazêl-o; que essa é elegancia com que nossa lingua muito engraça. Assim, em logar de dizer — "Pôz um colar no *meu pescoço*, ou metti um anel em *seu dédo*," é mister dizer — "Pôz-*me* um colar ao pescôço," ou "metti-*lhe* um anel no dêdo."

N'uma palavra; o complemento restrictivo denota o *quasi possuidor*, activo ou passivo da cousa significada per seu antecedente.

Do Complemento circumstancial.

A relação *circunstancial* atta uma com outra palavra sempre que a segunda designa uma circunstancia qualquer, que não seja alguma das referidas; e a preposição accommodada é o signal d'esta relação. Já sabemos, pela etymologia, quaes as preposições que em nossa lingua designam taes circustancias, como o *modo*, a *causa*, o *instrumento*, o *tempo em que*, o *logar onde* ou *d'onde*, *preço*, a *companhia*, a *substituição*, &c.

A alguma d'estas classes será facil redusir, verdadeira ou virtualmente a relação circunstancial.

CAPITULO IV.

Da Syntaxe Figurada.

Atéqui temos estudado a união das palavras em contexto, segundo as leis de suas relações de identidade e de determinação: estas constituem a syntaxe regular.

Agora passàmos a consideral-a, não tanto em relação a essas leis, como particularmente, a respeito do fim geral da palavra. As alterações que adveem

á proposição, d'este novo modo de considerar as palavras que n'ella concorrem, chamam-se *figuras;* a parte da syntaxe que nos dá conhecimento d'ellas, *syntaxe figurada.*

A quatro se redusem todas as figuras, chamadas propriamente *grammaticaes, ellypse, pleonasmo, grecismo*, e *enalage*; d'ellas tractaremos nos seguintes artigos.

Artigo 1.°

Da Ellypse.

A ellypse consiste na falta ou ommissão de uma ou mais palavras necessarias, não para a intelligencia precisa da frase, mas para a integridade grammatical d'ella: vg.

"*Aos infieis*, Senhor, *aos infieis*,
E não a *mim* que creio o que *podeis*"

A syntaxe regular dicéra "Aparecei, Senhor, aos infieis, e não apareçaes a mim que creio o que vós podeis."

Tractando da syntaxe regular, lá deixei indicadas algumas das ellypses mais usadas. Limitar-me-hei aqui a algumas regras praticas que a lição dos classicos a cada passo confirma.

Na lingua portugueza cala-se:

1.° — Os pronomes primitivos, quando subjeitos, uma vez que o sentido os não requeira claros: vg. "D. Alvaro fez obras que respondiam bem ao sangue e ao valor; não *faltou* á disciplina porque *foi* ordenando e recolhendo os seus....; *retirando-se* mui acordado.

2.° — A preposição *per* quando indica intermedio de tempo: vg. "Aqui esteve o Governador *dois dias.*"

3.° — O gerundio *sendo* e a formula prepositiva *depois de* antes das circunstancias de tempo ou causa, quando na expressão d'ellas venha radical passivo: vg. "*Chegado o termo* da entrada, se metteram os dois governadores em uma falúa com os remos dourados." "*Entregue D. João* do governo da India, se partiu Martim Affonso para Cochim."

4.° — Talvez a preposição *com* ante circunstancias de modo, mormente se na expressão d'esta vier radical passivo: vg. "*Espada* em punho, remetteu contra o inimigo."

Esta ellypse é mui usual nas descripções: assim o praticou Camões na pintura da Ignez de Castro: vg.

"Tal está morta a pallida donzella,
Séccas do rosto *as rosas*, e *perdida*
A branca e viva côr co'a dôce vida."

5.° — De ordinario se ommittem os substantivos logar, tempo, occasião: vg. "Tens agora *onde* trabalhes." "Não teme o justo, *quando* o ameaçam tyrannos."

6.° — Talvez se cala o conjunctivo *que* nas proposições integrantes: vg. "Pedia em particular o encommendassem a Deus."

7.° — Talvez se cala a preposição *em*, antes do conjunctivo *que* quando empregado em complemento circunstancial de *tempo em que*: vg.

"No tempo *que* do reino a redia leve,
João, filho de Pedro moderava."

8.° — Concorrendo na proposição mais de um adverbio em *mente*, ommittir-se-ha esta terminativa nos primeiros, ficando só no ultimo: vg. "Activa ligeira e dexter*amente*."

A ellypse é genero, cujas especies são — *Zeugma*, *Syllepse*, e *Synthese*.

§. 1.°

Da Zeugma.

A zeugma tem logar quando a falta em que consiste a ellypse é relativa, não a todo um pensamento total, mas só a alguma das proposições parciaes que o enunciam. A palavra ommittida está dentro do periodo; é preciso subentendêl-a *tal qual*, para alguma outra proposição d'elle: vg. "*Deus creou* o Ceo e a Terra, os Anjos e os Homens;" a syntaxe regular pedíra a repetição de *Deus creou* para o 2.° 3.° e 4.° membro.

Advirta-se que na *definição* a clausulá *tal qual* diz respeito ao logico da palavra, não ao material d'ella, como erradamente praticaram alguns classicos, subentendendo palavras ononimas das que estavam dentro do periodo. Tal é esta zeugma de Bernardes: vg.

"Não ver, diser queria, que *desmaio*!
Quando (cousa que mal me será querida!)
No mar ferido *d'um* barco caio!

A palavra *um* subentendendo *desmaio* nome, com *desmaio* forma verbal do primeiro modo, nada tem de commum senão a identidade de sons.

§. 2.°

Da Syllepse.

Se porém a palavra subentendida soffre alguma alteração em sua forma de genero e numero sendo nome; tempo, numero ou pessoa, sendo verbo: a ellypse toma o nome de *Syllepse*: vg. "Seus temores e esperanças eram *vans*." A syntaxe regular dixéra— "Seus temores eram vaõs, e suas esperanças eram *vans*."

No uso d'esta figura a practica tem introdusido as seguintes regras.

1.ª — O adjectivo que vier depois do verbo — ser ou estar, ou qualquer forma verbal neutra — referindo-se a varios substantivos do singular subjeitos da propoposição, posto na forma masculina tomará o numero plural, sendo este o do verbo: vg. "O favor e ajuda que n'elle estavam *certos*."

2.ª — O adjectivo que se refere a muitos substantivo do mesmo numero e diverso genero concorda com o mais proximo: vg. "As aguas cobraram o sabôr e *suavidade antiga*." "Entre as hervas do prado não ha machos e *femeas conhecidas*?"

Mas do contrario tambem ha exemplos nos classicos; pelo que respeita a adjectivos do plural: concordam-nos com o nome masculino ainda que mais remoto. Ferreiras diz — "Os *louros* e heras per ti *honrados*."

3.ª — Sendo os substantivos de diverso numero, o adjectivo correlato concorda com o do plural, qualquer que seja seu genero: vg. "As *fazendas* e o dinheiro eram *muitas*." "Os *dinheiros* e a fazenda eram *muitos*."

Porém os classicos talvez practicam o contrario, Jeronimo Côrte Real diz:

"Da branca seda leva o charo espôso
As *calças* e o *jubão* de ouro *lavrados*."

4.ª — Concorrendo muitos substantivos de diversas pessoas, ainda que sejam do singular, o verbo correlato irá ao plural tomando a pessoa mais nobre dos subjeitos, qual é a primeira arespeito da segunda, &c.: vg. "Nós *estavamos* minha prima e *eu* assentados." "Se *tu* e elle vos *enfadaes*."

Vindo depois de varios subjeitos, quer do singular, quer do plural *tudo* ou *nada*, subentendendo a *todos*, então o verbo concorda com o articular: vg.

"O ouro, a prata, os diamantes, *tudo é* terra e da terra." "Jogos, espectaculos; conversações, *nada o tirava* do seu retiro."

Um e *outro*, e *nem um nem outro*, subjeitos da proposição admittem o verbo e o adjectivo correlato, tanto no singular, como no plural: vg. "Um e outro *é bom*, ou *são bons*."

Advirta-se que os substantivos com que esses articulares concordarem não pódem tomar o plural. Frei Luiz de Souza, na vida do Arcebispo disse mal — um e outro *arcebispos*, devêra dizer — um e outro *arcebispo.*

§. 3.°

Da Synthese.

A synthese tem logar quando a proposição se construe de modo que algum dos termos d'ella se refere não áquelle a que parece immediatamente correlato, mas a outro que lhe é *analogo*, e como tal foi presente ao espirito de quem falla ou escreve: vg.

"Ditosa condição, ditosa *gente*
Que não *são* de ciúmes *offendidos*."

A syntaxe regular dicéra "Ditosa *gente*, *homens* que não *são* de ciúmes *offendidos*."

Esta figura tem logar não só quanto ao numero como no exemplo acima, mas tambem quanto ao genero: vg.

"Mas já o *planeta* que no céu primeiro
Habita cinco vezes *apressada*."

A syntaxe se restitue d'este modo — "Mas já a *lua* o planeta que &c."

As syntheses mais usuaes na lingua são as seguintes. —

1.° — Esta figura é muito usual no tractamento ordi-

nario das pessoas; desde *V. mercé* até *V. Magestade*, porque os adjectivos correlatos, fallando-se a pessoa do sexo masculino, empregam-se na forma masculina: vg. "É *V. Senhoria* meu *protector*, não meu *protegido*."

Da mesma sorte, quando certos substantivos femininos, se empregam como nomes de individuos do sexo masculino, os adjectivos correlatos collocam-se na terminação masculina: vg. "*Um* trompa, *um* rabéca, *um* guarda, *um* máscara."

2.° — Quando empregâmos *nós* ou *vós* referido a uma só pessoa, o adjectivo que a essa se referir, tomará a terminação singular: vg. "Se na vida *seguirdes* a opinião, nunca *sereis rico*; se a *conformáreis* á natureza; nunca *foreis pobre*."

Porém hoje, quando os autores fallando de si empregam *nós*, usam tambem no plural os adjectivos correlatos á pessoa que falla, não obstante Barros haver ditto — "*Antes sejâmos breve, que prolixo.*"

3.° — Quando empregâmos os articulares *um* e *outro* correlatos a dois substantivos expressos em proposição antecedente, dos quaes *um* é femenino, e *outro*, não varia de genero: vg: "Eu possui as *riquezas* e *socêgo*; elle *um* e *outro* me tirou."

N'estas similhantes locuções *um* e *outro* concordã regularmente com um substantivo masculino subentendido como *bem* n'este caso.

4.° — Os substantivos colectivos, isto é, aquelles que no numero singular significam multidão de individuos, empregados n'este numero, talvez exigem no plural o *verbo* e os adjectivos correlatos; tal outra não exigem; mas consentem-se.

Quando o colectivo é partitivo e vae seguido da preposição *de* e um nome do singular, o verbo e o

adjectivo correlato pódem tomar o plural, ou concordar regularmente com o colectivo: vg. "*Povoavam* os degráus *muita sorte de gente que pareciam pobres*; ou *povoava* os degráus muita *sorte de gente que parecia pobre.*"

Se porém o colectivo fôr seguido da preposição *de* e um nome do plural, então o verbo e adjectivos correlatos não pódem deixar de concordar regularmente com o colectivo: vg. "*O exercito dos infieis* foi inteiramente *derrotado*" Todavia se houver mais respeito á qualidade dos individuos que á sua totalidade, devemos pôr o verbo e adjectivos correlátos no numero plural, como fez Ferreira, dizendo: "Nunca me esquecêra aquelle ditto teu — que mais era para temer um exercito de ovelhas, quando *tinham* por capitão *um leão*, que de leões, se os *capitaneava ovelha.*"

Artigo 1.°

Do Pleonasmo.

Esta figura é ao contrario da ellypse; ella addiciona á proposição já perfeita uma ou mais palavras superfluas, que a fasem ou mais redonda quanto á harmonia: vg. "Passaram *ainda* além da Taprobana" — ou mais inergica quanto ao sentido: vg.

"Para o céu cristalino alevantando
Com lagrimas os olhos piedosos,
Os olhos porque as mãos lhe estava atando
Um dos duros ministros rigorosos."

No primeiro exemplo, *ainda* é superfluo; no segundo, não é mister repetir *os olhos.*

Os pleonasmos da primeira especie são os propriamente grammaticaes; ha em todas as linguas simi-

lhantes locuções, faltar a ellas fôra fallar encorrectamente.

Taes são as inflexões dos pronomes — *a mim*, *a ti*, *a si*, *a elle*, *&c.*, depois dos casos enclypticos — *me*, *te*, *se*, *lhe*, *&c.*: vg. "Quem tal me diria *a mim?*" — e outros mais pleonasmos que é excusado apontar, porque o uso vivo da lingua nol-os terá ensinado.

Artigo 2.°

Do Grecismo ou Hellenismo.

Assim denominavam os Latinos qualquer palavra, construcção ou frase, que da lingua Grega haviam transplantado para a sua, e que fundada na autoridade dos doutos corria sem reparo: nós, dando mais amplidão ao termo, chamaremos com elle toda a locução ou frase forasteira, que tenha na nossa lingua assento concedido pelos classicos.

Varias d'estas locuções temos, que imitámos das linguas Grega, Latina, Arabe e Franceza, ainda hoje muito usadas, mórmente no estilo familiar.

Assim á imitação dos Hebreos, repetimos duas ou mais vezes um positivo em logar de pôr o superlativo ou o augmentativo derivado: vg. "*Manso* e *manso*: *Seculos* e *seculos*."

Dos Gregos, imitámos o emprego do substantivo ligado pela preposição *de* ao adjectivo, que com elle estaria em relação de identidade, pondo-os ambos no mesmo numero; a qual figura só tem logar quando o adjectivo não é modificativo, mas accessorio: vg. "As pobres *das velhas*:" "Eu a dizer lh'o, e o perro *do negro* a rir!"

D'este uso vem o equivoco de que nossa lingua é susceptivel n'esta e similhantes frases: vg. "O ca-

vallo *de Pedro*:" porque não se sabe se a preposição está em relação de identidade, se de determinação; isto é, se Pedro é *cavallo*, metaphoricamente, se *dono* do cavallo.

No uso d'estas figuras cumpre que não encontrêmos o genio e analogia de nossa lingua, não empregando para ellas palavra ou frase que tenha já um sentido recebido no commercio da lingua.

Porisso errou quem empregou no sentido latino de '*ser castigado*' a frase '*dar penas*' porque esta, nós a empregâmos para significar '*fazer soffrer.*'

Artigo 1.°

Da Enálage.

Enálage tem logar quando, autorisados pelo uso, trocâmos umas por outras palavras, estes por aquelles accidentes da mesma.

Taes são: —

1.° — O uso do infinitivo impessoal por um substantivo analogo: vg. "Que foi d'aquelle *cantar* das gentes tão celebrado?" por "aquelle *canto*."

2.° — O uso de uns elementos syntaxicos por outros, como o uso do adverbio servindo de subjeito: vg. "O *agora* e *depois* dos bons, é mui differente do *agora* e *depois* dos máos."

3.° — O uso do verbo e adjectivo no plural concordados com subjeito singular, concorrendo com este outros em relação de companhia indicada pela preposição *com*: vg.

"Que *eu* co'o *gran Macedonio* e co'o *Romano*,
Démos logar ao nome Lusitano."

4.° — O uso do presente polo preterito, quando fallâmos de cousas passadas, que queremos pintar com

mais vivêsa: vg. "*Morre* Tourenne, a victoria *pára*, a fortuna *vacilla*, e todo o campo *fica* immovel."

5.° — O uso do presente relativo a preterito polo presente: vg. "Os livros que tu pedes não *trazia*.

CAPITULO V.

Da Construcção.

Construcção é, em termo de Grammatica, a disposição que dâmos ás palavras em contexto segundo o genio de cada lingua; sem alterar a syntaxe d'ellas.

Esta é de tres modos — *directa*, *inversa*, *ou interrupta*.

Artico 1.°

Da Construcção directa.

A construcção é directa, quando, no collocar das palavras em contexto, seguimos exactamente a ordem successiva de suas relações, de modo que as modificantes vão logo apoz as modificadas, referindose cada qual á que immediatamente a precede, e todas ao subjeito da proposição: vg. "Um Principe que cumpre exactamente com suas obrigações, merece o amor de seus vassallos e a estimação de todos os povos."

Collocar em primeiro logar a denominação do subjeito com os accessorios ou modificativos que o acompanhem, logo a do attributo com os complementos relacionarios que o sigam; eis-ahi a ordem da analyse, eis todo o artificio da construcção directa.

Mas esta que é geral para todas as linguas, póde ser mais ou menos alterada, segundo o genio particular de cada uma. Na lingua portugueza, como lingua analoga que é, a construcção directa pouco se

desvia da ordem da analyse. As regras a seguir referil-as-hemos — 1.º *aos termos da proposição*, — 2.º *ás palavras concordadas*, — 3.º *ás determinantes*, — 4.º *ás invariaveis*, — 5.º *á harmonia*.

§. 1.º

Dos termos da proposição.

A construcção directa dos termos d'uma proposição, exige que toda a expressão do subjeito preceda a toda a do attributo. Mas para o desenvolvimento d'esta regra, é mister conhecer a natureza das proposições consideradas quanto a si.

As proposições consideradas debaixo d'este ponto de vista, são *simples* ou *compostas*, *complexas* ou *incomplexas*.

A proposição é simples, quando consta de um só subjeito e de um só attributo.

É composta, se tem varios subjeitos ou varios attributos, ou uns e outros simultaneamente.

É complexa, quando a idéa do subjeito ou do attributo é restringida ou ampliada per modificativos ou accessorios que fazem parte d'ella.

É incomplexa, quando nem a idéa do subjeito nem a do attributo vem ampliada ou restringida per accessorios ou modificativos.

Posto isto, desfiemos a regra geral: —

1.º — Se a proposição é simples, toda a expressão do subjeito precede a do attributo: vg. "*O bom principe é um sol commum a todos, que vigia sobre seu povo com muitos olhos.*"

2.º — Na proposição composta, quando são varios os subjeitos, se entre elles ha relação de gradação ou de subordinação, essa mesma se seguirá na con-

strucção de cada um: vg. "*Homens* e *animaes*, *paes* e *filhos*, *maridos* e *mulheres*, *ricos* e *pobres*, todos pereceram no diluvio universal."

Quando porém a composição d'uma proposição provêm da variedade de attributos, duas são as ordens a seguir na construcção d'elles: — *a gradação ascendente*, se affirmâmos: vg. "Sempre te *protegi*, sempre te *beneficiei*, sempre te *doei*, e muitas vezes te *salvei a vida*;" — *a gradação descendente*, se negâmos: vg. "Nunca me *salvaste a vida*, nunca me *doaste*, nunca me *beneficiaste*, nunca me *protegeste*."

3.° — Quando a proposição é complexa, é mister, na construcção do subjeito e do attributo, haver respeito á complexidade d'elles. Sendo ambos igualmente complexos, primeiro vae o subjeito, depois o attributo: vg. "*Quatro das nossas fustas abalroaram seis dos Mouros*."

Sendo porém um mais complexo que o outro, será construido primeiro o termo mais curto: vg. "*O amor do mundo* é sol d'entre nuvens, que arde muito, e dura pouco." Mas se o subjeito é incomplexo, ou de breve complexidade é elegante collocal-o entre a expressão do attributo; — ou immediatamente apoz o verbo ou forma verbal: vg. "Pagam *os povos* os desvaríos dos seus principes," — ou mediante algumas palavras da frase: vg. "Nas casas grandes foram sempre *n'este reino as lettras* o segundo morgado."

Porém isto deixa talvez de ter logar, quando a proposição é ligada a outra per conjucção exclusiva, ampliativa ou restrictiva, mormente sendo o subjeito algum pronome: vg. "*Por que Osiris foi Rei do Egypto*, onde ensinou muitas artes, o adoraram os Egypcios, como Deus, disendo *que elle era* o mesmo sol."

4.° — Cumpre construir o subjeito d'uma proposição, ou depois do verbo, se é incomplexo, ou depois de toda a expressão do attributo, se é complexo.

1.° Quando fazemos alguma pergunta: vg. "Para *que é vida* sem honra."

2.° Quando mandàmos, exhortàmos, ou pedimos ou ameaçâmos: vg.

"*Calem-se* de Alexandre e de Trajano,
As navegações sabias que fizeram."

3.° Quando enunciàmos algum desejo: vg.

"Bem *poderas, ó sol*, da vista d'estes,
Teus raios apartar aquelle dia."

5.° — Quando rematàmos um periodo com um epiphonema, na proposição que o enuncia, o attributo precede ao subjeito: vg. "*Tão sanctos, tão devotos, tão amigos de conservarem a fé em sua pureza, foram sempre* seus paes e avós."

6.° — Quando o subjeito d'uma proposição é outra ligada á primeira pela conjugação *que*, colloca-se o attributo em primeiro logar: "*Cousa* dura *é* que seja juiz da vida alheia, quem não sabe governar a sua propria."

7.° — Talvez se colloca em primeiro logar o attributo das proposições que enunciam um sentido sentencioso: vg. "*Acertadamente governa* quem sabe precaver os dilictos"

§. 2.°

Das palavras concordadas.

As palavras correlatas em razão de identidade que entre as idéas haja, é regra geral de construcção, collocal-as de modo que as concordantes vão ordinariamente pospostas ás concordadas. Ora estas só pó-

dem ser *substantivos*; aquellas, *adjectivos articulares* ou *attributivos*, *nomes communs*, *verbo* ou *formas verbaes*. Desfiemos a regra geral.

1.ª — O substantivo, como a primeira e principal palavra do subjeito d'uma proposição, deve occupar o primeiro logar da expressão d'este, excepto os casos em que a construcção directa exige alguma outra palavra antes d'elle: vg. "Tudo póde *o animo varonil*, se quer."

Porém é uma elegancia mui propria da nossa lingua, collocar o subjeito immediatamente apoz o verbo, ou mediante complementos d'este: vg. "Logo que se retirou o inimigo, mandou *D. João Mascarenhas* enterrar os mortos." "Accudiu logo áquella parte, *D. João Mascarenhas*."

2.ª — Adjectivos articulares, cumpre collocal-os antes dos substantivos com que concordem: vg. "*Este homem*; *meu livro*; *qualquer cousa*."

Os articulares possessivos talvez se collocam depois do substantivo correlato, quando queremos empregal-o em sentido indeterminado: vg. "Agora queres que me espante de *cousas tuas*?" — ou se queremos dar á expressão sentido activo: vg. "Matam-me *saudades vossas*."

Porém na poesia, muitas vezes se empregam os possessivos pospostos aos substantivos correlatos, sem que o sejam para nenhum dos mencionados fins: vg. "*Alma minha* gentil que te partiste."

Na linguagem familiar, ha tambem certas formulas consagradas pelo uso, em que o possessivo vae apoz o substantivo: vg. "Por *vida minha* te digo."

O articular *um*, quando concorre na mesma proposição com o articular *outro*, colloca-se juncto d'este: vg. "Tinham já descahido *uns sobre outros*."

Os rticulares conjunctivos, postos no rosto da proposição a que pertencem, cumpre collocal-os com toda a sua clausula immediatamente apoz o nome que subentendem: vg. "*O homem com quem* me encontrei hontem, é um amigo meu."

Se o conjunctivo ou só, ou accompanhado de um substantivo, é empregado como subjeito de proposição com que perguntâmos ou exprimimos algum desejo, não será construido depois do verbo, mas antes d'elle, no rosto da frase: vg. "*Quem* negará que Deus se esmerou na ultima de suas obras?"

O conjunctivo só deixa de occupar o rosto da frase, quando, empregado em complemento restrictivo com preposição clara, determina algum nome que deve occupar o primeiro logar da proposição: vg. "Um homem, *o nome do qual* me não lembra."

Se o antecedente do conjunctivo é determinado per accessorios ou modificativos, pódem estes ser ou nomes communs adjectivados, ou nomes substantivos:— no primeiro caso, colloca-se o conjunctivo depois d'elles: vg. "O homem *verdadeiramente de bem que* conhece seus deveres;"—no segundo, cumpre reparar não haja amphibologia; havendo-a, dar-se-ha á frase outra construcção, de modo que o conjunctivo fique immediato ao seu antecedente: assim disse mal D. N. de Leão.—"Do que, aquelle delicado principe trazia *as mãos cheias de chagas e empôlas, que* em outro tempo sahiam a ser beijadas de muitos nobres;" devêra dizer—trazia *cheias de chagas e empólas as mãos, que &c.*"

Finalmente, se um mesmo antecedente ha mister modificado per varios conjunctivos com suas clausulas, serão todos estes collocados depois d'elle, na ordem que lhes marcar a gradação das idéas, haven-

do-a: vg. "*Este grande général*, *que* atacou as tropas inimigas com um exercito mui inferior, *que* as desbaratou em muitas batalhas seguidas, *que* pôz nossas fronteiras em seguro."

3.° — O attributivo que, apposto a um nome substantivo, designa um accessorio d'este, póde ser collocado antes ou depois d'esse nome: vg. "Os feitos *illustres* dos Athenienses e Romanos, cresceram e amplificaram-se com a *eloquente* pena de seus escriptores."

Contudo, o verdadeiro logar de taes attributivos é antes do substantivo correlato, porque, postos depois d'elle, talvez mudam de significação: se eu dicer, per exemplo: vg. "O marido da *nobre senhora*," nobre é um accessorio; mas se eu dicer "O marido da *senhora nobre*," deixou nobre de ser accessorio, é um verdadeiro modificativo. O mesmo é n'estas duas expressões e outras similhantes, — "*Pobre homem*;" "*homem pobre*."

Se o attributivo designa um modificativo do substantivo de quem faz parte, cumpre, per via de regra, collocal-o apoz este: vg. "*O homem honrado* prefere o bem de sua patria á *felecidade* domestica."

Isso não obstante, pódem talvez estes attributivos collocar-se antes do substantivo correlato, uma vez que essa transposição lhes não mude o significado: vg. "*Grande trabalho* é o do *bom principe* e *prelado*." "Deus é *justo rei*."

O attributivo augmentativo ou superlativo vae no fecho da frase: vg. "Achou-o bastantemente desgostado, e os Bispos Francezes, que trouxéra comsigo, que todos fôram presentes, *sentidissimos*."

Os radicaes passivos, quando entram na expressão de complemento circunstancial de tempo ou causa,

collocam-se antes do substantivo correlato: vg. "*Levado o alicerce*, cahe a maquina."

Da mesma sorte, o gerundio, empregado como radical, sendo correlato a nome que figure em relação circumstancial de tempo ou causa, será construido antes d'esse nome: vg. "*Perdendo-se o fundamento*, perde-se todo o edificio."

Sendo porem correlato a nome que figure de subjeito, póde ir antes ou depois d'elle: vg. "*A guerra, sendo* necessaria, é tambem justa;" mas concordando com nome que esteja empregado em outra relação, deve necessariamente ser construido depois d'elle: vg.

"Como vereis o mar *fervendo* acceso,
C'os indendios dos vossos *pelejando*."

4.ª — O commum adjectivado colloca-se antes do proprio correlato: vg. "*O imperador Tito.*"

Concorrendo com o commum alguns accessorios ou modificativos, póde elle ir antes ou depois do proprio: vg. "*O poeta portuguez* Camões" ou "Camões, *poeta portuguez*."

Mas, se empregando um nome proprio que nomea mais de um individuo mui conhecido, lhe apponho um nome commum para caracterisar o individuo de que fallo, o commum irá depois do proprio: vg. "Catão *o censor*; Séneca *o poeta*; Rousseau *o philosofo*, Racine *filho*."

5.ª — O verbo ou forma verbal, como primeira e principal idéa do attributo de uma proposição, cumpre collocal-o no rosto da expressão do attributo, immediatamente depois de toda a do subjeito: vg. "A prudencia humana *falta* em todas as cousas, especialmente nas particulares."

É porém donaire singular da nossa lingua, constru-

ir o verbo ou forma verbal em frente da proposição: vg. "*Pagam* os povos os desvarios de seus principes."

Mormente quando o subjeito é idéa mui complexa, o verbo o precederá: vg. "O contrario *usam* os tyrannos, que lançam de sôbre os seus hombros e da vista de seus olhos, os varões de lettras e authoridade, por não terem seus vicios testemunhas de tanto credito."

Se a forma verbal é auxiliar, é elegante separar os dois componentes per meio de palavras que na frase concorram: vg. "Desde aquella hora, *foi* logo o Arcebispo *imaginando* não parar mais em Roma."

§. 3.°

Das palavras determinantes.

Quanto ás palavras correlatas em razão de *determinação*, a regra geral de construcção é — collocar os complementos determinantes apoz os termos determinados.

Analysemos esta regra.

1.° — O complemento restrictivo collocar-se-ha seguido ao termo restringido, mas sendo o complemento idéa individual, póde preceder ao antecedente: vg.

"Per *feitos de valór*, duras fadigas
Se ganha a fama honrada,
Não per branduras vís *do ocio amigas.*"

Concorrendo com o antecedente do complemento algum adjectivo, deve o complemento ser posposto ao adjectivo, se este vier depois do substantivo restringindo: vg. "Como *parte principal d'esta historia.*"

Porém se esse adjectivo fôr de tal significação, que possa ter depois de si um complemento circunstancial com a preposição *de*, fôra amphibologia pôr o complemento restrictivo depois d'elle; em tal caso,

collocaremos primeiro o adjectivo, logo o substantivo restringido, depois o complemento: vg. "*O curioso desejo de novidade*," não — "*O desejo curioso de novidade*," o que produsiria outro sentido.

Nunca irá o complemento entre o antecedente e o adjectivo que lhe seja correlato, excepto se esse adjectivo vier ampliado ou restringido per accessorios ou modificativos: vg. "Uma espada com o *cabo de ouro guarnecido de turquezas.*"

Se o complemento restrictivo é mui complexo, e o seu antecedente é tambem determinado per uma proposição incidente; colloca-se primeiro o antecedente, logo a incidente, se fôr curta, depois o complemento: vg. "O anel, que me deste, *de ouro de subido quilate.*" Mas se a incidente fôr comprida irá depois do complemento.

2.° — O complemento terminativo vae apoz seu antecedente: vg.

"C'o a mão *segura ás roupas da virtude*
Não teme o varão forte."

Concorrendo dois complementos terminativos que designem, um, termo proximo, outro, termo remoto; collocar-se-ha primeiro o proximo, depois o remoto: vg. "Os aduladores servem lisongeiramente *aos principes, para lhes ganharem a graça.*"

3.° — O objectivo collocar-se-ha do mesmo modo: vg.

"Na Azia Albuquerque, na Africa Menezes,
Valentes *retalharam*
Indianos broqueis, Mouros arnezes."

Se o complemento objectivo e o terminativo é alguma das inflexões dos pronomes — *me*, *te*, *se*, *lhe*, *nos*, *vos*, *lhes*, se collocará apposto ao verbo ou forma verbal, quer o tenha ou não, por antecedente;

vg. "Deus nunca desempara quem a elle *se encommenda.*" "*Sou-lhe* devedor de muitos favores."

Esta apposição será feita segundo as seguintes regras:

1.ª — As inflexões dos pronomes que não levam preposição, collocam-se inclypticamente.

1.º Quando, em proposição principal, o verbo ou a forma verbal, em qualquer variação que esteja, ou vem no rosto da frase, ou immediatamente apoz a conjuncção *mas*: vg. "*Ganhou-se* a victoria; *mas perderam-se* as bagagens."

Exceptuam-se a variação de futuro absoluto, e a de futuro relativo a preterito: dissolvêl-a-hemos pela junctura; e o pronome irá em meio dos dois elementos: vg. "*Dar-me-has*" ou "*dar-me-hias* muito prazer."

Mas assim com estas, como com as mais variações, se concorrem tambem inflexões dos mesmos pronomes com preposição, serão collocadas antes do verbo, tanto umas como outras: vg. "*A mim me darás* muito prazer." "*A mim me vae* muito n'isso."

Excepto porém se o verbo não vier no rosto da frase, mas no corpo d'ella: então a inflexão do pronome com preposição irá depois do verbo: vg. "Mas esta maravilha *me* causa *a mim* outra maior."

2.º Collocam-se tambem as inflexões sem preposição depois do verbo ou forma verbal, quando ella está no infinitivo impessoal ou pessoal, ou no gerundio: vg. "Quero *perdoar-lhe*, *promettendo-me* não cahir n'outra."

Mas se estas variações do verbo vierem precedidas de preposição, aquellas inflexões dos pronomes collocam-se antes d'ellas: vg. "Não cesso *de lhe pedir em o encontrando*;" excepto com a preposição *a*, e talvez com a preposição *de*: vg. "*A conhecer-te* eu tal, moldára pelo teu, este meu coração."

Se o infinitivo vae immediatamente apposto a variação definitiva que vem no corpo da frase, talvez se colloca a inflexão do pronome antes d'esta variação: vg. "Que perigo *se me póde offerecer* que já não vença?"

2.ª — As inflexões dos pronomes que não levam preposição, devem ser collocadas antes do verbo ou forma verbal.

1.º Em proposição não principal, qualquer que seja a variação do verbo: vg.

"Buscas o incerto e incognito perigo,
Porque a fama *te exalte* e *te lisonge*."

2.º Vindo variação subordinada no corpo da frase: vg. "Deus *vos prospére*."

3.º Se o verbo ou forma verbal traz immediatamente antes de si algum adverbio: vg. "O vicioso, em encontrando outro, *logo se lhe afeiçóa*."

Excepto se esse é o adverbio *emfim*, *finalmente*, *depois*, *ora*, não concorrendo com outro: vg. "*Emfim venceste-me*." "*Ora, digo-vos*."

Sendo o adverbio *não*, colloca-se o pronome antes d'elle: vg. "Não ha peccado tão novo que não *se fizesse* já:" excepto no rosto da frase: vg. "Não *vos mortifique* o trabalho;" ou nos casos em que, senão concorresse na frase o adverbio *não*, o pronome iria depois do verbo: vg. "Aquella sêde insaciavel *não se dava* por satisfeita."

4.º Quando o verbo ou forma verbal é precedido de algum complemento que o determine: vg. "*Em todas as occasiões* d'aquella guerra, *se portou* com esforço igual ao sangue e maior que os annos."

Mas se esse é o complemento objectivo, subentendido juncto á forma verbal pelo pronome; irá este depois d'ella, se vier posposto immediatamente áquel-

le complemento; vg. "*Varão* tão livre, *podiam-no* soffrer como vassallo, mas não como criado."

Esta mesma construcção se emprega, se o verbo vem immediatamente posposto a um ou muitos complementos seus, que ou são idéas mui complexas, ou destacadas do antecedente por serem emphaticas: vg. "*Ao fallador, calo-me; ao calado, descubro-me* com tento." "*Onde não houver fé nem temor de Deus, por grande que séja o que se tem dos homens, poder-se-hão* os vicios esconder, mas não acabar."

5.° Em proposição onde concorre a conjuncção *nem*, ou os articulares — *nenhum, ninguem, nada, todo, tudo*, como subjeitos, estas inflexões dos pronomes collocam-se antes do verbo: vg. "O que manda e governa não hade cuidar que a republica é sua, *nem se* hade ter por senhor." "*Ninguem se* considera feliz."

3.ª — Nas formas verbaes auxiliares em que entra o gerundio, ou o infinitivo impessoal sem preposição, as inflexões dos pronomes—*me, te, se, &c.*, ou se collocam antes do primeiro elemento auxiliar: vg. "Não deixou de *o estar agasalhando*;" ou em meio de ambos os elementos: vg. "*Estou-me aprestando.*"

Excepto porém se entre os dois elementos vier outra palavra; então o pronome irá depois do segundo elemento: vg. "Hia como cego, *encostando-se.*"

4.ª — Quando estas inflexões dos pronomes são complementos de dois ou mais verbos, ligados pela conjucção *e* ou *ou*, se as collocarmos antes dos termos correlatos, podêmos, ou pôl-as antes do primeiro só: vg. "Ás ave-marias *se recolhia* e fechava:" ou repetil-as antes de cada um: vg. "A vida, quem mais contas lança, esse *se engana* e *se perde.*"

Mas se as collocarmos depois dos termos correlatos,

cumpre então repetil-as depois de cada um: vg. "*Torcia-se, confrangia-se, despedaçava-se.*"

5.ª — É talvez elegante, quando estas inflexões pronominaes veem antes do verbo, separal-as d'elle per alguma palavra curta, da frase: vg. "E quanto *lhe a ambas doe* sua morte crua."

todas estas regras teem tambem logar, quando taes inflexões dos pronomes são appostas a forma verbal activa para a appassivar, ou a forma verbal neutra.

4.° — O complemento circunstancial vae apoz seu antecedente: vg.

"Muito póde a cobiça, mais se *prende*
Nos fracos corações, baixos, vulgares."

5.° — Concorrendo com o mesmo primeiro termo varios complementos determinativos, collocar-se-hão segundo a proximidade de suas relações arespeito do antecedente.

1.° Apoz attributivos puramente relativos, primeiro o complemento terminativo, depois o circunstancial: vg. "O patriota vive *exposto ás injurias* dos egoistas, *pola patria* que ama e defende."

2.° Apoz attributivos activos, primeiro o complemento objectivo, logo o terminativo, depois o circunstancial: vg. "Comprei *um livro a Pedro por dois crusados.*"

3.° Apoz attributivos que signifiquem movimento, ou estado permanente, primeiro o complemento circunstancial, depois os mais que concorram: vg. "*Venho de casa* para te ver." "O amor da especie *está gravado no coração do homem*, em caractéres indeleveis."

6.° — Depois do mesmo primeiro termo não se colloquem mais de tres complementos, se fôrem de diversa especie: vg. "Os Portuguezes foram os primei-

ros que *em Espanha* lançaram, *da parte que lhes coube*, *os Mouros além do mar.*"

7.° — No collocar de varios complementos apoz seu primeiro termo, sendo uns mais complexos que outros, irão primeiro os que fôrem menos, depois os que o fôrem mais: vg. "*Dá a justiça de si a cada um o que é seu.*"

8.° — Complementos da mesma naturesa, pódem-se collocar apoz seu primeiro termo, quantos quizermos: vg. "*O homem virtuoso prefere o bem da humanidade ao de sua nação, o de sua nação ao de sua patria, o de sua patria ao de sua familia, o de sua familia ao seu individual.*"

§. 4.°

Das palavras invariaveis.

1.° — As preposições collocam-se antes do termo que indicam, e immediatas a elle: vg.

"Morre o mundo *por* cousas *que co'o tempo*
As vemos acabar, e consumir-se."

Com as inflexões dos pronomes — *migo*, *tigo*, *sigo*, *nosco*, *vosco*, a preposição *com* se colloca encorporada com ellas: vg. "*Commigo*, *comtigo*, *&c.*"

Quando uma proposição tem por complemento *infinitivo impessoal* ou *pessoal*, determinados per elementos syntaxicos collocados antes d'elle, a preposição irá na frente d'elles: vg. "*Por vos fazer* mercê." "*Com tanto me estimares*, nem por isso me fazes todas as vontades."

A mesma regra tem logar quando uma frase faz as vezes de um complemento: vg. "*De que a terra nos paréça immovel*, não se segue que o sêja."

2.ª — As conjuncções de ordinario se collocam no rosto das frases: vg. "Não é cousa nova, *mas* usada dos homens, chamarem todas pola justiça, e ninguem a querer vêr em sua casa."

Pois, quando conclusiva, constroe-se depois da primeira palavra da frase: vg. "Seguindo *pois* sua róta, ganhou o que restava d'aquella terra."

Porém, *portanto*, *todavia*, *tambem*, pódem igualmente construir-se depois da primeira palavra da frase: vg. "Vêde *porém* o que fazeis; *fez* portanto o que convinha; *é todavia* mister; *Annibal tambem* se envenenou."

3.ª — Adverbios de quantidade collocam-se antes das palavras que modificam: vg. "Os phenomenos são *mais frequentes*, depois que os observadores são *menos raros*."

4.ª — Adverbios de logar constroem-se apoz o termo correlato: vg. "*Vive longe*; *móra áquem*."

5.ª — Adverbios de qualidade ou modo collocam-se indifferentemente, ou antes ou depois dos nomes que modificam: vg. "Estou doente *gravemente*;" ou "Estou *gravemente doente*."

6.ª — Adverbios de certeza positiva collocam-se no rosto da frase, ou apoz algumas palavras d'ella: vg. "*Certamente mereceis* louvor." "Successos, *na verdade, ha* no mundo espantosos."

7.ª — Adverbios de certeza negativa collocam-se antes do verbo ou forma verbal, ou immediatamente: vg. "*Não nego* vossos merecimentos;" ou deante as inflexões pronominaes — *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *lhe lhes*: vg. "*Não vos consinto* o despreso em que tendes os livros."

8.ª — Adverbios de duvida vão no rosto da frase, ou apoz algumas palavras d'ella: vg. "*Porventura* digam

que sou soberbo; *não ha talvez* quem mais humilde sêja."

9.ª — Sendo o adverbio palavra emphatica da frase, é elegante construil-o no fexo d'ella: vg. "Falou muito tempo, *elequentemente*."

§. 5.º

1.º — *Hiato* é o concurso de vogaes de sons muito abertos e sonoros: vg.

"Em fim ao *Gama manda* que direito."

É este um defeito que a boa construcção deve evitar, ainda com quebra de alguma das regras precedentes.

Esta regra deixa de ter logar quando, por synalepha ou ectlipse, a vogal do fim de uma palavra possa facil elidir-se com a do principio de outra: vg. "*De esta arte emfim* conformes *já as* formosas" — que se deve lêr — "*D'est'art'emfim &c.*"

2.º — *Cacophaton* é o concurso de consoantes asperas: vg. "*Guerra Romana.*" Este é defeito que a boa construcção deve evitar, ainda com quebra de alguma das regras precedentes.

A onomatopêa limita porém a regra, quando pertendêmos pintar com os sons da palavra a impressão do objecto que descrevêmos: vg.

> "Súbito ao longe *rebomba*,
> *Rouco horroroso trovão*,
> *Zune* furioso tufão."

3.º — *Echo* é o seguimento de palavras que começam pelas mesmas syllabas assentoadas, com que acabaram as que immediatamente lhes antecedem: vg. "Estas vestes são *para para*mentar. &c." Cumpre evitar na construcção um tal defeito, como con-

trario á harmonia. A unica excepção admissivel tem logar quando, per onomatopêa, procurâmos dar á frase uma harmonia imitativa.

4.° — A redundancia de palavras muito breves ou muito longas, é igualmente viciosa, e, por consequencia, cumpre evital-a.

Mas o primeiro meio é admiravel para pintar a *pressa*, *a ligeireza* e a *colera*: vg. "*Rompe, corta, desfaz, abola e talha.*"

O segundo igualmente, para pintar a gravidade phisica ou moral: vg.

> "Nuvens que do Iris esmaltaram côres,
> *Pomposamente* sôbre o Têjo descem."

5.° No collocar das palavras em contexto cumpre pôr todo o tento; que não façâmos algum verso, fallando ou escrevendo em prosa.

6.° Nunca um bom periodo ou parte d'elle terminará bem por monosyllabo: — excepto.

Primo, quando, per synalepha, a ultima da palavra precedente, se elide com a do monosyllabo.

Secundo, quando, per onomatopêa, pintâmos a *pressa*, a *indignação*, ou o *despréso*.

Isto basta quanto á construcção *usual* da lingua portugueza.

Artigo 2.°

Da construcção inversa.

As idéas ligam-se no espirito conforme ao *interesse gradual* dos objectos que representam. Se as palavras se collocam no discurso segundo a ordem d'esta ligação, sem todavia alterar as relações syntaxicas d'ellas; talvez esta construcção se aparta da directa

ou rigorosamente grammatical, e, quando assim, denominâmol-a *inversa*.

Posto este principio, nenhuma construcção ha arbitraria; cada qual tem, no mesmo pensamento, um ponto de vista a que corresponde, e fóra do qual não fica bem: v.g. '*Alexandre* venceu a Dario'— assim o devo dizer, se quero particularmente fazer notar '*quem venceu* a Dario:' '*a Dario* venceu Alexandre' — se, '*qual foi o rei da Persia*, vencido por Alexandre:' '*venceu* Alexandre a Dario' — se fallo positivamente d'esta '*celebrada victoria de Alexandre*.'

Mais: — *Mutius Scévola*, apanhado na tenda do rei *Porsena*, responde á pergunta que este lhe faz— '*Romanus* sum civis,' *Romano* cidadão sou — mostrando assim a *ufanía* que elle tinha de pertencer á uma tal nação. Um cidadão mandado fustigar por *Verres*, brada entre os açoutes sómente — '*Civis* Romanus sum,' *Cidadão* Romano sou — fazendo ver a qualidade de *cidadão*, e com isso evitar o ser castigado. O principio da construcção inversa explica satisfatoriamente a razão da diversidade das construcções.

Portanto, regra geral para bem construir, é — compenetrarmo-nos bem da situação em que nos achâmos, ou d'aquella em que nos suppômos; comparar, umas com outras, as idéas a exprimir; distinguir as mais *interessantes* das que o são menos; e segundo o maior gráu de interesse d'ellas, collocar os signaes que as enunciam, nos logares mais *conspicuos* da frase. Estes são — *rósto* e *fecho* d'ella.

Artigo 3.°

Da construcção interrupta.

Ha porém tal construcção que, separando palavras

correlatas, perturba a ligação das idéas, e mette de per meio de umas outras que lhes não pertencem. Esta é a *contrucção interrupta* ou *hyperbaton*. Tal é este exemplo de Paiva d'Andrade — "De preverter a ordem das cousas, e *levarem* ás vezes ao fundo o proveito publico *respeitos particulares*, e fazer siso de accommodar as cousas a pretenções, nascem as injustiças e todos os males:" ou a de Diniz—

"*E a*, que os olhos me cerca, *triste treva*."

Para nos não desvairarmos em similhantes defeitos, cumpre ter em vista as duas seguintes regras.

1.° — Nunca metter entre duas idéas correlatas, uma terceira que não tenha relação com alguma d'ellas, o que produziria um *parenthese*.

2.° — Que as mesmas relações que fazem parte de alguma das idéas correlativas, não sejam de tão complicada extenção, que as apartem demasiadamente uma de outra, e percâmos o fio de sua referencia.

A não-observancia das regras acima, talvez póde indusir-nos a esta mistura e confusão de palavras, que os Gregos denominavam — *synchese*. Tal é este verso de Camões:

"..............que *em terreno*
Não cabe o altivo peito *tão pequeno*."

CAPITULO VI.

Do mecanismo do discurso.

Assim denominâmos a parte da syntaxe que nos dá conhecimento dos differentes grupos de idéas, pelas pausas que as separam.

Estas pausas são certos repousos e modulações da voz, com que designâmos a natureza de um sentido e suas partes.

Aquelles grupos são todas as partes menores em que se decompõe o discurso — *proposições*, *membros*, *periodos*, *paragrafos*, *capitulos*, *livros*, *&c.*
Tractarei primeiro d'estes, depois, d'aquelles.

Artigo 1.º

Discurso é uma proposição simples, ou uma serie de proposições

Proposição — fica ditto — é a enunciação de um juizo: ella consta de duas idéas — *subjeito* e *attributo*; das quaes a segunda, sentimol-a comprehendida na primeira.

A proposição, ou se considera em si mesma, e é *simples*, *composta* ou *complexa*; ou em relação a outras proposições, e é *principal* ou *não-principal*.

§. 1.º

Das proposições consideradas em si mesmas.

A proposição é simples quando consta de um só subjeito e attributo, expresso cada qual em duas palavras, quando muito.

É composta, quando consta de varios subjeitos ou attributos, ou de uns e outros simultaneamente, ligados todavia per alguma relação commum.

É complexa quando a idéa do subjeito ou do attributo vem ampliada ou restringida per outros elementos syntaxicos que concorram a enuncial-a.

Estes elementos são — *adjectivos, substantivos communs*, *complementos determinativos*, ou *proposições incidentes*. Seu caracteristico é que qualquer d'elles se póde resolver n'uma proposição incidente: vg. 'Alexandre, *rei* da Macedonia' ou '*reinante* da macedonia' diz o mesmo que — '*que reina na Macedonia*.'

Estes elementos são *accessorios* ou *modificativos*, segundo ampliam ou restringem a noção a que se referem. Os primeiros pódem cercear-se da frase sem quebra do sentido d'ella: os segundos, nunca.— N'esta proposição 'Virgilio, *que compóz a Eneiada*, morreu pobre' posso subtrahir o accessorio — *que compóz a Eneiada*, e o sentido fica exacto; N'esta porém: 'O poeta, *que compóz a Eneiada*, morreu pobre,' subtrahir o modificativo, *que compóz a Eneiada*, é dar cabo da verdade d'ella.

§. 2.°

Das proposições consideradas em relação a outras.

Proposição principal é aquella a que alguma ou algumas outras se referem como a centro, e da qual dependem para o complemento do sentido. Adeante vão os exemplos.

Est'outras são as *não-principaes*, as quaes se subdividem em *subordinadas*, *integrantes* e *incidentes*.

Proposição subordinada é aquella, que enunciando um sentido parcial e dependente, ha mister de referir-se a alguma principal que a determine.

Proposição integrante é a que completando a significação de algum dos termos de outra, equivale ordinariamente a um complemento relacionario d'ella.

Proposição incidente é a que restringindo ou ampliando a significação de algum dos termos de outra, corta a ordem successiva d'esses termos, e vae de per meio d'elles. Esta é *explicativa* ou *restrictiva*, segundo que a idéa per ella enunciada, é *accessorio* ou *modificativo*.

Artigo. 2.°

De outros talhos do discurso.

Uma idéa unica mas complexa, póde ser enuncia-

da de dois modos: — ou per meio de proposições que enunciando sentidos parciaes e dependentes, vão todas subordinadas a uma principal que as determina; — ou per meio de outras que, enunciando sentidos perfeitos quanto a si, vão todavia ligadas umas ás outras em virtude de alguma relação commum. O primeiro modo de enunciação constitue o *periodo* ou *oração circumducta*; o segundo, o *pensamento periodo*, ou *oração difusa.*

Uma idéa mais complexa que a primeira, póde não ser cabalmente desenvolvida n'um só periodo ou pensamento periodico: o congregado de varios d'estes constitue o *paragrafo.*

Outra ainda mais complexa que a primeira e a segunda, talvez peça, para seu desenvolvimento, mais de um paragrafo: o congregado de varios d'estes constitue o *capitulo.*

Do mesmo modo — o congregado de varios capitulos constitue o *livro*; o de varios livros, a *parte*; o de varias partes, o *tractado.* E per ahi vedes — 1.° que um discurso, por extenso que sêja, não é, ou não deve ser mais que uma idéa unica, analysada e desenvolvida nas parciaes que a constituem: — 2.° que da boa analyse d'esta idéa é que deve resultar a divisão, ordem e clareza do discurso.

De parte esses talhos maiores, dos quaes nada resta a dizer; tractarei especialmente primeiro do periodo, e o pensamento periodico, depois.

§. 1.°

Do periodo.

Periodo é o congregado de varias proposições, que não sendo parte umas de outras, estão comtudo liga-

gadas, e de tal modo dependentes da principal a que se referem, que a esta suppoem necessariamente aquellas, para o complemento do sentido.

Per ahi se vê que todo o periodo constará necessariamente de duas *partes*: — Proposição principal só ou com suas annexas, 1.ª *parte*, ou *apódose*: — Proposição ou proposições subordinadas, sós ou com outras annexas, 2.ª *parte*, ou *prótase*.

Afóra estas duas partes em que se resolve todo o periodo, elle póde constar de dois, tres ou quatro membros.

Cada proposição do periodo, principal ou subordinada, só ou com suas annexas, é um *membro* d'elle.

Cada proposição que, annexa a um membro de um periodo, faz parte d'elle, é um *insiso* d'esse membro.

O insiso é significado na pronunciação per pauza de um só tempo; na escriptura, pela *virgula*.

O membro, per pauza de dois tempos na pronunciação; pelo *ponto e virgula*, na escriptura.

A parte do periodo, per uma pauza de tres tempos na pronunciação; e per *dois pontos*, na escriptura.

O periodo, finalmente, pela *cadencia* ou pauza final na pronunciação; e pelo *ponto* na escriptura. (a)

Quanto á construcção das proposições dentro do periodo, a ordem directa pede que a apódose preceda a prótase; bem como na proposição simples, o subjeito precede o attributo.

Mas bem vezes esta construcção se altera; e ora a prótase precede a apódose, ora as proposições d'esta, vão de per meio das proposições d'aquella.

(a) Este systema de pontuação tem todo o logar nos periodos quadrados; nos outros, basta uma virgula ou ponto e virgula, para distinguir a prótase da apódose. Modernamente teem-se adoptado melhores regras.

Se precedem as subordinadas, é necessario construir de maneira que, ao pronunciar a primeira palavra de cada uma, se perceba logo sua natureza de subordinação e dependencia, respeito á principal a que se referem.

Tendo porém de ir a principal de per meio das subordinadas, cumpre fazêl-o de modo que o espirito a não confunda com estas.

A ligação das idéas é o grande principio de construcção; uma vez que essa padece, esta não é bôa.

Quanto á extenção dos membros de um periodo,— de parte quanto subtilisam os grammaticos — a regra geral é que elles não sejam demasiadamente desiguaes; e quando haja desigualdade, cumpre collocar os mais extensos apoz dos que o são menos.

Talvez a uma ou outra parte de um periodo, se addiciona uma ou duas proposições mais, que d'ella se pódem cercear, sem quebra da perfeição do periodo: grammaticos as denominam *cauda* d'essa parte.

§. 2.°

Do pensamento periodico.

Pensamento periodico é o congregado de varias proposições, que sendo principaes quanto a si, concorrem todavia como partes, para a expressão de um pensamento total.

Per uma de tres relações se ligam as proposições de um pensamento periodico: ou pela *gradação* das idéas de uma para outra; ou pela *inclusão* d'estas n'aquellas; ou finalmente, per mutua *apposição*.

No primeiro caso, a construcção está marcada; desviarmo-nos da ordem da gradação, fôra perturbar a ligação das idéas: No segundo, igualmente; as pro-

posições que explicam ou determinam devem seguir-se immediatamente ás explicadas ou determinadas.

No terceiro caso porém, a construcção é a que melhor parecer; o essencial é collocal-as de maneira que bem contrastem.

Observação de muito prestimo para a bôa composição de um pensamento periodico é — nunca introduzir no quadro idéas que, per alguma das relações indicadas, facilmente se não liguem com as mais partes d'elle. Este deve ser uma idéa *unica*, desenvolvida e analysada em quantas proposições bastem para enuncial-a toda.

Artigo. 3.º

Das pauzas que separam os differentes grupos de idéas.

Estas pauzas, como já dicémos, são certos repousos e modulações da voz, com que designâmos a natureza de um sentido e suas partes.

Fazemos distinção entre — *natureza de um sentido e suas partes*; — para indicar que d'estas pauzas, umas marcam os differentes grupos de idéas que entram em um sentido total; outras, denotam a qualidade privativa do sentido de uma frase, e até de uma palavra.

As primeiras são: *virgula* (,), *ponto e virgula* (;) *dois pontos* (:). —

As segundas: *ponto final* (.), *ponto de interrogação* (?), *ponto de exclamação* (!), *grande aspa horisontal* (—), *reticencia* (. . . . . .), *parenthesis* — (. . .) ou [. . .], — *linha de união* (-), *sublinha* (muito), *virgulas dobradas* (« . . . . . . ») *trema* ou *diéresis* (..) *viracento* ou *apostrophe* (') e *til* (~).

§. 1.°

Da virgula.

A virgula é a menor das pauzas que separam as partes de um sentido. No uso d'ella seguir-se-hão as regras seguintes.

1.ª — Se uma proposição é composta no subjeito ou no attributo, cumpre separar cada uma d'essas partes per uma virgula, se não veem claras as conjuncções que as ligam: vg. "As arvores, os homens, as bestas, todos nascem, crescem, morrem."

Se a composição de uma proposição provém de ser o subjeito ou attributo determinado per varios complementos da mesma especie, separa-se cada um d'elles pela virgula: vg.

> "*Com manha, esfôrço e com benigna estrella,*
> *Villas, castellos* toma á escala de vista."

Sendo porém estes elementos ligados per conjuncções, então ommittir-se-ha a virgula: vg. "As arvores *e* os homens *e* as bestas, todos nascem *e* crescem *e* morrem."

Excepto se os elementos componentes são de tal extenção, que se não possam pronunciar sem pauza, para se podêr respirar: vg. "Ninguem se contenta com sua fortuna, nem se descontenta de seu espirito."

2.ª — Se a proposição é complexa, cumpre attender á complexidade e natureza dos elementos que a tornam tal.

Se a construcção dos elementos da proposição é directa, e elles não são tão complexos que excedam o alcance da respiração, não é mister separal-os pela virgula: vg. "O coração de uma mãe é a obra prima da naturesa."

Mas se fôrem tão complexos que excedam o alcance ordinario da respiração, cumpre separar cada um d'elles pela virgula; isto é: toda a idéa do subjeito, toda a de um complemento relacionario: vg. "*O desengano sem dilação*, é um mal temperado com um bem." "A America foi descuberta por Christovão Colombo — em 1491 —, *sob o reinado de Fernando e Izabelle.*"

Sendo porém inversa a construcção dos elementos da proposição, o elemento transposto será separado do resto da proposição pela virgula, se fôr collocado no rosto da frase: vg. "*Em Diu*, não estavam ociosas *as armas*; porque *Rumecão*, *valeroso e constante*, não *o* assombravam os damnos recebidos." "*Ao nescio*, não trabalho por lhe dar razão."

Mas se fôr encravado entre os outros elementos da proposição será mettido entre virgulas: vg.

"Octavio, *entre as maiores oppressões*,
Compunha versos doutos e venustos."

Quanto porém á naturesa dos elementos syntaxicos que tornam complexa uma proposição, cumpre observar se são accessorios ou modificativos: sendo accessorios, seperar-se-hão com virgulas: vg. "Camões, *que compôz os Lusiadas*, morreu pobre." "Camões, *poeta portuguez*, morreu pobre;" sendo porém modificativos, não levarão virgula senão no fim, caso que sejam mui complexos: vg. "O poeta *que compôz os Lusiadas*, morreu pobre." "O homem *virtuoso* só attende aos dictames de sua consciencia."

Em geral, toda a proposição, todo o complemento que se pudéra cercear da frase sem lhe alterar o sentido, será d'ella separado pela virgula, se vier no fim, ou mettido entre virgulas, se vier no corpo da frase: vg.

"Porém da armada a gente vigiava,
Como per largo tempo costumava"

3.ª — Quando para dar mais força á expressão, repetimos uma palavra, separar-se-ha a primeira da segunda pela virgula: "*Ainda*, ainda imos gastando do que trouxémos."

4.ª — O nome da pessoa a quem dirigimos o discurso, se vem no rosto da proposição, cumpre separal-o do resto d'ella pela virgula, ou mettêl-o entre virgulas se vem no corpo da frase: vg.

"Primeiro que te deixe, *Phylis cara*,
Vida me deixará, *Phylis*, a vida,
A dôr, se tu não fôras, m'a roubára."

5.ª — No periodo bimembre, se a parte que preceder não constar de mais de uma proposição simples, e essa não ampliada per accessorios, será a primeira proposição separada da segunda pela virgula: vg. "*Senão beijastes a mão real polas mercês que vos não fez*, beijae a mão de vossa espada que voz fez digno d'ellas."

§. 2.ª

Do ponto e virgula.

O ponto e virgula é uma pauza maior que a virgula, equivalente a dois repousos dos marcados pela virgula.

Esta pauza separa, ou grupos de idéas divididos pela virgula em partes subalternas, ou grupos de idéas que são menos dependentes de outros da mesma frase.

1.ª — Quando a prótase de um periodo precede a apódose, e constando de uma só subordinada está

subentendida pela virgula, separar-se-ha a prótase da apódose pelo ponto e virgula: vg. "*Onde ha costumes, leis e armas em gráu excellente*; não póde falhar grande podêr no estado."

2.° — Se a prótase, precedendo a apódose, consta de varias proposições subordinadas, divididas entre si per virgulas; separaremos aquella d'esta pelo ponto e virgula: vg. "Se os principes *não chamarem o soccorro dos amigos, se não dividirem o pézo do governo*; acharão o castigo na temeridade de sua ambição."

3.° — Se as proposições subordinadas de um periodo estiverem subdividas em partes subalternas, separal-as-hemos entre si pelo ponto e virgula: vg. "É a luz mais benigna que o sol; *porque o sol não só allumia, mas abraza*; *a luz allumia e não offende.*"

4.° — Quando as proposições que formam um pensamento periodico, estão subdivididas em partes subalternas separadas pela virgula; cada uma das proposições totaes terminará pelo ponto e virgula: vg. "*Uma cousa é sabiamente fallar, e outra sabiamente viver*; uma é chamar-se sabio, outra, sêl-o."

5.° — Seguindo-se a um mesmo antecedente muitas proposições integrantes, ou muitas incidentes que a virgula subdivide; serão separadas entre si pelo ponto e virgula: vg.

> "Sancho, forte mancêbo, que ficára
> *Imitando seu pae na valentia*;
> *E que em sua vida já se exprimentára,*
> *Quando o Betis de sangue se tingia*;
> E o barbaro poder desbaratava
> Do Ismaelita Rei da Andaluzía."

6.° — Toda a proposição geral, a que seguem outras que enunciam detalhadamente parte do sentido d'el-

la, terminará pelo ponto e virgula: vg. "*A formosura é um bem frajil*; quanto mais se vae chegando aos annos, tanto mais se vae diminuindo, e fazendo-se menor."

§. 3.°

Dos dois pontos.

Esta pauza consiste em um repouso maior que o significado pelo ponto e virgula: para o formar, a voz cahe um pouco do tom geral da frase.

Empregaremos esta pauza nos seguintes casos: —

1.° — Para terminar a prótase de um periodo, quando ella, precedendo á apódose, consta de varias proposições subordinadas, divididas entre si pelo ponto e virgula: vg.

> "*E se buscando vás mercadorias*
> *Que produz o aurifero Levante*,
> *Canella, cravo, ardente especiaria*,
> *Ou droga salutifera e prestante*;
> *Ou se queres luzente pedraria*,
> *O rubí fino, o rigido diamante*:
> D'aqui levarás tudo tão sobêjo,
> Com que faças o fim a teu desejo."

2.° — Para terminar uma frase de sentido completo, mas seguida de outra que a desenvolve ou a esclaresse: vg. "*Não fazerem mercês os Rèis, seria não serem Reis*: mas hão de fazêl-as de maneira, que as mercês não sêjam dádivas, sêjam premios."

3.° — A proposição que ennunciar uma enumeração, terminará per dois pontos: vg. "Ama o teu amigo, *porque ou elle é mais poderoso que tu, ou menos*: se é menos poderoso, perdôa-lhe a elle; se é mais poderoso, perdôa-te a ti." . . . .

Da mesma sorte, uma enumeração acabará com esta pauza, quando se lhe segue proposição correlata a ella: vg.

"*Em Lydia, Assiria, lavram de ouro os fios;*
Africa esconde em si lusentes veias:
Mova-vos já sequer riqueza tanta,
Pois mover-vos não póde a casa Sancta."

4.° — Esta é a pauza que daremos á proposição com que enunciarmos que vamos referir um discurso de outra pessoa, quer sêja directo, quer indirecto: vg.

"*Vão correndo e gritando á bóca aberta*:
Viva o famoso Rei que nos liberta."

§. 4.°

Do ponto final.

Quando uma proposição ou serie de proposições quer sêja periodo, quer pensamento periodico, enunciam um sentido completo e acabado, sem dependencia de nenhum outro; sendo o sentido unicamente assertivo, a voz, vindo preparando a cadencia nas syllabas antepenultimas, cahe perfeitamente com as syllabas penultima e ultima da frase: vg. "Nasceu Luiz de Camões em Lisboa, falto tanto de bens da fortuna, quanto rico das prendas da natureza."

Tal é a pauza do ponto final.

§. 5.°

Do ponto de interrogação.

Sendo porém o sentido não assertivo, mas interrogativo, a voz subindo um pouco na syllaba penultima da frase, cahe abruptamente na ultima: vg. "Póde haver maior desgraça que não ter o homem bem

algum digno de inveja?" Eis o ponto de interrogação.

Esta pauza não se emprega só no fim de uma proposição, ou serie de proposições de sentido completo e acabado; emprega-se tambem no fim de qualquer parte interrogativa de uma frase: vg.

"Que famas lhe premetterás? que historias?
Que triunphos? que palmas? que victorias?"

Mas no discurso indirecto, se essa parte fôr complemento de proposição que a preceda, não se usará esta pauza: vg. "Perguntado Bias, o philosopho, *qual era o bom principe e prelado*, respondeu: aquelle que obedece ás leis."

§. 6.°

Do ponto de admiração ou exclamação.

Quando um discurso exprime admiração, terror, compaixão, ternura, ou outro tal sentimento, a voz prolonga-se um pouco mais nas ultimas syllabas da frase: vg.

"Ó grandes e gravissimos perigos!
Ó caminho da vida, nunca certo!
Que aonde a gente põe sua esperança
Tenha a vida tão pouca segurança!"

Tal é o ponto de exclamação.

Porconsequencia, toda a interjeição terminará com esta pauza, excepto se apóz ella vão palavras que signifiquem o objecto sôbre que recahe a exclamação; que então será posta a pauza no fim de toda a frase: vg.

"Oh gloria demandar! oh vã cobiça
D'esta vaidade, a quem chamâmos fama!"

Da mesma sorte, se se repetem interjeições da mesma especie, uma apoz outra, a pauza irá na ultima: vg. "*Ha ha!* já me inveja."

Cumpre observar que, se uma proposição interrogativa ou exclamativa é seguida de outra proposição que a explique, desenvolva ou circunscreva; o ponto de exclamação ou de interrogação será feito no fim de toda a frase: assim não diremos: —

"Não tens juncto comtigo o Ismaelita?
Com quem sempre terás guerras sobêjas."
Mas—
"Não tens juncto comtigo o Ismaelita,
Com quem sempre terás guerras sobêjas?"

Se a proposição é composta, e os elementos componentes estão ligados per conjuncções; far-se-ha a pauza no fim de toda a frase: vg. "Que bem aventurada e que deliciosa seria a vida dos homens, se elles se contentáram com o que nasce sobre a terra!"

Mas se as partes componentes não trouxerem claras as conjuncções, cumpre fazer a pauza no fim de cada uma: vg. "Quam mingoado é o numero dos sabios! quam raro é achal-os!"

Excepto porém se os elementos componentes se seguem rapidamente, como n'este verso: vg.

"Que costumes, que leis, que rei teriam!"

Taes são os differentes signaes de que nos servimos para indicar na escriptura as pauzas que cumpre fazer na pronuncia, a fim de apresentar bem distinctos uns dos outros, os differentes grupos de idéas, a fim de dar descanço aos orgãos da voz e do ouvido, e bem assim á attenção do leitor ou ouvinte.

Agora tractaremos dos outros signaes orthographicos.

§. 7.°

Da reticencia.

A reticencia, que na orthographia se significa per tres ou quatro pontos successivos, é uma pauza pela qual ommittimos o resto da proposição, ou interrompêmos o discurso: vg.

"Mas morra em fim nas mãos das brutas gentes,
Que pois eu fui.....E n'isto de mimosa
O rôsto banha em lagrimas ardentes."

§. 8.°

Da dieresis.

A diéresis consiste em dois pontos horisontalmente postos sobre as vogaes *i* ou *u*, que sem elles formariam dypthongo: vg. "*Raïnha, qüaresma.*"

§. 9.°

Da aspa horisontal.

A aspa horisontal tem varios usos: — o 1.° é fazer subentender para differentes membros de um periodo, ou complementos diversos, uma palavra principal que se ommitte per zeugma; — o 2.° é supprir a repetição das formas verbaes '*dizer* e *responder*' quando referimos um dialogo; — e o 3.° é introduzir de per de um sentido algum elemento syntaxico, que tem relação com elle, mas que todavia não é senão um accessorio: vg. "E — *tão deprovados andavam os costumes* — os paes vendiam os filhos."

§. 10.°

Da linha de união.

A linha de união é uma pequena aspa horisontal com que unimos duas palavras para pronunciar uma só: vg. "*Porta-bandeira*, *agüa-raz*;" ou com que ligâmos ao verbo ou forma verbal as inflexões enclypticas dos pronomes: vg. "*Faz-me*, *attende-me.*"

§. 11.°

Da sublinha.

A sublinha, que na escriptura calygraphica é notada per uma linha posta per debaixo da palavra, serve para extremar das outras palavras, aquellas sôbre que queremos attenção do leitor ou ouvinte, as quaes devem ser pronunciadas com uma voz mais distincta. Vieira, fallando da grandeza de animo que deve mostrar o soldado mal pago de seus serviços, diz: "E se emfim se vê morrer á fome, *deixe-se morrer e vingue-se.*" Estas ultimas palavras devem ser sublinhadas por exprimirem uma idéa sublime.

A sublinha, além d'este emprego, serve tambem para quando citâmos algum exemplo, notar as palavras onde elle se acha.

§. 12.°

Das virgulas dobradas.

As virgulas dobradas são empregadas para notar as palavras de outrem que referimos. Notâmol-as na orthographia per duas virgulas ás avéssas, antes da primeira palavra da frase referida, as quaes vamos repetindo no principio de cada linha; e por duas virgulas direitas depois da ultima palavra: vg.

"Tal Joanne, com outros escondidos
Dos seus, correndo acóde á primeira ala:
« Ó fortes companheiros, ó sabidos
« Cavalleiros, a quem nenhum se iguala,
« Defendei vossas terras, que esperança
« Da liberdade está na vossa lança."

Quando escrevemos em prosa, e as palavras de outrem que referimos são em verso, não é mister notal-as per virgulas dobradas: a maneira com que o verso é escripto, basta a distinguil-as.

§. 13.°

Do apóstrophe.

O apostrophe serve para quando se ommitte a vogal final de uma dicção, por se lhe seguir outra que começa tambem por vogal.

O uso mais frequente d'esta figura dá-se com a preposição *de* e o vocabulo que rege: vg. "*D'aqui, d'este.*"

Tambem a proposição *em*, quando tem de reger palavra que começa per vogal, supprime-se-lhe o *e*, e o *m* converte-se em *n*, unindo-o á vogal seguinte com o apóstrophe: vg. "*Em aquella,* ou *n'aquella.*"

§. 14.°

Do parenthesis.

O parenthesis tem logar quando interrompêmos o sentido de uma proposição, mettendo de per meio d'ella palavra ou palavras, que não eram mister para a integridade do sentido d'ella: vg.

"Antes em vossas naus vereis cada anno
(Se é verdade o que o meu juizo alcança)
Naufragios, perdições de toda sorte,
Que o menor mal de todos sêja a morte."

§. 15.°

Do til.

O til tem logar quando, querendo-se notar um dypthongo nazal, e o *m* ou *n* se póde tomar por signal de articulação; então substituimos essas lettras por este distinctivo, pondo-o sôbre a vogal, para desvanecer o equívoco, e appresentar essa voz como nazal: vg. *Chão* — terreno — que se fôra escripto com *m*, ficaria *chamo* — forma verbal.

FIM DO LIVRO SEGUNDO.

PRINCIPIOS
DE
GRAMMATICA GERAL
APPLICADOS Á
Lingua Portugueza.

PARTE TERCEIRA.

LIVRO III.

Da Orthoepía.

CAPITULO I.

Da Orthoepía em geral.

ORTHOEPIA é a parte da grammatica que nos ensina a enunciar o pensamento per meio da palavra fallada, isto é, per meio dos sons articulados.

Ora toda a linguagem oral compõe-se de palavras; estas palavras compõem-se de sons que se succedem, e cada um d'estes sons é um effeito phisico, produsido pelo orgão vocal sôbre o orgão auditivo. Elle resulta da emissão de certa quantidade de ar que sahe da garganta, no entretanto que todo o systhema do orgão vocal, está disposto de certo modo. Disfiêmos este systhema.

A philosophia demonstra que ha quatro ou cinco cartilagens, que reunidas em forma oblonga, na parte superior da *trachéa-arteria*, formam esta parte do orgão vocal que os anatomicos denominam *larynge*

Ha no meio da larynge uma pequena abertura, de um decimo de polegada de diametro, denominada

glottis, pela qual entra e sahe o ar que respirâmos, e fazêmos sonóro.

Á entrada e sahida d'elle, o peito atêa e abate; o primeiro movimento se diz *inspiração*, e o segundo *expiração*; *respiração* comprehende a ambos, é genero d'aquellas especies. O phenomeno da voz nunca tem logar senão com o segundo movimento. Em cada um dos labios da glottis, ha uma especie de membrana da feição de uma fita, estendida horisontalmente o comprimento de uma linha: a passagem do ar pela glottis excita, n'estas membranas, vibrações bem comparadas ás das cordas de um instrumento; Mr. Terrein, as denominou *cordas vocaes*.

Os musculos da larynge retêzam ou afróxam estas cordas, e d'aqui a differença dos *tons* no canto, no pranto, e nos gritos.

É de observação que um *tom grave* exige maior quantidade de ar expirado, do que um *tom agudo*: para produzir este *tom*, as cordas vocaes, no estado de tenção, approximam-se uma para outra; tal será a tenção, que ellas fechem perfeitamente, e então não ha tom, porque não ha som, porque não ha emissão de ar.

Por consequencia—*polmões*, *trachêa arteria*, *larynge*, *glottis*, *e suas cordas vocaes*—eis-ahi as principaes partes do orgão vocal, as que bastam para formar um som. Mas este póde ser differentemente modificado pelo *padar*, pela *lingua*, pelos *labios* e pelos *dentes*; póde-o ser mesmo per estas *duas aberturas*, que no fundo do padar correspondem ás narinas, e dão passagem ao ar que respirâmos, quando a bôca está fechada; e eis-ahi outros orgãos, que modificando o ar sonoro, emittido pelos polmões, são parte integrante do systhema do orgão vocal.

Tal é o orgão da falla. Ora todas as vezes que uma quantidade de ar é emittida pelos polmões, e feita sonora pela acção d'este orgão; essa quantidade é um ou mais sons articulados, segundo que o orgão conservou a mesma, ou tomou outras situações.

A cada mudança de posição no orgão, corresponde um *som articulado*, isto é, uma *syllaba natural* ou *phisica*, que é já uma palavra, ou parte elementar de uma palavra. Examinêmos em quantas partes a analyse chega a decompor um som.

Não é mister muito cançar de corpo e espirito para vermos que, em cada uma d'estas emissões de ar, em cada um d'estes sons, ha cinco circunstancias a notar — a 1.ª é a *voz*, a 2.ª é a *duração*, a 3.ª é o *tom*, a 4.ª é o timbre, e a 5.ª é a *articulação*. Examinêmos cada uma d'ellas.

CAPITULO II.

Da voz.

Voz é o que resôa no som apoz a articulação. É esta circunstancia de um som, da qual depende o elle ser antes um *a* que um *o*, antes um *i* que um *u*. D'aqui se vê que não póde haver voz sem articulação; porque, para haver som, é mister que o apparelho vocal tome uma posição qualquer.

As vozes são simples ou *vogaes*, compostas ou *dypthongos*.

Na lingua portugueza ha 18 vogaes, a saber: — 4 notadas pelo caracter *A*: a primeira *aguda*: vg. o *a* de *Pá*; a segunda *grave*: vg. o *a Râmo*; a 3.ª *muda*: vg. a ultima de col*la*; e a 4.ª *nasal*: vg. a primeira de *Am*paro.

4 notadas pelo caracter *E*: a primeira *aguda*: vg.

Pé; a 2.ª *grave*: vg. *Séda*; a 3.ª *muda*: vg. *Fome*; e a 4.ª *nasal*: vg. *Endros*.

3 notadas pelo caracter *I*: a primeira *aguda*: vg. *Signo*; a 2.ª *muda*: vg. *Maximo*; e a 3.ª *nasal*: vg. *Impio*.

4 notadas pelo caracter *O*: a primeira *aguda*: vg. *Pó*; a 2.ª *grave*: vg. *Sóno*; a 3.ª *muda*: vg. *Unto*; e a 4.ª *nasal*: vg. *onze*.

3 notadas pelo caracter *U*: a primeira *aguda*: vg. *Sumo*; a 2.ª *muda*: vg. *Computo*; e a 3.ª *nasal*: vg. *Chumbo*.

As vozes compostas ou dypthongos, são as vozes resultantes do concurso de duas vogaes em um só tempo.

Portanto, duas vogaes da mesma quantidade, não pódem fazer dypthongo; para havêl-o, é mister que uma domine a outra, isto é, que a ultima sêja muda, e ainda das de menos som.

As unicas vogaes sôbre que na n'ossa lingua pódem dominar outras, são — o *E* e *U* mudos, e *O* e *U* mudos. Portanto, não temos senão 15 dypthongos — 10 *oraes*, e 5 *nasaes*.

Os oraes são formados de duas vogaes puras; os nasaes, de uma nasal e outra pura, segundo se vê na tabôa seguinte.—

Dypthongos oraes.

ae ou *ai*: vg. . . . . *pae*, *dai*.
ao ou *au*: vg. . . . . *mão*, *pauta*.
ei: vg. . . . . *lei*.
éo: vg. . . . . *céo*.
eu ou *eo*: vg. . . . . *seu* ou *seo*.
io ou *iu*: vg. . . . . *frio* ou *friu*.
oe ou *ói*: vg. *heróe*, *heroico*.

ói: vg...................................*bói*.
óo: vg..........................*vóo*, *sóo*, *móo*.
ui: vg...................................*cuidar*.

Dypthongos nasaes.

ãe ou *ãi*: vg.........................*mãe* ou *mãi*.
ão: vg...................................*coração*.
ẽe: vg...................................*tẽe*.
õe: vg...................................*põe*.
ũi: vg...................................*mũito*.

Estas são as unicas vozes que são verdadeiros dypthongos, porque só n'ellas se dá a condição sem a qual não ha dypthongo — o predominio da primeira vogal sôbre a segunda. Uma voz contudo ha, que é notada na escriptura pelo caracter *ou*, que á primeira vista, por ser assim figurada, parece um dypthongo, mas que realmente o não é. Este caracter, n'umas palavras não é senão o signal de uma voz simples, que sôa como o *o* grave: vg. *fouce*, (instrnmento de Agricultura) que sôa como fôsse (variação do verbo); n'outras palavras, era pronunciada pelos melhores classicos, como dypthongo: vg. '*Ouro*, *thesouro*, *louro*' — que elles diziam — '*Oiro*, *thesoiro*, *loiro*.'

Não é mister muito para vermos que, ha em nossa lingua muitas vozes distinctas, ainda que não tenha mais para as traduzir senão cinco signaes permanentes, comtudo as vozes são differentes, se bem que os signaes representantes d'ellas sêjam os mesmos.

CAPITULO III.

Da duração.

Duração de um som é o espaço de tempo per que elle se prolonga.

É evidente que todo o som emittido póde, no acto de sua emissão, gastar mais ou menos tempo: ser mais ou menos prolongado: esta propriedade constitue a *quantidade* do som. Se gasta um só tempo em sua emissão, diz-se que é *breve*, se gasta dois, que é *longo*; se gasta ora um, ora dois, que é *commum*.

Ha linguas onde esta circunstancia era mui apreciavel: taes todas as linguas mortas, e algumas das linguas dos selvagens. Mas esta não é propriedade exclusiva d'essas linguas. Todo o som que põe o orgão em estado d'onde só dificultosamente póde mudar, tem mais disposições a prolongar-se; todo o que é precedido ou seguido de articulação mui difficil, igualmente: ha portanto em todas as linguas sons breves e longos, mais ou menos longos, mais ou menos breves. Mas como determinar a duração d'esses sons? — poderiamos tomar por unidade a duração do som mais breve, que é a do *e* mudo, como o ultimo de breve; e chamariamos longo todo o som que gastasse em sua emissão dois tempos, ou dois *ee* mudos.

Mas o certo é que, em nossa lingua, esta differença de duração de sons é tão fraca, tão pouco marcada, que não é nem util, nem facil procurarmos fixar-lhe a quantidade.

CAPITULO IV.

Do tom.

O tom de um som é esta circunstancia que o constitue *grave* ou *agudo*; que lhe assigna na gamma um gráu mais elevado, e faz com que a palavra possa ser cantada.

Mas estas differenças de tons, que são mui assignaladas na musica, a ponto de serem apreciadas

por toda a orelha um pouco exercitada, são muitas vezes apenas sensiveis no discurso, e porisso é mui difficil, senão impossivel, fixál-os com exactidão.

Se tivéramos signaes para os assignalar, com propriedade lhes dariamos o nome de *accentos*; porque os tons são os que dão ás linguas sua parte musical: —*accento* vem de *accinere*, *ad cantum*. Mas é mister não confundir os accentos de que fallâmos, com certos signaes a que damos o nome de *accento agudo*, e *accento circumflexo*: — signaes de que usâmos para designar, não o tom, mas a voz de um som. Dizêmos: vg. '*Podémos* e *podêmos*'; e para indicar a differença dos dois *ee*, usâmos d'este signal (*é*) sôbre o primeiro, e d'este (*ê*) sôbre o 2.º — Note-se porém, que tanto a *duração*, como o *tom* dos sons de uma lingua, são circunstancias tanto mais assignalaveis, quanto esta lingua é mais proxima á origem da linguagem. Então o orgão da voz não tem cobrado sufficiente flexibilidade; o homem mais canta que pronuncía, mais suspira, ou grita do que falla: só de pouco a pouco é que o vae affazendo a todos os matizes e delicadezas da voz; assim é que habitua a dar-lhes mais importancia, do que o tom, e duração d'ella; assim é que as linguas, quanto mais cultivadas, tanto mais vão perdendo de sua propriedade musical.

CAPITULO V.

Do timbre.

Temos em quarto logar o *timbre da voz*. Esta é a circunstancia que constitue a individualidade da voz de cada homem, bem que elles pronunciem a mesma voz, no mesmo tom, e com a mesma força e a mesma articulação.

Assim como distinguimos precisamente o som de uma *flauta*, do som de um *clarinete*, quando tocam unisonos; assim tambem distinguiremos as vozes de duas pessoas. Mas d'ahi se vê que esta circunstancia é mais do orgão, que do som.

Sêja o que fôr, ella é a mais difficil de notar, ou — para o dizer melhor — não é possivel designál-a per nenhum signal permanente.

CAPITULO VI.

Da articulação.

Para que um som comece a ser produsido, é mister que o apparelho vocal tome uma posição qualquer: essa posição do apparelho da voz, é o que se chama *articulação.* O signal que a representa na escriptura, chama-se *lettra consoante.*

Porconsequencia, não póde haver som sem que a voz sêja precedida de articulação; e reciprocamente, para que uma articulação sêja perceptivel ao ouvido, é mister que sêja seguida de voz.

Vinte articulações emprega a lingua portugueza, na prolação de seus sons.

O primeiro gráu na escala das articulações, é a *aspiração* formada pela *Glottis*, quando na prolação de uma voz qualquer: esta aspiração não é notada na escriptura um bom numero de vezes; nas mais, é significada pelo *h*: vg. '*Haver.*' Ella é sempre branda; excepto nas interjeições, que ás vezes se pronuncia forte: vg. '*Ha*, *ha!*'

Todas as mais articulações se dividem em *labiaes* e *linguaes*, segundo que para a sua formação contribuem os labios, ou a lingua.

As consoantes labiaes dividem-se em *nasaes*, e *oraes*:

as primeiras modificam o som fazendo-o sahir pelas narinas; as segundas, deixando-o sahir pela bôca.

As consoantes labiaes ou são nasaes *puras*: vg. a primeira de '*m*ar', ou são *oraes*: estas dividem-se em *mudos*: vg. as primeiras de '*b*ala, *p*ala,' e em *sibilantes*: vg. as primeiras de '*f*ôgo e *v*irgem.'

As consoantes linguaes dividem-se em *nasaes* e *oraes*: as nasaes, ou são *puras* como a primeira de '*n*ove,' ou são *molhadas* como a média de pi*nh*o. As oraes subdividem-se em *mudas* e *sibilantes*: as mudas são *dentaes*,—*branda* como a primeira de '*d*ar', *forte* como a primeira de '*t*ala'; *gutturaes*,—*branda* como a primeira de '*g*ama', *forte* como a primeira de '*c*avallo'; *liquidas*,—*branda* como a primeira de '*l*ebre', *molhada* como a primeira de '*lh*ama'—*lh*: *palataes*, *tremulantes r*,—*branda*: vg. a média de 'ca*r*o' *forte* como a primeira de *r*ei. As sibilantes, ou são *dentaes*,—*branda* como a primeira de '*z*agal', *forte* como a primeira de '*s*êllo': ou *chiantes*,—*branda* como a primeira de '*j*uncta', *forte* como a primeira de '*ch*á—*ch*.' Segue-se pois que nenhum som ha que mereça mais o nome de articulação, que o da voz, mais o do tom, que o de duração; logo que fôr certa quantidade de ar emittida dos pulmões, logo que fôr um som, ha de ter certa articulação, certa voz, certa duração, certo tom.

Podêmos, é verdade, ter um caracter particular para cada uma d'estas circunstancias; mas é mister a reunião d'estes caracteres para exprimir o som perfeito; assim como é preciso enunciar todas as qualidades de um corpo, para compor a descripção completa d'este corpo. Portanto, quando escrevêmos o caracter *a*, que só representa a voz do som que chamâmos *a*, muito nos enganâmos se crêmos que, ao

pronunciál-o, só pronunciâmos a voz *a*: não é assim: Isso fôra impossivel; porque é impossivel que exista separado, o que só reunido póde existir.

CAPITULO VII.

Do accento.

Para um discurso ser expresso pela palavra fallada, não basta só conhecer a prolação dos sons parciaes, que são os elementos da lingua, em que elle é significado; é mister saber dar *unidade* aos sons que compoem cada vocabulo, distinguir, com um tom particular, a palavra da proposição, que exprime a idéa mais interessante, e dar a cada phrase a modulação, que compete á natureza do pensamento, que ella exprime: n'uma palavra, afóra as condições de que tractámos, *voz*, *articulação*, *tom* e *duração*, é mister o *accento*. Tres são as especies de accentos: accento tonico ou *phonico*, accento *emphatico* e accento *oratorio*. Tractaremos de cada um delles.

Artgo I.°

Do accento tonico ou phonico.

Este accento consiste em pronunciar uma syllaba de cada palavra com uma prolação mais forte, que a das outras do mesmo vocabulo: vg. a syllaba média de 'ca*zá*ca.'

Este accento é chamado per uns Grammaticos *tonico*; per outros, *phonico*; per outros, *prosódico*. Rejeitâmos a ultima denominação, por convir só ás linguas que teem prosódia.

Uma palavra, por muitas que sêjam as suas syllabas, não póde ter mais de um accento, porque uma só deve ser a syllaba que sêja, como a *alma* do vo-

cabulo. Portanto, erra quem diz: '*Invádir*, *prócurar*'; devendo dizer com um só accento: '*Invadir*, *procurar*.'

No uso do accento phonico, é mister ter duas cousas em vista: 1.° a syllaba em que deve ser collocado; 2.° o gráu de prolação que lhe convém.

§. 1.°

Da syllaba em que deve ser collocado o accento.

Quanto a esta primeira condição, cumpre observar, que em um de tres logares póde ser collocado o accento: ou no principio da palavra, ou no meio, ou no fim d'ella. A lingua Ingleza adoptou a primeira fórma de accentuação; a terceira, é a das linguas do Sul da America; a segunda, a do Hespanhol, Italiano, Alemão, Arabe, Grego moderno, e do Portuguez.

Portanto, regra geral, a analogia da lingua Portugueza exige: nas palavras dissyllabas, o accento na primeira; nas trissyllabas, o accento na do meio; nas polissyllabas, o accento nunca recuará da terceira syllaba, contando da ultima para tráz. A razão d'esta analogia é ser a nossa lingua oriunda da latina, que assim accentuava as suas palavras. As unicas excepções que apparecem teem logar, ou em palavras que tomámos do latim, contrahindo a final: vg. '*Amare*, *legere*, *audire*,' que contrahimos em '*amar*, *ler*, *ouvir*;' ou em palavras que tomámos de outras linguas: vg. '*Alvará*, *café*, *maracujá*;' as primeiras duas arabes; a terceira, americana. Desfiêmos a regra geral.

1.° — As palavras monosyllabas, se designarem directamente uma idéa, teem o accento na unica syllaba que as forma: vg. '*Dó*, *só*, *pé*, *eu*, *tu*, *cá*, *lá*;'

sendo porém meramente signal de um ponto de vista de uma idéa, como o artigo simples; ou de uma relação entre duas idéas, como *de*, *a*, *por*, *per*: ou de uma relação obliqua dos pronomes: vg. *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*; não terão accento proprio, mas acostadas a outras, gosarão do accento d'ellas. Taes palavras, chamam-se *enclypticas*.

2.ª — As palavras dissyllabas teem accento na primeira, como '*óvo*, *córvo*, *póvo*, *pósso*.'

Exceptuam-se os infinitivos impessoaes, e os futuros absoluto e subordinado a futuro: vg. '*Entrár*, *fazér*, *pedír*, *darás*, *fizér*;' os nomes terminados em *ar*, *er*, contrahidos de palavras latinas: vg. '*Collár*, *prazér*;' os terminados em *or*: vg '*Pavór*, *redór*, *favór*, *amór*;' os terminados em qualquer dypthongo, ou em vogal nazal: vg. '*Anão*, *pedíu*, *sentóu*, *anã*, *sertã*, *vintém*, *coxím*, *algúm*;' excepto as terceiras pessoas pluraes dos verbos, menos a do futuro absoluto: vg. '*Péçam*, *témem*;' e os nomes que veem dos latinos da terceira declinação: vg. '*Hómem*, *márgem*;' e os que terminarem em *agem*, *igem*, *ugem*: vg. '*Págem*, *impígem*, *rabúgem*.'

Tambem teem accento na ultima, as dissyllabas terminadas em *al*, *el*, *il*, *ol*, *ul*: vg. '*Canál*, *condél*, *funíl*, *faról*, *paúl*;' os terminadas em *az*, *ez*, *iz*, *oz*, *uz*: vg. '*Carcáz*, *revéz*, *perdíz*, *cadóz*, *capúz*;' e as derivadas de linguas estrangeiras, qualquer que sêja sua terminação, uma vez que na lingua mãe tenham o accento na ultima: vg. '*Café*, *crisé*;' e as terminadas em *i*: vg. '*Alí*, *aquí*.'

Mas teem o accento na primeira, os adjectivos em *el* ou *il*, derivadas dos latinos em *bilis*, que significam *susceptibilidade*: vg. '*Hábil*, de *habilis*, *móvel*, de *mobilis*;' as que fôram tomadas do latim sem mudança: vg. '*Cónsul*;' as que derivámos dos latinos em *ilis*,

cerceando-lhes o *is* final, como '*útil*, de *utilis*, *fútil*, de *futulis*, *símil*, de *similis*, *fóssil*, de *fossilis*.'

3.ª — As palavras trissyllabas teem o accento na do meio: vg. '*Terréno*, *estrãnho*, *carréira*.'

As excepções que deixâmos apontadas, á regra da posição do accento das palavras dissyllabas, teem logar para as tryssyllabas: se estas tiverem iguaes desinencias áquellas, o accento será na ultima: vg. '*Pundonór*, *farejár*, *varapáu*, *coração*, &c.'

Exceptuam-se mais, todas as palavras derivadas de palavras latinas, que teem accento na primeira, que n'essa mesma o teem em portuguez: vg. '*A'spero*, *áspide*, *férvido*, *cógnito*, *cúmulo*, *túmulo*, *ímprobo*, *tránsfuga*.'

O mesmo se observará em palavras de origem grega, que na lingua mãe teem accento na primeira: vg. '*Syncope*, *synchrono*, *symbolo*, *synodo*, *dáctylo*.'

4.ª — As palavras polissyllabas teem o accento na ultima, ou na antepenultima: vg. '*Primavéra*, *permanéncia*.'

Mas teem accento na ultima, todas as palavras que terminarem como as palavras dissyllabas, cujo accento é na ultima: vg. '*Alcatifár*, *alcatiféi*, *alcatifará*, *permanecér*, *triumphadór*, *patecasír*, *prevenção*, &c.'

Teem accento na penultima: —

1.º — Todas as palavras com a terminação em *ado* ou *ido*, terminativa corrumpida da latina *atus*, *itus*: vg. '*Expurgádo*, *impedído*;' bem assim todas as mais que terminarem similhantemente: vg. '*Defendído*, *assucarádo*.'

2.º — As palavras terminadas em *avel* ou *ivel*, terminação corrumpida da latina *abilis*, *ibilis*, que significa *susceptibilidade* ou *capacidade de* .... vg. '*Mi-*

serável, *susceptível*;' além d'esta, as mais que tiverem igual terminação: vg. '*Caroável*, *pruivel*.'

3.°— As palavras terminadas em *ante*, *ente* ou *inte*, derivadas dos ablativos latinos em *ante*, *ente*, *inte*, dos radicaes em *ans* ou *ens*: vg. '*Dominánte*, *permanénte*, *ouvinte*;' do mesmo modo, todas as mais com similhante terminação: vg. '*Culminánte*, *enchénte*.'

4.°—Os adjectivos com a terminativa em *óso*, derivada da terminação em *osos* da corrupta latinidade, a qual dá ás palavras o accessorio de *abundancia*, ou *copia de*.... vg. '*Virtuóso*, *bondadóso*, *caridóso*.'

5.°—Os nomes terminados em *ade* ou *ude*, da terminação latina de ablativos da terceira em *ate* ou *ute*: vg. '*Piedáde*, *virtúde*.'

6.°—Os nomes cuja syllaba penultima fôr dipthongo: vg. '*Fervedóro*, *heróico*, *donáire*.'

7.°— As palavras cuja voz penultima tiver depois de si as consoantes *v*, *lh*, *nh*: vg. '*Choátivo*, *terminativo*, *apparélho*, *caminho*.'

8.°— Teem o accento na penultima todos os nomes derivados, assim substantivos, como adjectivos, cujas desinencias são os signaes da idéa accessoria, que elles ajunctam á principal de seus primitivos. As principaes d'estas desinencias são as seguintes:—

1.ª *Io*, *iço*, que designam *facilidade* ou *propensão para*.... vg. '*Escorregadio*, *espantadiço*.'

2.ª *Eiro*, que une á idéa principal, a accessoria de exercicio frequente ou habitual: vg. '*Arteíro*, *baléiro*, *ferréiro*.'

3.ª *Ura*, effeito produsido per alguma acção, ou resultante d'alguma qualidade: vg. '*Escalavradúra*, *picadúra*, *fartúra*.'

4.ª *Eza*, que significa *existencia*, *estado*, ou *per-*

manencia: vg. '*Firméza*, *maduréza*, *puréza.*'

5.ª *Alha*, ou *ama*, *iça*, que designa *amontoação de objectos*: vg. '*Gentálha*, *ráma*, *carniça.*'

6.ª *Ia*, que significa *multiplicidade*: vg. '*Judearia*, *freguezia*;' —*acção*, *procedimento*: vg. '*Herezia*, *ribalderia*;' —*officio*, ou *emprego*, ou *logar onde elle se exerce*: vg. '*Alcaidaria*, *chancellaria*, *jubetaria*, *cordoaria*;—*existencia presente*, ou *futura relativamente ao passado*: vg. '*Defendia*, *defenderia.*'

7.ª As desinencias dos augmentativos, e diminutivos, que terminam em vogal pura: vg. '*Mestraço*, *mulherona.*'

8.ª Toda a palavra, cuja syllaba penultima fôr uma vogal pura antes de duas consoantes, n'ella terá o accento: vg. '*Maniféslo*, *mysticísmo*;' bem entendido, uma vez que não sêja nenhuma d'aquellas, que entram nos pontos applicados á regra geral do accento, nas palavras polissyllabas, como '*interpellár*, *intermissão*, *&c.*'

9.º— Teem accento na antepenultima, as palavras polissyllabas derivadas do latim, grego, ou alguma outra lingua estrangeira, as quaes assim eram accentuadas na lingua primittiva: vg. '*Terrífico*, *implícito*, *sarcóphago*, *alvíçara*, *almécega.*'

Além d'estas, tambem são accentuadas na antepenultima as palavras, que teem as seguintes desinencias;—*ario* ou *aria*: vg. '*Canário*, *alcária*;' *orio*: vg. '*Mistifório*, *empório*;' *encia* ou *ancia*: vg. '*Permanencia*, *repugnancia*;' *issimo*: vg. '*Purissimo*;' *onio* ou *onia*: vg. '*Ammónia*;' *ico* ou *ica*: vg. '*Empirico*, *geologico*, *heliaco*, *maniaco.*'

Emfim uma regra, que jámais falha, para a posição do accento phonico ou thonico, é attender á syllaba do vocabulo, que signifique peculiarmente a ten-

ção mais forte, que elle designa, e n'ella pôr o accento.

As palavras cujo accento é na ultima, chamam os Italianos *agudas*; as que teem o accento na penultima, *brandas*; as que o teem na antepenultima, *esdruxulas*.

§. 2.°

Da prolação com que se hade pronunciar a syllaba, em que recahir o accento.

Para haver accento, é mister que a prolação da syllaba em que elle cahir, suba a uma tensão mais forte, arespeito das outras da mesma palavra. Ora as unicas vozes que pódem sobresahir ás outras são:— a *voz grave* arespeito da muda, a *nazal* tambem arespeito da muda, a *aguda* a respeito da grave e da nazal. Portanto, tres são as especies de accentos: *grave*, *nazal*, e *mudo*.

Quanto ao accento nazal, nada sóbra a dizer: é vêr a syllaba, onde recahir este accento, que deve ser pronunciada, propellindo-se o som pelas narinas: vg. '*Amante*, *tremente*, *pedinte*, *appondo*, *homunculo*.'

Quanto porém aos outros dois, empregál-os-hemos nos seguintes casos.

1.°— Se uma palavra tiver alguma syllaba *nazal*, aquella em que recahir o accento será aguda: vg. '*António*, *hómem*, *interésse*.'

2.°— Se o accento recahir na voz pura *a*, sendo esta immediatamente seguida de articulação nazal, *m* ou *n* ou *nh*, o accento será grave, como '*âmo*, *câno*, *cânhamo*.'

Esta regra é constante, mesmo nas palavras que tiverem voz nazal: '*Campâna*, *campânha*.'

Exceptuam-se porém, as primeiras pessoas do plural do preterito das formas verbaes, que, para as distinguir de iguaes variações do presente, pronunciâmos sempre com accento agudo: vg. '*Amámos*, *andámos*.'

Se o *a* accentuado fôr seguido de alguma outra articulação, ou se fór a ultima lettra do vocabulo, será pronunciado com o accento agudo: vg. '*A'ba*, *labáça*, *adága*, *cáfila*, *cálça*, *cálha*, *sápo*, *atabâque*, *árca*, *cása*, *práta*, *cáva*, *táxa*; *pará*, *maracujá*, *fará*.'

3.°—Se o accento recahir em syllaba formada per *e* puro, será agudo:—

1.° Na ultima syllaba, não tendo consoante apoz si: vg '*Crisé*, *buscapé*;' excepto nas variações imperativas: vg. '*Dê*, *vê*, *sê*.'

2.° Na ultima syllaba, levando a articulação *l* apoz si: vg. '*Burél*, *cairél*, *cruél*.'

3.° Na penultima dos nomes derivados dos latinos, terminados em *essus* ou *essis*: vg. '*Recésso*, *progrésso*, *mésse*.'

4.° Antes de *x*, quando sôa *cs*: vg. '*Refléxo*, *infléxo*, *néxo*.'

5.° Antes de duas articulações em palavras derivadas do latim, que tinham tambem *e* antes de duas consoantes: vg '*Présto*, *affécto*, *cérto*, *castéllo*.'

6.° Nas segundas e terceiras pessoas de presentes absolutos, e nas segundas, de variações imperativas: vg. '*Pédes*, *péde*, *pédem*; *fizéra*, *coubéra*, *quizéra*.'

Esta voz, sendo accentuada, será pronunciada com accento grave nos seguintes casos:

1.° Na ultima syllaba, acabando em *r* ou *z*: vg. '*Fazêr*, *prazêr*, *cortêz*;' excepto nos futuros subordinados a futuros, de formas verbaes irregulares: vg. '*Dér*, *trouxér*, *podér*.'

2.° Sendo o *e*, corrupção de *i* latino: vg. '*Enférmo, éste, cabéllo, cabrésto, dédo, séco*;' ou contracção de *e* nazal latino: vg. '*Prêso, deféso.*'

3.° Nos substantivos que fórem homographos de variações verbaes: vg. '*Destêrro, gêlo, entêrro, sêllo, modêllo.*'

4.° Nos diminutivos: vg. '*Agulhêta, pobrête, mantel te, carapêta.*'

5.° Antes de sibillante chiante: vg. '*Animaléjo, caranguêjo, pêjo*, excepto *invêja.*'

6.° Antes da liquida molhada: vg. '*Algêma, pêna, empênho, brênha.*'

7.° Nas primeiras pessoas singulares e pluraes do presente absoluto, e em todas as mais variações de formas verbaes regulares da segunda, que fórem accentuadas no *e*: vg. '*Lêmos, lêste, lêsse, aquêço, aquêça, aquecêres.*'

Cumpre observar que, para distinguir o presente do preterito, pronunciâmos o *e* d'aquelle, com alguma cousa da nazalidade do *m* que segue: vg. '*Lêmos*;' e o *e* d'este, pronunciâmol-o puro: vg. '*Lémos.*'

4.°— Se a voz accentuada fór *i* puro, pronunciál-o-hemos com o accento agudo, quer este recaia na ultima, na penultima ou na antepenultima syllaba: vg. '*Fusíl, perígo, mímico.*'

Note-se que, para distinguir as primeiras pessoas do plural dos presentes absolutos, de iguaes pessoas, do preterito, pronunciâmos aquellas, fazendo o *i* accentuado participar da nazalidade do *m* que o segue, como, *ouvîmos*; devendo-se pronunciar puro, o *i* das outras: vg. '*Ouvímos.*'

5.°— Quando o accento recahe sobre a voz pura *o*, seguiremos as regras seguintes:

1.ª Se a syllaba accentuada fór a ultima, o *o* será

agudo, se estiver só, ou se tiver depois *l*, *s*, ou *z*: vg. '*Faról*, *após*, *algeróz*;' exceptuam-se '*algóz*, *arróz*, *póz*, *avó*, onde o accento é grave.'

Sendo porém o *o* seguido de *r*, será pronunciado com accento grave: vg. '*Pudór*, *torpór*.' Exceptuam-se: '*Maiór*, *menór*, *peiór*, *redór*,' que se pronunciam com accento agudo; e a preposição *por*, que, como palavra enclyptica, não tem accento.

2.ª Se o *o* accentuado estiver na syllaba penultima, será pronunciado dos modos seguintes: —

1.º Em forma verbal da 1.ª conjugação, o *o* accentuado, vindo antes d'alguma articulação, será agudo: vg. '*Próvo*, *próvas*, *próva*, *próvam*, *próve*, *&c.*'

Porém na 2.ª e 3.ª conjugações, será grave na primeira pessoa do presente absoluto, e em todas as pessoas do futuro subordinado a presente: vg. '*Escórro*, *escórra*, *escórras*, *&c*'; será porém agudo no presente absoluto, nas segundas, e terceiras pessoas do singular, e terceiras pessoas do plural; em variações imperativas, só na 2.ª pessoa do singular: vg. '*Escórres*, *escórre*, *escórrem*, *escórre tu*.'

2.º Em os nomes, se o *o* accentuado fôr seguido de articulação lingual liquida molhada, ou de articulação nazal, quer pura, quer molhada, ou da palatal tremulante forte, o accento será grave: vg. '*Fôlho*, *fôlha*, *sôlho*, *trôlha*; *matrôna*, *mordômo*, *risônho*, *sônho*; *fôrro*, *fôrra*, *tôrre*, *zôrra*:'

Exceptuam-se: '*Abrólho*, *mólho*, *mólhe*, *desfólha*, e o plural de *ólho*, *ólhos*; *amóno*, *fóme*, *hómem*' onde o accento é agudo.

3.º Em os nomes, se elles terminarem em *o*, será grave o *o* accentuado antes de labial muda: vg. '*Glôbo*, *sossôbro*, *topo*, *sôpro*;' antes de labial sibilante: vg. '*Bulôfo*, *estôfo*, *ôvo*, *pôvo*;' antes de lingual gu-

tural: vg. '*Descóco*, *tróco*, *fògo*, *lògro*'; antes de lingual liquida pura, ou esta affecte o *c* accentuado; ou articúle a voz final: vg. '*Bòlo*, *bòlso*'; antes de palatal tremulante branda, quer articúle a vogal final, quer affecte a voz accentuada: vg. '*Còro*, *chòro*, *adòrno*, *còrpo*;' antes de lingual sibilante, quer articúle a voz final, quer affecte a accentuada: vg. '*Caróço*, *còsso*, *donòso*, *ròxo*, *mòcho*, *gòsto*, *òsco*.'

Se porém fòr outra qualquer a voz final de taes nomes, o *o* accentuado será agudo: vg. '*Sóbra*, *dóbre*, *ópa*, *xarópe*, *mófa*, *xófre*, *óva*, *róda*, *bóte*, *róca*, *chóque*, *dróga*, *bóla*, *gólpe*, *mólde*, *alfórje*, *górja*, *móssa*, *cóça*, *dóze*, *gróza*, *gulóza*, *dóge*, *brócha*, *bróche*, *cósta*, *vióla*.'

Exceptuam-se, quanto aos nomes terminados em *o*, todos os derivados da lingua latina, ou alguma outra estrangeira, nas quaes o *o* accentuado era agudo: esta voz passou á lingua portugueza com accento agudo: 'Próbo de *probus*, trópo de *tropus*, cóllo de *collum*, nósso de *noster*;' (a) todos os nomes derivados

---

(a) Os nomes que formam esta excepção, são os que seguem:—

Apódo, do grego *apo* e *diò*
Bórdo..........................
Cóllo, do latim *collum*
Colon, do grego *kôlon*
Cópo, do latim *póculum*.
Cópto..........................
Canóro, do latim *canorus*.
Decóro (subs.) *decorum*.
Decóro (adj.) *decorus*.
Devóto *devotus*.
Dógue, do inglez *dog*.
Dólo, do latim *dolum*.
Dórso *dorsum*.
Epódo *epodus*.
Epópta, do grego *epoptés*.
Escópo, do latim *escopus*.
Etólo *ætolus*.
Flóco ou fróco *floccus*.
Fóco...............*focus*.
Fóto...........................
Galeóto........................
Heloredóxo, do grego *heterosdoxa*.

de formas verbaes, que para as distinguir de outras, com que se poderiam confundir, pronunciâmos com accento agudo: '*Tópo*' (choque) derivado de topar, que assim pronunciâmos para o distinguir de tôpo (summidade).

Exceptuam-se tambem os pluraes dos nomes, cujo o grave accentuado, é corrupção de *o* agudo da lingua latina, ou alguma outra estrangeira, os quaes no plural tomam o accento agudo, que tinham na lingua mãi: taes são: '*Chôco*, *chócos*; *carôço*, *caróços*; *côro*, *córos*; *côrpo*, *córpos*; *côrvo*, *córvos*; *fôgo*, *fógos*; *fôro* *fóros*; *fôsso*, *fóssos*; *gôro*, *góros*; *môno*, *mónos*; *nôvo*,

Hyssópus, do latim	*hyssopus.*
Ignóto	*ignotus.*
Immóto	*immotus.*
Lógar	*locus.*
Lóro	*lorum.*
Lóto	*lotus.*
Marzóco, do italiano	*marzoco.*
Módo, do latim	*modus.*
Mórbo	*morbus.*
Móto	*motum.*
Nósso	*noster.*
Nótho	*nothus.*
Nóto (subs.)	*notus i.*
Nóto (adj.)	*notus 3.*
O'do, palavra asiatica	
O'rco, do latim	*orcus.*
O'rdo	*hordeum.*
O'rlo, palavra asiatica	
Oróbo, do latim	*orobus.*
O'rto	*ortus.*
Paradóxo	*paradoxum*
Pedagógo	*pedagogus.*
Pólo, do latim	*polus.*
Póro, do grego	*porós.*
Próco, do latim	*procus.*
Recócto	*recoctus.*
Remórso	*remorsum.*
Remoto	*remotus.*
Sócco, do latim	*soccus.*
Sóldo (moeda)	*solidus.*
Sonóro	*sonorus.*
Tóro	*torus.*
Vóssos	*vester.*
Vóto	*votum.*

Se alguns mais ha, afóra os acima transcriptos, facil se conhecerá o accento com que devem ser pronunciados, indagando-lhes a etymologia uma vez que o agudo na palavra primitiva, o accento será *agudo*; quando o não haja, o accento será *grave*.

nóvos; *ôlho*, *ólhos*; *ôsso*, *óssos*; *ôvo*, *óvos*; *pôço*, *póços*, (b), *pôsto*, *póstos*; *depôsto*, *depóstos*; e os mais compostos; *pórco*, *pórcos*; *pôrto*, *pórtos*; *pôvo*, *póvos*; *sôgro*, *sógros*; *tôco*, *tócos*; *tôjo*, *tójos*; *tôrno*, *tórnos*; *tôrto*, *tórtos*; *tremôço*, *tremóços*; *trôco*, *trócos*; *trôço* *tróço*; e todos os adjectivos que no singular teem a terminação masculina em *ôso*, os quaes no plural teem accento agudo: vg. '*Cheirôso*, *cheirósos*.'

E bem assim os mais adjectivos, cujo *o* grave accentuado, é currupção de *o* agudo latino, ou d'alguma outra lingua: todos estes teem no plural accento agudo: vg. '*Grôsso*, do francez *gros*, que faz no plural *gróssos*; *môrto* do latim *mortuis*, que faz no plural *mórtos*.

Quanto aos nomes que teem outra terminação que não seja *o*, exceptuam-se, com accento, todos aquelles em que o *o* accentuado é corrupção de *u*, ou *on* latino, ou de *u*, ou alguma outra voz de alguma outra lingua estrangeira: vg. '*Bôcca*, do latim *bucca*; *pôdre*, do latim *putris*; *adôbe*, do arabe *attobi*; *vôda*, do arabe *buda*.' (c)

(b) *Pôço*, sendo nome derivado do latim *puteum*, não devêra, em rigor, ter accento agudo no plural, pola razão de que o *o* accentuado é corrupção de *u* latino; todavia, parece haver prevalecido o uso de tal accento.

(c) Para melhor se conhecerem taes nomes, apprezentarei uma taboa delles.

Acorda, do grego	*zeo artos.*	Afarrôba, do arabe	*alkarrub.*
Adôba..................		Alfôbre..................	
Adôbe, do arabe	*attobi.*	Alfôrra	*alhorre.*
Adôva, a mesma origem		Afôrvas	*al-holba.*
Alcôfa, do arabe	*alcoffa.*	Aljôfar	*al-jauhari*
Alcôrce ou ça	*alcorce.*	Ampôlla, do latim	*ampulla.*
Alcôva	*alcobla.*	Anchôra, do francez	*anchois.*
		Arrôba, do arabe	*arroba.*

4.ª Se o *o* accentuado estiver antes de *a*, ou *e*, será pronunciado com accento grave: vg. *Bóróa*, *tóa*, *Lisbóa*, *sóe*, *tróe*.

Sendo o *o* accentuado a syllaba antepenultima, o accento será agudo: vg. '*Abóbora*, *serótino*.' Exceptuam-se '*Códea*, *côvado*, *fólego*, *seródio*, *sófrego*;' e os nomes, em que o *e* accentuado fòr seguido de nazal pura, ou molhada: vg. '*Cômoro*, *estómago*, *erró-*

Bôca, do latim	*bucca.*
Bôças, do francez	*bossairs.*
Bô la, do arabe	*buda.*
Bôlsa, do latim	*bursa.*
Cebôla	*cepullă.*
Côche, do francez	*coshe.*
Côlchi, do latim	*culcĭta.*
Congôssa	
Congôxa	
Congôsta, do latim	*callis angusta.*
Côrça	*cursus.*
Côrcha, do arabe	*coxra.*
Côstra }	*crusta.*
Crôsta }	*crusta.*
Dôze	*duodecim.*
Empôla	*ampulla.*
Escôda	*excudere.*
Espôsa, do latim	*sponsa.*
Estôfa, da baxlat	*stuffa.*
Estôpa, do latim	*stupa.*
Escôva, corrupção do latim	*scopa.*
Fôlla, do francez	*foulĕ.*
Fôrca, do latim	*furca.*
Fôrça, da box. lat.	*fortia.*
Fôrma, assim pronunciado para o distinguir de	*fórma.*
Gôta (de liquido) do latim	*gutta.*
Gôta, (doença) do persa	*gut.*
Hoje, do latim	*hodie.*
Lagôsta	*locusta.*
Lôba	*lupa.*
Mariposa, do grego	*mairó paió*
Môça	
Môsca, do latim	*musca.*
Ôdre	*uter.*
Pôla	*pulus.*
Pôdre	*putris.*
Pôldra, do franc. antigo	*pouldre.*
Pôlpa, do latim	*pulpa.*
Pôpa	*pupis.*
Quatorze	*quatuordecim.*
Rôfa	
Rôta	
Rôsca	
Sôbre, do latim	*super.*
Sôpa, do francez	*soupe.*
Sôrva, do latim	*sorbum.*
Tôrpe	*turpis.*
Vôdo, do arabe	*buda.*

neo;' não todos, porque alguns ha, cujo accento é agudo: vg. '*Acónito*, *Aónio*, *colónia*, *cónego*, *choónica* (subs.), *prónubo*, *vómito*;' e outros mais que o uso ensinará, visto ser esta uma anomalía que parece puramente arbitraria.

6.° — Recaindo o accento sôbre a *u* voz pura, será sempre agudo, qualquer que sêja a posição em que elle se achar: vg. '*Bambú*, *cúra*, *repúdio*.'

Artgo 2.°

Do accento emphatico.

As idéas, que compoem uma frase, não pódem ser todas igualmente interessantes; uma hade haver em que mais queira insistir a pessoa, que falla.

N'esta frase, per exemplo. '*Vamos hoje ao campo?*' póde qualquer d'estas tres idéas ser de mais importancia para a pessoa que falla: póde esta sentir

---

Da mesma sorte, os adjectivos cujo *o* accentuado na terminação masculina é corrupção de *u*, ou *on* latino, ou de *u* ou alguma outra voz estrangeira, excepto o *o* agudo, encerram o accento grave no femenino. Taes são:

Absolta, de absolto, do latim *absolutus*.
Absorta, de absorto *absorptum*
Balôfa, de balôfo, do anglosoxão *hlôf*.
Bôta, de bôto, do latim *balutum*.
Côva, de côvo, do latim *covus*.
Côxa, de côxo *cossus*.
Envôlta, de envôlto *envolutus*.
Gôda, de gôdo
Gôrda, de gôrdo *garellus*.
Minhôta.....................
Revôlta, de revôlto *revolutus*.
Rôfa, de rôfo, do inglez *rough*.
Rôta, de rôto, do lat. *ruptus*.
Rôxa, de rôxo *rufus*.
Salôbra, de salôbro *saluber*.
Sôlta, de sôlto *solutus*.
Tôda, de tôdo *totus*.
Tôla, de tôlo *stolidus*.
Tôrva, de tôrvo *torvus*.
Tôsca, de tôsco, talvez do italiano *tosco*.

mais interesse, ou na idéa de *ir*, ou na idéa de *hoje*, ou na de *ao campo*; e assim, no primeiro caso, caberá responder: '*Não posso sahir fóra*;' no segundo, *A'manhã, iremos*; no terceiro: '*Preciso estar na cidade.*' Per ahi se vê que, em toda a proposição ha sempre uma idéa, que é a mais importante: essa é a idéa chamada *emphatica*. A palavra pois que a exprimir, será a sôbre que ha de recahir o *accento emphatico*.

Portanto, accento emphatico é a particular modulação da voz, com que fazemos sobresahir, d'entre as mais palavras da frase, aquella que exprime a idéa mais importante, relativamente ás circunstancias em que se acha a pessôa, que falla.

Se a proposição é nosso proprio discurso, prompto conheceremos, qual d'entre as palavras d'ella é a que, nas circunstancias, em que achâmos, exprime a idéa que mais nos importa significar; e n'essa faremos recahir o accento.

Se porém é d'outro o discurso, que pronunciàmos, cumpre que nos dêmos conta do pensamento do auctor, que nos supponhâmos nas circunstancias d'elle; e logo depararemos com a palavra mais interessante da frase, para que a pronunciêmos com o devido tom.

Esta particular modulação da voz, em que consiste o accento emphatico, póde ser de dois modos: umas vezes, qualquer que sêja o logar que occupa no contexto a palavra emphatica, vamos gradualmente erguendo o tom até chegar a ella, vindo outra vez decahindo com a voz, té á pauza com que deve terminar a proposição: será essa, a modulação de voz com que pronunciaremos cada uma d'estas proposições: vg. 'Os mais illustres *honraram* sua familia; os mais humildes, *deram* a ella principio.'

Outras vezes apoiâmos, e prolongâmos a voz sobre a palavra, em que o accento deve recahir, pronunciando-a distinctamente, e destacada das outras. N'esta phrase 'Pedro *é homem!*' se queremos dizer que é *homem de coragem*, as syllabas da palavra *homem* serão pronunciadas com distincção, e força.

Artico 3.°

Do accento oratorio.

Accento oratorio é a modulação da voz com que pronunciâmos toda uma frase, segundo a natureza do pensamento, e sentimento que enunciâmos.

Estas várias modulações do accento oratorio, não são susceptiveis de serem marcadas per meio de signaes, como as várias modulações da voz cantante; porque: 1.° os intervallos dos tons do canto são mui distinctos, os discursos não; 2.° os tons do canto são susceptiveis de maior ou menor prolongação, não assim os do discurso; 3.° no canto toda a larynge ondúla, no discurso, não.

Contudo ha uma arte, arte de pura imitação, que tendo observado todas as inflexões naturaes do accento das paixões, tem organisado um corpo de regras que devem guiar a voz fallante, na expressão dos varios sentimentos que o discurso exprime: esta arte é a *Declamação*. Ella não faz parte da grammatica.

O que a grammatica póde observar é que, o accento oratorio, ao passo que guarda uma unidade no tom geral do discurso, varía segundo a natureza do sentimento a exprimir: uma asserção, uma interrogação, uma exclamação de admiração, ou de dôr, ou de temôr, ou de terror, ou de desprêso, um donaire, a ira, o riso, um pensamento nobre, uma sentença,

uma ironía, uma ordem, um rôgo, &c.; cada um d'estes sentimentos, é expresso per sua modulação particular.

Emfim, esta modulação faz-se, particularmente, sentir nas ultimas syllabas da frase.

CAPITULO VIII.

Das syllabas

Syllaba é o concurso de uma articulação e uma vogal, ou pura, ou nasal, ou dipthongo, para representar um som: vg. os sons elementares do vocabulo '*a-mi-go.*'

Portanto, toda a syllaba deve necessariamente constar de dois caracteres, nem mais, nem menos: o primeiro, representante de uma articulação, porque todo o som, como já sabêmos, deve começar per uma posição do apparelho vocal; o outro, representante de uma voz, porque, sem voz, não póde haver som.

Contudo, não é a escriptura tão perfeita, que sempre represente cada um d'estes dois elementos dos sons, distincto e pronunciado n'uma só emissão de voz: porquanto, duas são as especies de syllabas que a orthographia emprega: umas phisicas, outras, artificiaes.

Syllaba phisica é um som distincto, que se converte n'uma só emissão de voz, como as syllabas de '*ca-sa.*'

Syllaba arteficial é um som distincto, egualmente pronunciado com outros sons indistinctos, n'uma só emissão de voz: vg. as duas syllabas de '*tre-par.*'

A orthographia pois, umas vezes é incompleta na representação das syllabas phisicas, outras vezes, converte estas em arteficiaes: polo que seguiremos, na escriptura das syllabas, as regras seguintes: —

1.ª — A aspiração, quer branda, quer forte, que deveria sempre ser notada, todas as vezes que uma voz não é precedida de alguma outra articulação: vg. '*ar-du-o*,' não o é ordinariamente.

Assim, se a syllaba a escrever, fôr composta de uma aspiração, ou branda, ou forte, e de uma voz simples, só notaremos a aspiração, se ella vier notada na lingua, d'onde a palavra é derivada: vg '*Habito*, *exhalação*,' que são derivadas das latinas '*Habitus*, *exhalatio*.'

Mas se concorrerem duas vogaes, observaremos se ellas formam dypthongo, ou não: formando dypthongo, a segunda nunca levará notada a aspiração: vg. '*Houve*, *aprouve*;' não formando porém dypthongo, isto é, sendo pronunciadas cada uma com sua prolação distincta, e formando portanto duas syllabas; então notal-as-hemos com a aspiração, se assim o exige a etymologia: vg. '*Extrahir*', do latim *extrahere*; '*bahu*', do francez *bahut*; não o exigindo a etymologia, attenderemos ao uso, e empregaremos antes da segunda vogal o *h*, se elle o tem introduzido: vg. '*Cahir*, *sahir*;' não permittindo porém o uso o *h*, e equivocando-se a orthographia da palavra, com a de pronuncia, usaremos do signal chamado trêma, ou diéresis, isto é, dois pontos emcima da vogal: vg. '*Doïdo*', que, senão fôra assim escripto, se póde equivocar com '*doido*'.

2.ª — Nem sempre representâmos o *e* mudo, quando o articulam as consoantes: assim, em logar de escrevermos, como exigíra uma orthographia rigorosa, per exemplo, *teransepelantar*, notando o *e* mudo, que bem se percebe depois do *t*, *s*, *p*, e *r*, escreveremos, sem elle, *transplantar*, fazendo cada syllaba de duas consoantes, e uma vogal. Esta especie de elypse de lettra, faz-se nos casos seguintes: —

1.° Se uma articulação articúla *e* mudo, e logo se lhe segue syllaba que comece pela liquida — pura *l*, ou a palatal — tremulante *r*, lettras a que os latinos, em taes casos, chamam *liquidas*, só notaremos a articulação omittindo o *e* mudo: vg. '*Pranto*, *planta*.'

2.° Se estas consoantes *l* puro, *r* brando, articulando *e* mudo, são logo seguidas de syllabas que comecem por consoante: só se escreve o *l* ou *r*, omittindo-se o *e* mudo: vg. '*Porta*, *pólpa*.'

3.° Vindo ellas na ultima de um vocabulo, articulando *e* mudo, igualmente se omitte este: vg. '*Prazer*, *papel*.'

Exceptuam-se d'estes tres casos: 1.° — o *e* mudo, que a etymologia dos vocabulos exige notado, como per exemplo, em '*offerecer*', onde notâmos o *e* depois do *f*, por assim o exigir a etymologia da palavra, que é derivada da latina '*offero*;' o 2.° — o *o* mudo depois de *l* ou *r* final, nas terceiras pessoas singulares do presente, e nas segundas, imperativas de formas verbaes regulares: vg. '*Fére*, *vale*.'

Note-se comtudo, que onde o uso geral se encontrar com a etymologia, despresaremos esta, e seguiremos aquelle; em virtude d'isso, escreveremos, per exemplo, '*lettra*', sem o *e* mudo depois do *t*, não obstante vir este vocabulo, do latim '*littera*.'

4.° Articulando a guttural branda *e* mudo, antes de syllaba que comece per articulação nasal pura, ómittir-se-ha o *e*: vg. '*Enigma*, *signo*.'

5.° Quando a chiante forte, é notada no corpo dos vocabulos per *s*, e no fim d'elles, per *o*, ou *z*, articúla sempre *e* mudo; mas este nunca será notado: vg. '*Pasmo*, *cadoz*, *fezes*.'

6.° Se a labial muda *p*, articúla *e* mudo, e é seguida de syllaba que começa per sibilante — dental for-

te, escrever-se-ha essa articulação, sem notar o *e* mudo: vg. '*Eclypse*, *elipse*, *psychologia*, *pseudo*.'

3.ª — Da regra antecedente se conclue que, não obstante não dever uma syllaba começar, senão per uma consoante, muitas ha, que a etymologia nos fez escrever começando per duas.

As unicas consoantes que se pódem ligar para começar syllabas, são:—

1.º Qualquer consoante muda, excepto as nazaes com *l* ou *r*: vg. '*Cravo, bravo, plano, esclavonio, &c.*'

2.º *Ct*, *dm*, *dn*, *gm*, *gn*, *mn*, *pn*, *ps*, *pc*, *pt*, *sc*, *sm*, *sp*, *sq*, *st*: vg. '*Facto, cadmo, ariadna, augmento, digno, damno, pneuma, elipse, descripção, apto, sciencia, espasmo, esquadrão, constante.*'

Cumpre notar que, a primeira d'estas duas consoantes, nem sempre é signal de um som, muitas vezes é mero signal etymologico, e, como tal, não se deve, na leitura—pronunciar; taes são, o *c* antes de *t*, o *g* antes de *m* ou *n*, o *p* antes de *s* ou *t*, o *s* antes de *c* no principio das palavras, e o *m* antes de *n*: vg. '*Acto*, *augmento*, *signal*, *psalmo*, *escripto*, *sciencia*, *damno*,' que se pronunciam, como se ahi não existissem taes consoantes. O uso, é quem nos deve guiar em taes casos.

4.ª — Se bem que nenhuma syllaba póde acabar, senão em vogal, comtudo, muitas ha que terminam em consoante: porém as unicas consoantes que pódem terminar syllaba, são; *b*, *d*, *l*, *r*, *s*, *x* ou *z*: vg. '*Ob-star*, *ad-mittir*, *pol-pa*, *par-te*, *cos-corão*, *ex-por*, *fe-liz*.'

Advirta-se que em *ab*, *ad* ou *x*, só pódem terminar preposições, que tomámos do latim, ou nomes proprios, derivados de linguas estrangeiras: vg. '*Joab*, *Astyanax*.'

5.ª — Talvez se dobram as consoantes, o que succede por duas razões; 1.ª — porque a etymologia o exige, como em '*pelle, omittir*' de '*pellis, omittire*;' 2.ª — quando a palavra é composta de uma preposição, que termina em consoante, a qual se muda na consoante enicial do elemento componente: vg. '*Assombrar, soccorrer*,' compostos de *ad* e *sombra*, de *sob* e *correr*.

Advirta-se que as unicas preposições, cuja consoante muda, são: *ad*, começando o segundo elemento componente per *c*, *f*, *g*, *l*, *n*, *p*, *r*, *s*, *t*: vg. '*Accusar*, *&c.*;' *in*, começando per *m* o segundo elemento: vg. '*Immortal*;' *ob*, se o componente começa per *c*, *f*, ou *p*: vg. '*occorrer*, *offender*, *oppor*'; *con*, se per *l*, *m*, ou *r*, vg. '*Collega*, *commetter*, *corromper*; *dis*, se o segundo componente começa per *f*: vg. '*Difficil*', *sub* ou *sob*, se per *c*, *f*, *p*,: vg. '*Soccorro*; *sufficiente*, *sopportar*.'

Porém, quer a consoante que se dobra sêja puro signal etymologico, quer sêja a transformação de uma em outra consoante, uma só é, a que, como nota de articulação, é considerada: assim pronunciâmos '*affogar*, *allegar*, *omittir*, como se escrevêramos, com uma só consoante, '*afogar*, *alegar*, *omitir*; excepto se o primeiro elemento componente fôr uma vogal nazal, que conservará a sua prolação, não obstante a transformação da consoante: vg. '*Immaterial*.'

6.ª — Assim como uma syllaba é representante de um som unico e indivisivel, assim tambem nunca se deverão escrever destacadas as lettras componentes d'ella; e se no fim de cada linha não couberem os caracteres representantes de uma syllaba, escrevel-os-hemos todos no principio da linha seguinte.

7.ª — Pela mesma razão, as syllabas devem ser es-

criptas com lettras homogeneas, menos a inicial das palavras, que devem começar per lettra maiuscula, como adeante se verá.

CAPITULO IX.

Das palavras.

Palavra ou vocabulo é um som ou congregado de sons articulados, ligados entre si per um, que os domina todos, representantes de uma idéa ou de uma relação entre idéas ou juisos: vg. "*Perigos de mar e de terra.*"

Em vista d'esta definição, devemos seguir, na escriptura das palavras, as regras seguintes:

1.ª—Todas as palavras de uma frase, todas as de um discurso, devem ser escriptas com caracteres da mesma ordem calygraphica, ou typographica.

Exceptuam-se as palavras que designam idéas emphaticas, ou que figuram o discurso de uma pessoa estranha: essas, na calygraphia, sebémque as escrevâmos com os mesmos caracteres com que notâmos as outras do discurso, devem ser comtudo, ou sublinhadas, isto é, escriptas, levando per baixo uma linha horisontal, ou encravadas entre virgulas dobradas; na escriptura typographica, ou serão notadas com caracteres de outra ordem, ou encerradas, como na calygraphia, entre virgulas dobradas.

2.ª—Será escripta com a enicial maiuscula, toda a palavra que fôr nome proprio de um individuo qualquer, ou sêja homem, ou divindade, ou cidade, ou monte, ou rio, &c.; toda a palavra que fôr a primeira, depois de um ponto final, ponto de interrogação ou de exclamação; todo o nome de magistratura, e dignidade, quando é empregado para significar o in-

dividuo que a exerce, ou para o qualificar; toda a palavra titulo de obra; todo o nome de corporação, quando fôr empregado como proprio; no discurso em verso, toda a primeira palavra de cada verso.

3.ª — O titulo de uma obra costuma sempre ser notado per caracteres de maior tamanho, arespeito dos empregados no corpo d'ella; assim como fica livre ao gosto de cada um, empregar n'elle a fórma de lettra, que mais lhe agradar.

4.ª — Todas as syllabas de uma palavra devem ser escriptas, ligadas entre si pelas mesmas ligações das lettras.

Exceptuam-se as palavras compostas de um adjectivo, e um substantivo, qne são ligados uma á outra per uma pequena linha horisontal (ou linha de união): vg. '*Gran-Turco.*'

5.ª — Se todas as syllabas de uma palavra não couberem em uma mesma linha, deveremos partir a palavra, de modo que as syllabas fiquem inteiras. O que se fará dos seguintes modos:

1.° Se a palavra é simples, e cada syllaba consta de uma só ou duas lettras, não ha duvida que partiremos a palavra, levando para a linha seguinte uma só lettra, ou duas lettras que formam a syllaba vg. '*A-mo, en-sino, joi-a, jo-ei-ra.*'

2.° Sendo a palavra composta, e cahindo a divisão na junctura, deixaremos em cada componente as letras que lhe pertencem: vg. '*Ad-mittir, ob-rigar, con-star, con-sciencia, de-struir, re-stituir, pre-star, pro-scripto.*'

3.° Se o corte recahir em consoantes dobradas entre duas vogaes, quer uma d'essas consoantes sêja transformação de outra, quer não, deixaremos uma no fim da linha, e levaremos outra para a linha seguin-

te: vg. '*Col-lega, il-lusão, fal-lar, er-ro, nos-so, at-tenção.*'

4.ª Recahindo a divisão entre muitas consoantes, se a primeira d'essas fôr *l*, por ella faremos o corte: vg. '*Pal-ma*;' se fôr *m* ou *n* signaes de voz nazal, per elle faremos o corte: vg. '*Pon-to, com-puto*; sendo porém uma consoante qualquer, com *l* ou *r* depois, irão ambos para a linha seguinte: vg. '*Su-plemento, pa-dre*;' finalmente, sendo as consoantes outras quaesquer, cumpre haver muito cuidado em observar, se são algumas d'aquellas que, na regra 3.ª das syllabas, dicémos que pódem começar syllaba; em tal caso, irão todas para a linha seguinte: vg. '*Escri-pto, ma-gnifico, my-sterio.*' Comtudo, é necessario muito tento com palavras compostas, ou derivadas, e observar quaes são as consoantes que pertencem a cada elemento: assim, partiremos a palavra *trans-portar*, separando o *s* do *p*, porque cada um pertence a seu elemento.

6.ª — As palavras devem ser escriptas com um intervallo entre si, excepto as variações enclyticas dos pronomes, que, vindo depois do verbo, devem ser ligadas a elle, pela linha de união: vg. '*Amem se*;' ou que vindo em meio do futuro absoluto, ou futuro relativo a preterito, são ligadas pela mesma linha aos dois elementos componentes: vg. '*Amar-se-hão.*'

CAPITULO X.

Dos Signaes orthographicos.

Chamam os Grammaticos signaes orthographicos, aquellas notas que representam: 1.º — os differentes repousos, ou modulações da voz com que significâmos os grupos de idéas, ou a natureza de um sentido;

2.°— a suppressão, divisão, ou as varias suppressões das lettras. Estes signaes são: virgula, ponto e virgula, dois pontos, ponto final, ponto de interrogação, ponto de exclamação; reticencia, sublinha, grande aspa horisontal, linha de união, virgulas dobradas, trêma ou diéresis, viracento ou sinalepha ou apostropho, parenthesis, accento agudo, accento grave, e til.

As differentes partes da grammatica já nos teem dado o conhecimento do emprego d'estes signaes.

Só observarei, quanto aos accentos grave e agudo, que não costumâmos notál-os na escriptura, senão para distinguir dois vocabulos, cuja orthographia se poderia equivocar: assim, per exemplo, para differençar '*amâmos*, presente, de *amámos*, preterito,' notâmos o accento em cada uma d'essas palavras.

Dos Systhemas.

Dois são os systhemas atégora seguidos na orthographia das linguas falladas: *o systhema etymologico*, e *o philosophico*.

Artgo 1.°

Do systhema philosophico.

Este systhema consiste em representar as palavras taes quaes são pronunciadas, sem admissão de lettra que não note—ou articulação ou voz,—e sem empregar uma mesma lettra, como signal de varios elementos de som.

Este systema foi inventado em França per Valtaire, e imitado entre nós, primeiro, per Theodoro d'Almeida, na sua *Recreação Philosophica*, e redusido a arte, per Jeronimo Soares Barbosa, na sua *Grammatica Philosophica da lingua Portugueza.*

Tem dois fins este systhema: *ler bem*, *e escrever como se pronuncia.*

Ainda que mui regular e facil na practica, tem contudo esta orthographia inconvenientes, que a tornam inadmissivel.

1.°—Só á lingua primittiva era licito adoptar esta especie de orthographia: porque, não havendo entre os signaes prosodicos e orthographicos, relação alguma necessaria, e dependendo a orthographia de uma pura convenção, o mais facil na lingua primitiva, era representar os elementos dos sons—vozes e articulações—cada um per um signal distincto, dando-se a cada caracter orthographico, um valôr phonetico, sempre o mesmo; e não se empregando na escriptura signal, que não tivesse na orthoépia, um, correspondente.

2.°—Inventada a orthographia da lingua primitiva, e havendo esta lingua gerado outra, a nova lingua já não podia ter a mesma liberdade, na sua escriptura: os sons alterados da lingua mãe, deviam ser notados, quanto a alteração o permittisse, na nova lingua, pelos mesmos caracteres da primitiva, a fim de ser facil de reconhecer a origem dos vocabulos, e, portanto, as idéas fundamentaes que elles significam.

3.°—Ainda quando assim não fóra, uma vez que um uso mui prolongado tiver adoptado certos caracteres na representação das palavras, uma vez que os sentidos da vista, e do ouvido estão habituados a certas sensações, que são o puro resultado, ou uma convenção sellada com o cunho do assenso geral; querer destruir outra, que é tão convenção como aquella, é um mero capricho, e portanto, inadmissivel.

Se, per exemplo, em lugar de escrever *exacto*, *acção*, *inflexão*, *nexo*, escrevessemos *eisato*, *asão*, *in-*

flesão, *necso*; esta extravagante orthographia, indo contra todos os nossos habitos, não seria mais exacta, e ficava privada de nos representar a etymologia d'aquellas palavras, que tanto nos ajuda, na interpretação d'ellas.

4.°—Finalmente, essa correspondencia, que esta especie de orthographia quer estabelecer entre os caracteres, e os sons que ellas representam, é inteiramente chimerica; porque, além de não haver relação necessaria entre os signaes prosodicos, e orthographicos, a expressão do pensamento pela voz é necessariamente variavel, porque é passageira; ao contrario, a expressão da palavra pela escriptura, é permanente e invariavel, porque é fixa.

Portanto, rejeitâmos essa orthographia a que, tão fóra de proposito, chamaram philosophica, porisso que ella é impraticavel, em consequencia de não ser possivel dar mobilidade ao que de si é estavel.

Artgo 2.°

Da Orthographia etymologica.

Este é o systema de orthographia que representa as palavras de uma lingua com os mesmos caracteres, que representavam n'outra lingua, as palavras d'onde aquellas se derivam.

Sebémque uma lingua fallada estêja subjeita a muitas variações na pronuncia, a qual insensivelmente se vae alterando de seculo para seculo, de logar para logar; são essas varições tão insensiveis, tão lentas, que a principio é impossivel notál-as.

Só no decurso de muitos tempos é que esses matises da pronunciação se tornam mais destinctos; mas nem porisso convém mudar igualmente a orthogra-

phia, por conta de que se perderia o fio das etymologias, e portanto, nada haveria que nos desse razão do estado actual de uma lingua; e porque essa mudança supõe uma nova convenção, a qual no estado actual das linguas, é impossivel.

Portanto, a orthographia etymologica é a unica admissivel, pola razão de ser ella um padrão indelevel da origem dos vocabulos de uma lingua.

Contudo, cumpre não tomar a expressão *orthographia etymologica*, no rigor do seu sentido: é mister, onde a etymologia se afastar inteiramente da pronuncia, conciliar aquella com esta, ou, quando assim não possa ser, abandonar a primeira, para seguir a segunda.

Assim, per exemplo, havendo nós corrumpido a palavra latina *perfectus* em *perfeito*, mudando a consoante *c* em a vogal *i*, e a syllaba *tus* em *to*, devemos dar de mão a etymologia, para seguir a pronunciação, escrevendo *i* em logar de *c*, e *to* em logar de *tus*.

Ainda, além d'estes, ha outro elemento mais com que haver conta — o *uso*.

Quando o uso é antigo e inveterado, havendo, portanto, tomado o caracter de habito, é impossivel radical-o. Assim, sebemque a analogia de nossa lingua tenha, per exemplo, admittido o accressimo de um *s* aos nomes que terminam em vogal, ou pura ou nazal, para lhes formar o plural, contudo, na palavra *bom* figurâmos o plural, além do accressimo do *s*, mudando o *m* em *n*, escrevendo *bons*.

Portanto, a orthographia mais regular não será a etymologia pura, mas uma que tenha em vista tres cousas: 1.° — o *uso*; 2.° — a *etymologia*; 3.° — a *pronuncia*.

Em consequencia do que, tres são a regras a seguir, n'este systhema do orthographia.

1.ª — O uso geral e esclarecido será sempre a principal guia que nos deve conduzir. Se a elle se oppõe a etymologia e a pronuncia, abandonal-as-hemos, para o seguir.

Assim, em logar de escrevermos com dois *cc*, como exige a etymologia — *acceitar*, de *acceptare*, *accender* de *accendere*; escrevêmos com um só *c* — *aceitar*, *acender*. Da mesma sorte, em logar de escrever com dois *ss* — *assular* do arabe *assala*, escrevêmos com *ç* — *açular*. Do mesmo modo, no plural de *bem*, o ouvido destingue, além da nazal, um *es* final — *bẽes*, mas em logar de escrever como a pronuncia exige, sacrificâmol-a ao uso, e escrevêmos — *bens*.

2.ª — Se a pronuncia e a etymologia empregam duas orthographias, que andam igualmente seguidas pelos sabios, então preferiremos a etymologia.

Per exemplo, a pronuncia manda escrever com *f* a palavra *filosofia*, a etymologia com *ph* — *philosophia*; ambas estas orthographias são usadas, seguiremos portanto a etymologia.

3.ª — Se a pronuncia se oppõe á etymologia, cumpre abandonar esta, e seguir aquella. Assim, per exemplo, ás palavras latinas que começam per *sp*, a nossa lingua accrescenta na pronuncia um *e* antes do *s*, não devêmos pois escrever: vg. '*Spirito*, *scudo*, mas *espirito*, *escudo*.'

As principaes corrupções, que a pronuncia portugueza tem feito na etymologia latina, são as seguintes:

Corrumpêmos: — *a* em *e*: vg. '*Feito* de *factus*;' *e* em *i*: vg. '*cabéllo* de *capillus*;' *i* em *e*: vg. '*lenho* de *lignum*;' *o* em *u*: vg. '*cunhado* de *cognatus*;' *u* em

o: vg. '*onda*, *mosca*, *lobo* de *unda*, *musca*, *lupus*;' *au* em *ou*: vg. '*ouro* de *aurum*, *outomno* de *autumnus*;' *us* e *um* em *o*: vg. '*acto*, *templo* de *auctus*, *templum*;' *onem*, *anem*, *anum* em *ão*: vg. '*sermão*, *pão*, *irmão* de *sermonem*, *panem*, *germanum*;' *b* em *u*: vg. '*arvore* de *arbore*, ablativo de *arbor*;' *c* em *g*: vg. '*lagrima*, *perigo* de *lacrima*, *periculum*;' *c* antes de *e* em *z*: vg. '*fazer* de *facere*;' *c* antes de *t* em *i*: vg. '*peito*, *noite* de *pectus*, *nocte*, ablativo de *nox*;' *f* em *b*: vg. '*rabão* de *rafanum*, accusativo de *rafanus*;' *g* em *c*: vg. '*camarão* de *gammarum*, accusativo de *gammarus*;' *gn* em *nh*: vg. '*penhor*, *lenho* de *pignore*, *lignum*;' *l* em *r*: vg. '*obrigar*, *cravo* de *obligare*, *clavus*;' *l* depois de *c*, *f*, ou *p* em *ch*: vg. '*chamma*, *chave*, *chaga* de *flamma*, *clave*, *plaga*;' *p* em *b*: vg. '*cabra*, *obra* de *capra*, *opera*;' *q* em *g*: vg. '*aguia*, *agua* de *aquila*, *aqua*;' *s*, *sc*, *ss* em *x*: vg. '*bexiga*, *peixe*, *paixão* de *vesica*, *pisce*, *passionem*;' *s* no principio das palavras, em *es*: vg. '*espaço* de *spatium*;' *t* em *d*: vg. '*fado* de *fatum*, *prado* de *pratum*;' *ti* em *ç*: vg. '*acção* de *actionem*;' *x*, no fim de palavra, em *z*: vg. '*paz*, *feliz* de *pax*, *felix*.' (a)

Além d'estas corrupções que fizémos de articulações da mesma especie umas em outras, corrompêmos tambem algumas articulações em vozes: taes são:—o *g*, *d*, e *p*, que corrompêmos em *i*: vg. '*Rei*, do ablativo *rege*; *feio* de *fœdum*; *acceitar* de *acceptare*.'

Todas estas corrupções, assim como as que fizémos transpondo as lettras, como: vg. '*Feira* de *feria*,' são de data mui antiga: as palavras que á lingua por-

(a) Duarte Nunes de Leão, *orthographia* da *lingua Portugueza*, diz: 'Se tiverâmos conhecimento do *Arabe* e do *Grego*, pudéramos indicar a analogia da nossa lingua, na corrupção das palavras d'aquellas.'

tugueza trouxeram, do latim, os escriptores que aperfeiçoaram e enriqueceram o idioma, essas, com bem pouca corrupção, fôram adoptadas.

CAPITULO XI.

Dos vicios de pronuncia.

Se o uso esclarecido auctorisa algumas alterações no material dos vocabulos; tambem elle regeita outras, ou porque tem contra si a auctoridade dos classicos, e das pessôas illustradas, ou porque são oppostas á analogia, e genio da lingua: taes são entre diversas, as seguintes: —

1.° — O accressentamento de vozes ou articulações contra a etymologia das palavras: vg. '*Avoar* por *voar*, *assentar* por *sentar*, *acostumar* por *costumar*, *encarregos* por *encargos*;' e o accrescentamento de um *a* antes de *óa*, *óe*, *óo*, vicio particular aos Madeirenses, que dizem '*báoa*, *sáoe*, *máoo*, por *bóa*, *sóo*, *móo*.'

2.° — Diminuição de vozes, ou articulações, que a etymologia exige: vg. '*Calidade* por *qualidade*, *cantidade* por *quantidade*, *maginar* por *imaginar*, *surgião* por *cirurgião*.'

3.° — A troca de uma voz, ou articulação por outra. Assim, trocam os Minhôtos o *b* por *v*, e o *v* por *b*, dizendo '*binho* por *vinho*, e *bento* por *vento*.' Os Algarvios trocam o diphthongo *eu* por *ei*, dizendo '*mei* pae por *meu* pae,' e a liquida molhada *lh* por *l*, dizendo, per exemplo '*le* dice por *lhe* dice.'

Os Brazileiros trocam ordinariamente o *e* mudo por *i*, e assim dizem '*mi* por *me*, *minino* por *menino*.'

Os Madeirenses trocam o *é* antes de articulação

chiante e de molhada, em *á* grave, dizendo, per exemplo, '*pājo* por *pėjo*, *māclia* por *mēcha*, *lānho* por *lēnho*, &c.'

Os Rusticos conservam ainda algumas syllabas rudes da antiga linguagem, como '*trouve*, *trouvéra*, por *trouxe*, *trouxéra*, *tevéra* por *tivéra*; *diger*, *dixe* por *dizer*, *dice*;' e a mudança de *l* em *r*, depois de *g*, *b*, *p*: vg. '*Pubrico* por *publico*, *ingrez* por *inglez*; *suprica* por *supplica*.'

4.° — Transposição de syllabas contra a etymologia: vg. '*Crelgo* por *clerigo*, *próve* por *pobre*.'

Emfim, ha tres vicios mais, que são: 1.° — dar ás palavras mais de um accento: vg. '*Pápél*, *Brázíl*:' 2.° — supprimir quasi o *r* final: vg. '*prázé*, *ácabá*, por *prazer*, *acabar*: 3.° — a transposição das variações enclypticas dos pronomens, contra a analogia da lingua: vg. 'Ora *mi deixe*' por 'ora *deixe-me*.'

FIM DO LIVRO TERCEIRO.

PRINCIPIOS

DE

GRAMMATICA GERAL

APPLICADOS Á

Lingua Portugueza.

PARTE QUARTA.

LIVRO IV.

Da Orthographia.

CAPITULO I.

Da Orthographia em geral.

ORTHOGRAPHIA é a parte secundaria da grammatica, que estabelece o systhema de signaes perque devemos representar regularmente a palavra.

D'entre as varias especies de systhemas de signaes, que pódem ser empregados para representar a palavra, o que geralmente tem sido adoptado pelas linguas mais cultas, assim antigas como modernas, é a escriptura alphabetica.

D'esta, é que a orthographia nos vae dar conhecimento, e mostrar como ella se póde tornar *representação regular* da palavra.

CAPITULO II.

Do Alphabeto.

Alphabeto, chamâmos o systhema de signaes que, decompondo em seus elementos os sons parciaes, que

entram na composição dos vocabulos de uma lingua, representa, per um signal distincto, a cada um desses elementos.

Os elementos dos sons, já da orthoepia sabêmos que são quatro: *voz*, *articulação*, *tom*, e *duração*. D'estes, os dois ultimos não sendo susceptiveis de appreciação, não ha no alphabeto signaes para os representar, só os ha para os primeiros dois — voz, articulação: os caracteres que os representam, chamam-se *lettras*. Se as lettras representam as vozes, chamam-se *vogaes*; se as articulações, *consoantes*.

Dá-se ás primeiras o nome de vogaes, não porque ellas pintem meramente as vozes; mas porque, nos sons que ellas representam, o elemento mais saliente é a voz. As segundas, chamam-se consoantes, porque representam as articulações, as quaes se não pódem fazer perceptiveis ao ouvido, sem que sôem com uma voz.

O alphabeto portuguez consta de vinte e cinco lettras, cujas figuras já a caligraphia nos ensinou a traçar: d'estas, seis são vogaes, desenove consoantes.

Vê-se pois que o nosso alphabeto é inperfeito.

Para que elle fôsse perfeito, era mister que tivesse desoito caracteres distinctos, para representar as desoito vozes que temos, e vinte, para representar as consoantes.

Porém esta imperfeição vem não só da falta, senão de excesso: porque nas lettras vogaes, para representar uma mesma voz, temos dois caracteres: *i* e *y*; nas consoantes, para a palatal tremulante forte ha dois signaes: *r* e *rr*; para as linguaes sibilantes ha tambem dois signaes para cada uma: vg. 'Pra*z*er, me*s*a; *s*êlo, can*c*éllo; ho*j*e, mon*g*e; *ch*apa, *x*adrez.'

Cada lettra tem duas figuras: uma grande, outra

pequena: cada uma d'estas figuras tem seu particular emprego. Mas tractêmos primeiro das lettras, como significativas das vozes e articulações.

Artigo 1.º

Das Vogaes.

Para representar as vozes puras, temos seis lettras *a*, *e*, *i*, *o*, *u*, *y*.

O *y*, caracter que do alphabeto grego passou ao nosso, representando as mesmas vozes puras que o *i*, só é empregado em palavras gregas, quando taes palavras, na lingua grega, são escriptas com essa lettra: vg. a segunda de '*etymologia*.'

As vozes nasaes são notadas pelos mesmos caracteres que as puras, com o accrescentamento de um *m* ou *n*. N'estas figuras, o *m* e o *n* não são signaes de articulações: concorrem com os outros caracteres a que vão pospostas, para representar as vozes nasaes. Algumas veses são substituidas pelo signal chamado til (~).

Para notar os dyphthongos ou vozes compostas, não era mister um novo caracter; como elles são o resultado do concurso de duas vozes simples, figurâmol-os pelas lettras representantes d'estas vozes.

Porém como nos dyphthongos nasaes, se notassemos o elemento nasal per *m* ou *n*, poderiam os olhos enganar-se, e tomar o *m* ou *n* por signal de articulação, substituimol-o pelo til (~); se tendo de escrever o vocabulo monosyllabo *chão*, escrevessemos *chamo*; o monosyllabo, d'este modo representado, se equivocaria com o dissyllabo *cha-mo*; porisso escrevêmos *chão*, pondo o til sôbre o *a*, para denotar que essa voz é nazal.

Cumpre observar que é uma representação falsa, a com que alguem figura o diphthongo *ão*, quando n'elle não recahe o accento, escrevendo *am*: vg. '*Fizeram*, *diceram*, *amaram*.' O signal *am* é privativo caracter de nazal simples: vg. '*Amputar*;' voz composta da nazal *am*, e da pura *o*.

Artgo 2.°

Das consoantes.

A nossa lingua, para notar as articulações, não tem mais que desenove consoantes: *b*, *c*, *d*, *f*, *g*, *j*, *h*, *k*, *l*, *m*, *n*, *o*, *p*, *q*, *r*, *s*, *t*, *v*, *x*, *z*.

D'estas, umas representam constantemente as mesmas articulações; outras, representam diversas articulações.

As articulações labiaes são representadas constantemente pelas mesmos caracteres; excepto o *f*, que, em palavras gregas, que na lingua mãi são escriptas com o *phi*, substituimos por *ph*: vg. '*Antiphona*, *phrase*, *metamorphose*.'

Das linguaes, as molhadas não teem lettras privativas que as representem: figurâmos a nazal per *nh*: vg. '*Ninho*;' a liquida per *lh*: vg. '*Filho*.'

Mas a nazal pura, e as oraes mudas dental branda, liquida, e tremulante branda, teem cada uma seu caracter particular — *m*, *d*, *l*, *r*.

As mais linguaes são variamente representadas, conforme o logar em que concorrem, ou a etymologia do vocabulo em que ellas entram.

Para o que seguirêmos as regras seguintes: —

1.ª — A muda dental forte, sendo ordinariamente notada per *t*: vg. '*Fonte*;' nas palavras derivadas do grego, que teem a consoante *thita*, representál-a-hemos per *th*: vg. '*Th*rono, *th*alamo, pa*th*etico.'

2.ª — A guttural branda, se articúla algumas das vozes, que são figuradas per *a*, *o* ou *u*, representa-se per *g*: vg. '*Ga*mo, *go*mo, e*gu*a;' articulando porém alguma das que notâmos per *e*, *i* ou *y*, a guttural será representada per *gu*: vg. '*Gu*erra, pre*gu*iça.'

Quando a esta articulação segue immediatamente outra, representâmol-a per *g*: vg. '*G*rego.'

3.ª — A guttural forte é representada per um de cinco caracteres — *c*, *ch*, *g*, *gu*, *k*.

Em palavras do latim, ou de alguma outra lingua estrangeira, onde esta articulação era figurada per c, assim tambem a notaremos em portuguez, articulando ella alguma das vozes que representâmos per *a*, *o* ou *u*, ou seguindo-se-lhe immediatamente outra articulação: vg. '*Ca*verna, pou*co*, *cú*mulo, *cr*avo.'

Mas se ella articular alguma das vozes que figurâmos per *e*, *i* ou *y*, então notál-a-hemos per *qu*: vg. 'Pe*qu*eno, *qu*ieto.'

Sendo porém tal articulação notada per *q*, na lingua d'onde derivâmos o vocabulo onde ella concorre, per esse mesmo caracter a representaremos em portuguez: vg. '*Q*uantidade de *quantitas*, a*q*uoso de *aquosus*.'

Em palavras derivadas do grego, se essa articulação era n'ellas notada per lettra a que elles chamavam *chi*, figurál-a-hemos per *ch*: vg. '*Ch*imica, *ch*ilydro, monar*ch*a.'

Emfim, para representar esta articulação, usâmos da lettra *k*, só nos nomes proprios estrangeiros, que nas linguas a que pertencem são escriptos com ella: vg. '*K*ant;' ou em palavras que modernamente teem sido tomadas do grego, do arabe, ou de alguma outra lingua, as quaes teem essa consoante na lingua mãe. Essas palavras são bem poucas: vêja-se o Diccionario Portuguez do Sr. *Constancio*, lettra *K*.

4.ª — A palatal tremulante forte é notada, ora per um *r*, ora per dois *rr*.

Nota-se per um *r*, quando é a primeira lettra do vocabulo: vg. '*R*amo;' ou quando vindo no meio d'elle, segue immediatamente a alguma consoante, a qual pertence á syllaba antecedente: vg. 'Pil*r*ito.'

Per dois *rr* só é notada, quando está em meio de duas vogaes: vg. 'E*rr*o.'

5.ª — A sibilante dental branda é representada, ou per *z*, ou per *s*.

Representâmol-a per *z*: 1.º — quando a primeira lettra do vocabulo, ou quando é immediata a outra consoante: vg. '*Z*ur*z*ir:' 2.º — quando vem na ultima syllaba de substantivos, de derivação portugueza: vg. 'Caneza, pureza, inteireza;' ou em terminação diminutiva: vg. 'Sozinho, pobrezinho:' 3.º — quando é corrupção de *c*, *x* latino: vg. 'Dizer, traduzir, doze, izento, corrupção de *dicere*, *traducere*, *duodecim*, *exemptus*;' ou de *c* italiano: vg. 'Cozer, (ferver ao lume) do italiano *cuocere*; fuzil, do italiano *focile*:' 4.º — em palavras derivadas do arabe, que na lingua mãe teem essa consoante: vg. 'Gazela de *gazala*;' ou sendo essa lettra corrupção de alguma outra lettra arabe: vg. 'Bizarria de *bexarria*:' 5.º — em palavras derivadas do grego, para substituir a lettra a que os gregos chamavam *zeta*: vg. 'Azote, azymo.'

Nota-se a sibilante dental branda per *s*, em todas as palavras derivadas do latim, grego, ou alguma outra lingua estrangeira, as quaes na lingua mãe tinham essa mesma consoante: essa lettra é empregada como caracter de tal articulação, entre duas vogaes: vg. 'Posição, da latina *positio*; phases, da grega *phasis*.'

6.º— A sibilante dental forte é notada per um de quatro caracteres — *s*, *ss*, *c* ou *ç*.

Pintâmol-a per *s*, no principio das palavras, quando ella articúla *a*, *o* ou *u*: vg. '*S*ancto, *s*omno, *s*umo;' ou no meio, quando ella vae immediatamente apóz alguma outra articulação: vg. 'Eclip*s*e.'

Notâmol-a per *ss*, quando concorre entre duas vogaes em palavras derivadas do latim, quando n'essa lingua assim eram escriptas: vg. 'Pa*ss*o de *passus*; me*ss*e de *messis*, mi*ss*ão de *missio*;' e nas palavras compostas da preposição *a*, e de vocabulo que comece per *s*: vg. '*Ass*etear, composto de *a* e *seta*.'

Per *c*, a notâmos antes de *e* ou *i*, ou no principio ou no meio das palavras, quando a lingua d'onde ellas derivam assim as escrevia: vg. '*C*ingir de *cingere*, ba*c*ello de *bacillus*;' ou quando é corrupção de *x* latino: vg. 'Di*c*e de *dixi*.' No entanto, em *auxilio* e seus derivados, a sibilante é notada pelo *x* da palavra primitiva.

O *ç*, empregâmol-o para substituir: 1.º— em palavras dirivadas do latim, o *ti* antes de vogal: vg. 'Ac*ç*ão de *actio*, e pregui*ç*a de *pigritia*,' e, per analogia, todas as palavras de derivação portugueza com igual terminação: vg. 'Incha*ç*ão de *inchar*:' 2.º— em palavras derivadas do arabe, para substituir os *ss*, *s*, ou *x*, do original: vg. 'Alca*ç*úz de *árquessúz*, alcá*ç*ova de *alcásba*, alví*ç*ara de *albexara*,' ou quando essas palavras são, mesmo no arabe, escriptas com este caracter: vg. 'Alca*ç*arias de *alcaiçaria*:' 3.º— na terminação *açar*, que dâmos a formas verbaes, para as fazer significar acção continuada em produzir um effeito: vg. 'Adelga*ç*ar, sarrafa*ç*ar.'

Cumpre notar, que vindo a sibilante dental forte entre duas vogaes, nunca a notaremos per *s*, excepto

em palavras compostas da preposição *de*: vg. 'De*s*angrar.'

7.ª — A sibilante chiante branda é notada per uma de duas lettras, *j* ou *g*.

Da primeira nos servimos, quando ella articúla *a*, *o*, ou *u*: vg. 'Quei*j*ada, pê*j*o, *j*ugo.'

Da segunda, quando articúla *e* ou *i*: vg. 'Ma*g*estade, si*g*illo.'

8.ª — A chiante forte é notada per *ch*, *s*, *x*, ou *z*, mesmo em palavras derivadas do latim, onde esta articulação é notada pelo *f*.

Emprega-se *ch*: 1.º — quando a palavra é derivada de outra estrangeira, que na lingua original assim era escripta: vg. '*Ch*antre do francez *chantre*; *chatim*, palavra asiatica:' 2.º — sendo corrupção da lingual molhada castilhana *ll*: vg. '*Ch*orar de *llorar*:' 3.º — sendo corrupção de articulação muda latina: vg. '*Ch*amar de *chamare*; *ch*ato de *platus*; *ch*amma de *flamma*; *ch*ancella de *cancellare*:' 4.º — sendo corrupção da chiante italiana *ce* ou *ci*: vg. '*Ch*ança de *ciancia*:' 5.º — em palavras puramente portuguezas: vg. '*Ch*iar, voz onomatopatica.'

Nota-se per *s*, quando vem no meio das palavras immediatamente antes de outra articulação: vg. 'Co*s*ta, me*s*mo, cu*s*po;' ou quando é a ultima d'ellas no plural: vg. 'Amendoa*s*;' ou no singular, se a palavra não fôr accentuada na ultima: vg. 'Flandre*s*:' se o accento porém recahir na ultima, então figuraremos aquella articulação pelo *z*: vg. 'Carta*z*,' o que succede principalmente em palavras tomadas do latim, com o nominativo terminado em *x*: vg. 'Pertina*z*, feli*z*, de *pertinax*, *felix*.'

Finalmente figurâmos essa articulação per *x*: 1.º — se a palavra onde ella concorre é tomada de lingua

estrangeira, que per igual caracter a notava: vg. 'A-*x*orar, do arabe *axura*; amei*x*as, do persico *mexmas*:' 2.°— se é corrupção de sibilante estrangeira, figurada n'essa lingua per *sc*, *s* ou *ss*: vg. 'Pei*x*e, do latim *piscis*; me*x*er, do latim *miscere*; dei*x*ar, bai*x*el, do italiano *lasciare*, *vascello*; be*x*iga, do latim *vesica*; pai*x*ão, do latim *passio*; bai*x*ella, do francez *vaisselle*.' Note-se, que seguindo tal articulação a dyphthongo, é sempre figurada per *x*: vg. 'Fei*x*e, sei*x*o.'

Cumpre observar que esta lettra *x* tem outros empregos mais: como lettra que tomámos do grego e do latim, onde ella representava ao mesmo tempo duas articulações, uma guttural, outra sibilante dental *cs* ou *gs*, em palavras que d'essas linguas derivâmos, a empregâmos para notar junctas a guttural e sibilante fortes: vg. 'Ne*x*o, flu*x*o, de *nexus*, *fluxus*;' ou as sibilantes dentaes, forte e branda: vg. 'E*x*ercito, de *exercitus*; e*x*emplo de *exemplum*.' Outro emprego mais, é representarmos per essa lettra a syllaba *is* em palavras compostas: vg. 'E*x*ceptuar, e*x*purgar, que pronunciâmos, como se escrevessemos, *eisceptuar*, *eispurgar*.'

As regras que a cima démos para a representação da chiante forte, não as damos per absolutamente geraes: ellas teem suas excepções que o uso tem introdusido, com as quaes é mister haver conta.

FIM DO LIVRO QUARTO.

PARTE ACCESSORIA.

CAPITULO I.

Das Figuras da dicção, ou do Metaplasmo.

TODA a alteração que, auctorisada pelo uso, advém ao material de uma palavra per diminuição, augmento, transposição ou troca de vozes ou articulações, chamam os grammaticos *Metaplasmo*.

Portanto, as figuras do metaplasmo são de quatro modos: umas *diminuem*, outras *augmentam*, outras *transpoem ou trocam as vozes ou articulações.*

1.° As que diminuem são: *aphérese*, *syncope*, *apocope*, *synalepha*.

Aphérese — diminue no principio: vg. '*Bóbada* por *abóbada*; *liança* por *aliança*.'

Syncope — diminue no meio: vg. '*Cuidoso* por *cuidadoso*; *mercer* por *merecer*.'

Apócope — cercêa no fim: vg. '*Tir-te* por *tira-te*, *san* por *sancto*.'

Synalepha — tem logar quando se supprime a vogal final de uma palavra, por se lhe seguir outra que começa tambem per vogal: vg. '*Do*, *daquelle*, por, *de o*, *de aquelle*.'

2.° As que augmentam são: *Próthese*, *Epenthese*, *Paragoge*.

Próthese — augmenta no principio: vg. '*Alembrar* por *lembrar*, *avoar* por *voar*.'

Epenthese — accrescenta no meio: vg. '*Termino* por *termo*, *pagano* por *pagão*.'

Paragoge — accrescenta no fim: vg. '*Martyre* por *martyr*, *architector* por *architecto*.'

3.° As que trocam vozes ou articulações são:— *Antithese*: exemplo:—nas vozes verbaes acabadas em *r* ou *s*, as quaes se mudam em *l* para maior suavidade da pronunciação, quando se lhes seguem os pronomes *o*, *a*, *os*, *as*: vg. '*Amal-o*, *recebêl-a*, &c.,' em logar de '*amar-o*, *recebêr-a*, &c.' Da mesma sorte, as preposições *per* e *por* mudam o *r* em *l*, quando precedem o artigo *o*, *a*, *os*, *as*, como *pelo*, *pela*, *polos*, *polas*, em logar de '*pero*, *pera*, *poros*, *poras*.'

4.° As que authorisam a transposição de vozes ou articulações são:— *Metathese*: vg. '*Cravão* por *carvão*, *corcodilo* por *crocodilo*.' Mas esta figura é tão pouco usada, que mais se reputa *erro* do que figura; talvez pela demasiada licença com que muitos a usaram, pronunciando sempre *cravão*, *crapinteiro*, *bréço*, &c.; do que se collige, que o uso immoderado de certas regras, longe de ornar o discurso, o vicía, e lhe obscurece a sua intelligencia.

CAPITULO II.

Da clareza do discurso.

Clareza é aquella parte da dicção, em virtude da qual não só se entende facil aquillo que disemos, mas mesmo não é possivel *deixar de entendel-o*.

Esta qualidade provém de duas fontes: ou do *pensamento*, ou da *expressão*.

A clareza considerada debaixo o do primeiro ponto de vista, depende sobretudo da maior ou menor exactidão, com que cada um procede na analyse de seu pensamento; porque se não examinâmos bem o pensamento a enunciar, se o não contemplâmos per todas as faces, se o não decompomos rigorosamente nas idéas parciaes que o constituem; não podendo vêl-o

assim distinctamente, não o poderemos enunciar claro.

Ora, não é debaixo d'este ponto de vista, que nos toca tractar da clareza.

A clareza, nas palavras de que nos servimos para enunciar nossas idéas, póde derivar de duas fontes:— ou da *propriedade* d'estas palavras, ou dos *termos translatos* por que as substituimos, quando as proprias não sêjam assaz claras e expressivas. Por consequencia, tractaremos primeiro da *propriedade*, depois, da *translação* das palavras.

Artigo 1.°

Das palavras proprias.

Uma palavra póde diser-se *propria* de varios modos; e não sendo possivel concentrar em uma só definição a todos estes, é mister desenvolvêl-os.

1.° Diz-se que uma palavra é *propria do primeiro modo*, quando a empregâmos n'aquella accepção que é a primeira que ella nos accorda no espirito, apenas a ouvimos ou lêmos per si só: vg. '*Luz*, *caza*.'

E devemos sempre empregar os vocabulos n'esta accepção, com preferencia áquell'outra? — não. Talvez a palavra propria n'este sentido, fôra termo *baixo*, *sordido* ou *obsceno*: o decoro exige que em tal caso prefirâmos outra palavra, em accepção translata, que, suggerindo a mesma idéa principal, a modifique nos accessorios que a accompanhem.

Assim, em vez de dizer: 'Antonio, collega, é o *excremento* da curia,' é mais elegante: 'Antonio, collega, é a *deshonra* da curia.'

2.° *A segunda especie de propriedade* tem logar, quando empregâmos um vocabulo n'aquella primeira

accepção, que elle recebe ao entrar no vocabulario de uma lingua: esta a significação *primordial* ou *etymologica.*

Exemplo: *vertice*, significou, originariamente, o *redomoinho do cabello*; depois, *o alto da cabeça*; depois, *o alto de um monte, &c.*; de todas estas accepções, só a primeira é *etymologica.*

3.° Diz-se propria do *terceiro modo*, toda a palavra que é termo consagrado para designar uma idéa, que faz parte de uma noção já significada na lingua: vg. '*Amor*' é termo generico para designar a affeição da alma por todo e qualquer objecto; mas — '*amor para com Deus* diz-se — *benevolencia*; *amor para com os homens* — *humanidade*; *amor para com a patria* — *patriotismo*, *&c.*' '*Caza*, é a vivenda de todo e qualquer individuo; mas se é onde vive um principe, ou outra qualquer personagem, diz-se ordinariamente — *palacio*, *&c.*'

A esta classe pertencem os termos technicos, que formam a Phraseologia das artes, e sciencias.

4.° *A quarta especie de propriedade* tem logar, quando um termo generico, applicavel a uma classe inteira de individuos, se applica, *per excellencia*, a algum d'elles em particular. Exemplo: '*Carthaginez*,' é nome generico para todo o natural de Carthago; mas o Carthaginez, (*Pœnus em Tito Livio*) significa quasi sempre *Hamnibal.*

A palavra que se diz *propria d'este modo*, é já uma especie de *metonymia* em verdadeiro *tropo*, que se denomina *Antonomásia.*

5.° Diz-se *propria do quinto modo*, toda a palavra, quer propria da primeira, segunda ou terceira especie, quer translata, quer exprima uma idéa com tal

precisão e energia, que não é facil achar outra que melhor o faça.

Nos classicos abundam exemplos d'esta especie: referiremos a *discripção* do *Adamastor* feita por Camões:

> Não acabava, quando uma figura
> Se nos mostra no ar, robusta e válida,
> De disforme e grandissima estatura,
> O rosto carregado, a barba esqualida,
> Os olhos encovados, e a postura
> Medonha e má, e a côr terrena e pallida,
> Cheios de terra, e crespos os cabellos,
> A boca negra, os dentes amarellos.

Artgo 2.º

Dos termos translatos, ou tropos.

Tropo, é a translação de uma palavra, do sentido em que é propria, para outra, *com virtude.*

A palavra *propria* na definição tomada em sentido restricto, significa a 1.ª, 2.ª, e 3.ª especie de propriedade.

A clausula — *com virtude* — indica que para haver *tropo*, não basta que haja translação de um sentido para outro; mas é mister que entre ambos haja relação de *analogia.* Se pois a *analogia* é o fundamento dos *tropos*, as especies d'estes serão tantas, quantos fôrem os modos perque dois objectos se pódem dizer *analogos.*

Ora dois objectos teem analogia um com outro, ou porque *se assemelham*, ou porque *se repugnam entre si*, ou porque *co-existem*, ou porque este é *parte* d'aquelle, ou aquelle, *parte* d'este. D'qui partem quatro relações, que fundamentam a classificação dos

tropos em — *Metáphora, Ironia, Metonymia,* e *Synédoche.*

§. 1.°

Da Metáphora.

Metáphora é a especie de tropo, pelo qual transferimos o nome de um objecto para outro, em virtude da relação de *similhança* que entre elles haja.

A Metáphoia presuppõe no espirito uma comparação entre dois termos, dos quaes se substitue o segundo ao primeiro.

Se digo de um homem enraivecido: 'Este *homem* está furioso como um *leão;*' faço uma comparação, cujos termos são — *homem* e *leão.* Quando eu digo porém: 'Este *homem* é um *leão;*' a palavra *leão* é já uma Metáphora.

Esta será um meio de claresa para o discurso, uma vez que satisfaça as duas seguintes condições: —

1.ª Que o termo substituido ou comparado designe um objecto mais familiar, mais conhecido, mais claro por consequencia.

2.ª Que estes termos sêjam de tão proxima relação entre si, que o espirito do ouvinte ou leitor a possa facilmente attingir. A falta de alguma d'estas condições tira á Metáphora sua natural perspicuidade, e a torna difficil de entender. O tropo que se chama Metáphora, toma o nome de *Allegoria*, quando esta se prolonga em mais de uma palavra, guardada, todavia, a unidade do objecto. Exemplo de uma Allegoria: (Lus. Cant. VII. Ext. 78).

.... Mas ó cego
Eu, que commetto insano, e temerario,
Sem vós, Nymphas do Tejo e do Mondego,
Por caminho tão arduo, longo e vario!

Vosso favor invoco; que navego
Por alto mar com vento tão contrario,
Que, se não me ajudaes hei grande medo,
Que o meu fraco batel se alague cedo.

§. 2.°

Da Ironia.

A Ironia tem logar quando trocâmos uma por outra palavra, em virtude da relação de *contrariedade* que entre ellas haja; e essa fazemos sentir pelo tom com que a pronunciâmos, e prévio conhecimento do objecto de que se falla. Fallo, per exemplo, de um mau poeta; e digo com certo tom: '*E' um Virgilio!*' Eis-ahi a *Ironia.*

Esta especie de tropo não serve só para ridicularisar, senão para escarnecer de uma pessoa infeliz, a qual se não póde vingar; e então toma a Ironia o nome de *Sarcasmo.* Exemplo: Turno, depois de haver traspassado com a sua espada a Eumenes, ainda o insulta assim: (Eneida. Liv. XII. v. 359).

Eis, Troiano, medindo estás c'os membros
Campos, e Hesperia, a que aspiraste armado:
Taes premios leva, quem ousou tentar-me
Co'o ferro em punho; taes muralhas ergue.

Esta especie de tropo toma o nome de *Euphemismo*, quando d'ella nos servimos, não para algum dos usos acima indicados — mas para encobrir idéas tristas ou odiosas, sub signaes que designam ao contrario de taes idéas. Exemplo: (Lus. Cant. IV. Est. 60).

Porém depois que a escura noite eterna
Affonso *aposentou no Céo sereno.*

§. 3.°

Da Metonymia.

A Metonymia tem logar, quando trocâmos uma por outra palavra, em virtude da relação de *co-existencia* que haja entre os objectos per ellas designados.

Ora co-existem: —

1.° A *causa* com o *effeito*; e d'aqui a metonymia de *Neptuno* polo *mar*, *Vulcano* polo *fógo*, *Ceres* polo *trigo.* Exemplo: (Lus. Cant. VII. Est. 76).

Co'o fogo o *diabolico instrumento*
Se faz ouvir no fundo lá dos mares.

2.° O *continente* com o *contheudo*: vg. (Lus. Cant. VI. Est. 75).

Não menos gritos vãos ao ar derrama
Toda a náo de coelho com receio.

3.° O *signal* ou *symbolo* com a *cousa significada*: vg. (id. Cant. X. Est. 116).

Este milagre fez tamanho espanto,
Que o Rei *se banha logo na agua santa.*

4.° O *possuidor* com a *cousa possuida*, como em Diniz (Pyndar. Ode. I. Epod. 4).

Como da furia do valente braço
Neptuno proceloso
Todo tremeu medroso.

Não se repute cousa indifferente substituir ao nome de um objecto que existe, o de outro que co-existe: não é assim. — É de toda a força necessario que as

expressões figuradas sêjam *autorisadas pelo uso* de bons Autores da lingua, ou, ao menos, que o sentido litteral se apresente naturalmente ao espirito, sem offender a verosimilhança, nem revoltar o bom senso.

§. 4.°

Da Synédoche.

A Synédoche tem logar quando trocâmos um nome por outro, em virtude da relação de *todo* para *parte*, que haja entre os objectos.

Ora um *todo* póde ser *physico arithmetico*, ou *metaphisico*: d'aqui tres especies de Synédoche, que são:—

1.° O nome da *parte* polo do *todo*: vg. (Lus. Cant. III. Est. 45).

> A matutina luz serena e fria
> As estrellas *do pólo* já apartava.

ou o do *todo* polo da *parte*: vg. (id. Cant. V. Est. 24).

> Salta no bordo alvoroçada a gente
> Co'os olhos no *horisonte* do Oriente.

2.° Um numero *determinado* por outro *imdeterminado*: vg. (Diniz. Pyndar. Ode. XXVI. Antistroph. 1.ª)

> Sôbre as margens do Alphêo *cem carros* tenho
> A levar tua fama
> Pelas patrias dos ventos
> A um só acêno meu promptos, e attentos.

ou do *indeterminado* polo *determinado*: vg. (Lus. Cant. X. Est. 128).

> *N'aquelle*, cuja lyra sonorosa
> Será mais affamada que ditosa.

3.° O nome do *genero* polo da *especie*: vg. (Caldas. Tom. II. Cantat. 1.ª)

Ouvi cheios de susto,
Mortaes, a voz do Deus immenso, e justo.

ou o da *especie* polo do *genero*: vg. (Diniz. Pyndar. Ode. XX. Epod. 4.°).

Ao vêr da sua armada a pouca gente,
Ao fôgo as leves *faias*
Ardiloso entregou, e d'esta sorte
Aos seus ensina a affrontar a morte.

Note-se porém que para ser uma boa Synédoche não basta substituir ao nome de um todo o de *qualquer parte*; mas tambem é mister que se verifiquem duas condições: —

1.ª Que a parte, cujo nome substituimos ao do *todo*, sêja de tal importancia, segundo as circunstancias de que fallâmos, que per si mesmo nol-o accorde no espirito.

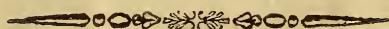
2.ª Que além d'esse quesito, o tropo sêja autorisado pelo *uso* de bons autores da lingua.

Esta, bem como todas as outras especies de tropos, póde ser uma fonte de ornato; e sob este ponto em vista, não fazem parte da *elegancia*.

Mas tropos ha que, ou suppoem relações mui proximas, ou por serem de uso mui vulgar na lingua, apenas servem para fazer adicção mais viva, mais elegante, sem todavia transpôrem os raios que extremam a elegancia do ornato.

Debaixo d'este ponto de vista é que aqui os considerâmos.

Fim.

Erratas mais notaveis.

PARTE 1.ª

Pag.	Lin.	Erros.	Emendas.
2	25	teem	tem
4	4	dithongo	dypthongo
5	28	peor	peior
7	22	subjecto	subjeito
,,	,,	teem	tem
8	3	determinando	determinado
,,	4	constitue	constituem
11	22	destributivo	distributivo
14	10	quantidade	qualidade
16	24	subentendido	subentendendo
31	29	Muitos	Muitas
38	2	supprindo	supprimindo
67	12	compulativas	copulativas

PARTE 2.ª

Pag.	Lin.	Erros.	Emendas.
77	17	Artigo 2.°	Artigo 1.°
81	29	suppõe	suppoem
83	22	embaracas	embaraces
84	29	ellementos	elementos
89	18	querida	crida
92	22	femenino	feminino
,,	28	colectivos	collectivos
93	17	Artigo 1.°	Artigo 2.°
,,	23	inergica	energica
94	1	encorrectamente	incorrectamente
95	12	Artigo 1.°	Artigo 3.°
98	29	conjucção	conjuncção
99	19	conjugação	conjuncção
104	28	restringindo	restringido
109	7	todas	Todas

Pag.	Lin.	Erros.	Emendas.
116	19	munto	muito
120	19	grammaticos	os grammaticos
130	22	de per de um	de per meio de um
,,	25	deprovados	depravados
133	11	appresentar	apresentar

PARTE 3.ª

Pag.	Lin.	Erros.	Emendas.
136	24	polmões	pulmões
138	19	n'ossa	nossa
147	12	n'essa	nessa
149	33	thonico	tonico
152	9	sibillante	sibilante
,,	4	homographos	homogeneos
159	22	auctor	autor
166	21	per baixo	per debaixo
168	23	amem se	amem-se
173	11	assular	assolar
,,	12	açular	açolar
176	17	mi	me

PARTE 4.ª

Pag.	Lin.	Erros.	Emendas.
178	7	appreciação	apreciação

PARTE ACCESSORIA.

Pag.	Lin.	Erros.	Emendas.
189	19	accorda	acorda
196	22	em	de
,,	26	adicção	a dicção